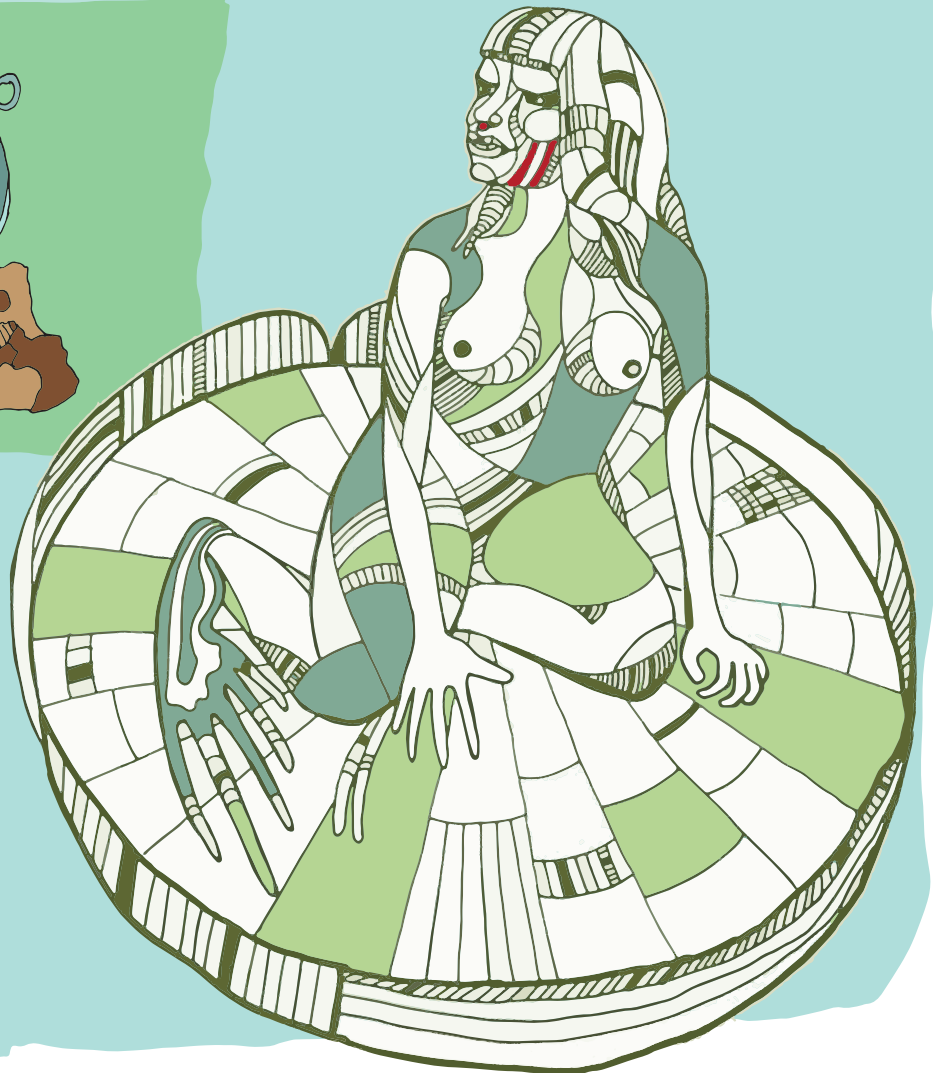
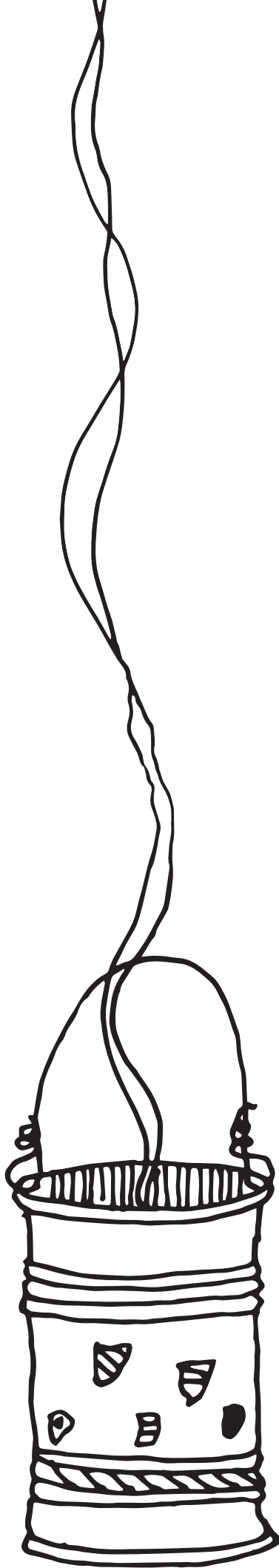


Sessões Educativas

com roteiros de orientações pedagógicas



Reinilda de Oliveira Santos



Apresentação das sessões educativas para os professores

As cinco sessões educativas sobre as religiões afro-maranhenses, acompanhadas de seus respectivos roteiros de orientações pedagógicas, que compõem a Aba Educativo do site do Museu Afro Digital do Maranhão, são resultado da pesquisa *“O AFRO-RELIGIOSO NO MUSEU: aba Educativo do Museu Afrodigital do Maranhão como instrumento para uma educação antirracista e humanista*, desenvolvida pela pesquisadora Reinilda de Oliveira Santos, no doutorado profissional do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Maranhão, de 2021 a 2025.

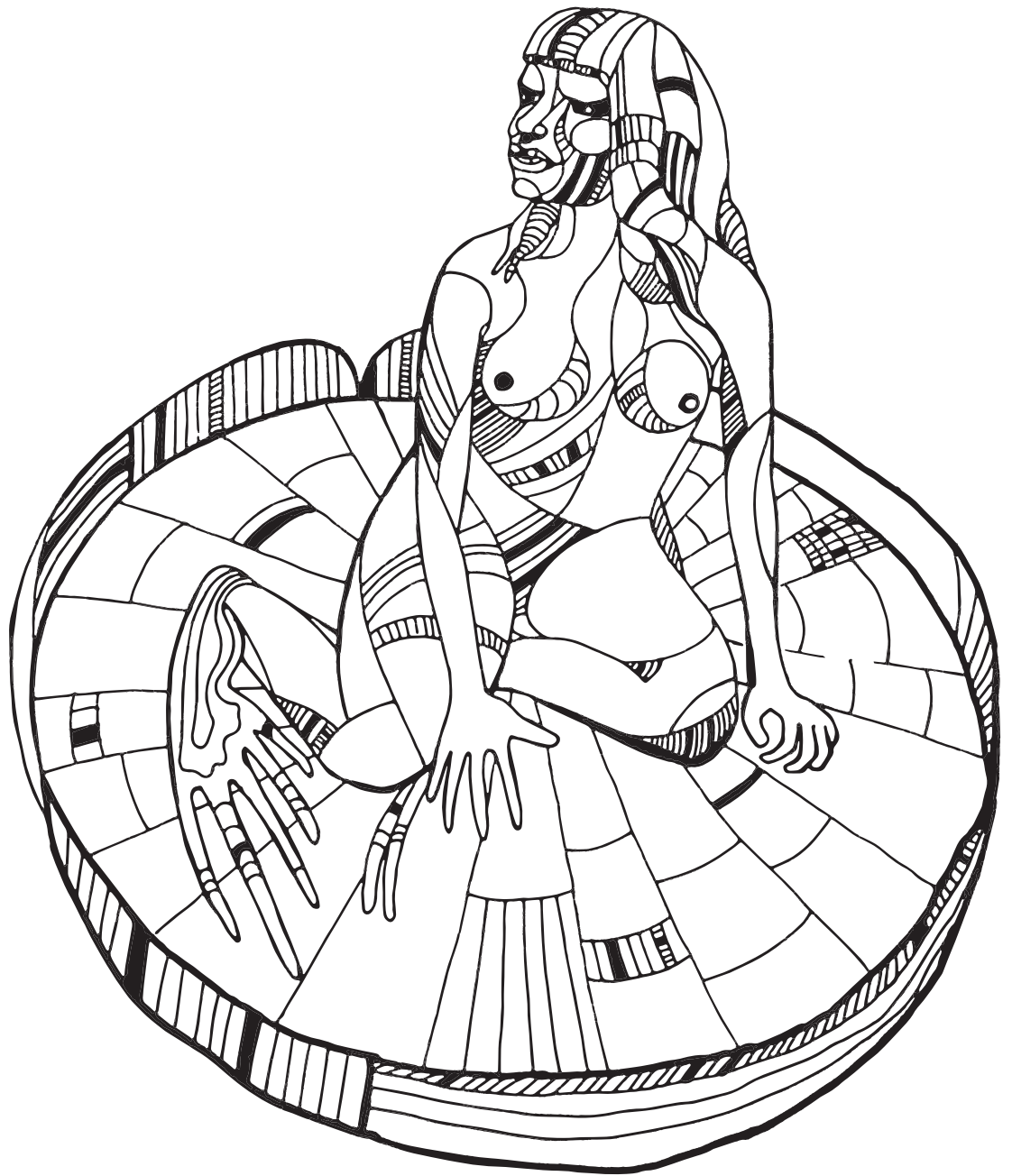
O universo religioso afro-brasileiro é um complexo, cheio de nuances, vicissitudes, sutilezas, sabedorias e segredos ancestrais. A exuberância estética e cultural destas manifestações será mostrada através das sessões educativas, que são destinadas a professores e professoras da educação básica, pesquisadores e membros das religiões afro.

Além disso, as religiões de matrizes africanas possibilitam diversas formas de aprendizado, através da oralidade, do resgate da memória, das maneiras de inventar e ler as experiências sociais. Por isso, esse universo é pensado não só como religião, mas também como cultura, estrutura familiar e modo de ver o mundo. As sessões foram elaboradas tendo como fundamento primordial a relação de pertencimento dos sujeitos representados e levando em consideração a polissemia e delicadeza do tema, com o intuito de evitar reforçar estereótipos.

A elaboração desse produto educacional tem por perspectiva valorizar o universo afro-religioso e promover o reconhecimento dos equívocos históricos que culminam no apagamento das concepções afro-religiosas ou mesmo nos julgamentos e exclusões de qualquer conhecimento sobre elas, o que se reflete também no chão da escola, espaço onde a diversidade precisa ser estudada e observada criticamente.

A antropóloga maranhense Mundicarmo Ferretti (2008) aponta que o termo religião afro-brasileira designa uma pluralidade de manifestações religiosas, organizadas bem antes da abolição por africanos e seus descendentes. Nessas manifestações, são cultuadas e entram em transe as entidades espirituais das nações jêje, nagô e bantos, respectivamente, os voduns, orixás e inquices. O transe com essas entidades ocorre normalmente em rituais realizados com tambores e cânticos nos terreiros, também chamados de casas de culto.

São muitas as definições usadas para as religiões afro-brasileiras: religiões de matrizes africanas, religiões tradicionais africanas, religiões afrodescendentes, religiões negras, religiões africanas no Brasil ou religiões de divindades. Entretanto,



quando pensamos em religiões afro-brasileiras, de imediato associamos aos orixás, cultuados no candomblé, e mais conhecidos no domínio público. Com efeito, existe uma variedade de religiões afro que se diferem pelos nomes, rituais, territórios e influências, que muitas vezes são vistas de forma homogênea e chamadas genericamente de macumba¹, sobretudo por quem não entende muito do assunto.

O Candomblé ganhou contornos nítidos na Bahia, mas se difundiu para outras regiões do país. Nele, cultuam-se os orixás, que são entidades que representam a energia e a força da natureza. Os ritos do candomblé são normalmente agrupados em “nações”, sendo a mais conhecida e disseminada a nação queto. Juntamente com outras nações como, ijexá, nagô e mina-nagô, ela pertence ao tronco conhecido como iorubá, com origens no continente africano, localizadas em partes da Nigéria e do Benim. Alguns autores são referências quando falamos do assunto, a exemplo de Pierre Verger, Edison Carneiro, Juana Elbein dos Santos, Luís Nicolau Parés, Luis Antonio Simas e Luiz Rufino.

O Tambor de Mina, vertente comum no Maranhão, é também praticado na região amazônica, em especial no Pará. Em São Luís, tem-se como referência dois terreiros, cujas origens remontam ao século XIX - Casa das Minas, Querebentã de Zomadonu, e Casa de Nagô, Nagô Abioton. Essas casas são entendidas em duas linhas principais - Jêje e Nagô -, sendo a maioria dos terreiros praticante do modelo da Casa de Nagô. Contudo, as definições isoladas não abarcam as inúmeras práticas do estado do Maranhão, cuja extensão territorial abrange 217 municípios.

Em numerosos municípios maranhenses, as práticas afro-religiosas podem ser chamadas de *Umbanda, Macumba, Badé, Berequete, Verequete, Pajelança, Jirunga, Panguara, Encantaria de Barba Soêra, Barba Soêra, Nagô, Iemanjá, Baía, Terecô, Bazunga, Fitê, Pajé, Cura, Brinquedo de Santa Bárbara, Tambor da Mata, Brinquedo de Cura* ou simplesmente *Brinquedo*, confirmando que a linha que divide essa diversidade é muito tênue. Mais informações podem ser encontradas no tópico 3.1.1 (Diversidade afro-religiosa do Maranhão) da tese que gerou este produto educacional. No entanto, temos como principais referências sobre a temática, os antropólogos Sérgio e Mundicarmo Ferretti.

Há outras concepções afro-religiosas no país, a exemplo do Xangô praticado em Alagoas e, sobretudo, em Pernambuco, sendo o Sítio de Pai Adão, em Recife, como terreiro de referência. É uma vertente que homenageia o orixá Xangô e outros

¹ De acordo com Berkenbrock (1998) o termo está associado à vertente religiosa de origem afro no Rio de Janeiro, e, embora seja utilizada de forma pejorativa por pessoas que não são membros das religiões afro-brasileiras, é uma referência comumente utilizada por membros de terreiros, sobretudo no interior do estado, para designar as festas ou um instrumento musical. É interessante destacar que, na maioria das vezes, os membros desconhecem os termos “acadêmicos”, “cientificizados” e, devido a isso, macumba acaba abarcando as diversas vertentes.



deuses, santos e orixás da cultura iorubá, com forte presença do jogo dos búzios, assim como no candomblé. É conhecido também por Xangô do Recife, Xangô do Nordeste e Nagô Ebá e é organizado em famílias de santos. Sobre o Xangô, temos como sugestão de pesquisadores Roberto Motta, Reginaldo Prandi e Raul Lody.

No Rio Grande do Sul, temos o Batuque, também conhecido como nação e, assim como no Candomblé, cultua os orixás e possui divisões conhecidas como nações (Ijexá, Oió, Jêje-Nagô e Cabinda), que representam diferentes linhagens e tradições africanas. Apesar de semelhantes, o Batuque se diferencia do Candomblé e do Xangô por aspectos litúrgicos, como a estrutura dos rituais, a forma de incorporação dos orixás e outras práticas específicas. Alguns autores com pesquisas sobre o tema são Norton Figueiredo Corrêa, Reginaldo Gil Braga e Luiza Spinelli Pinto Wolff.

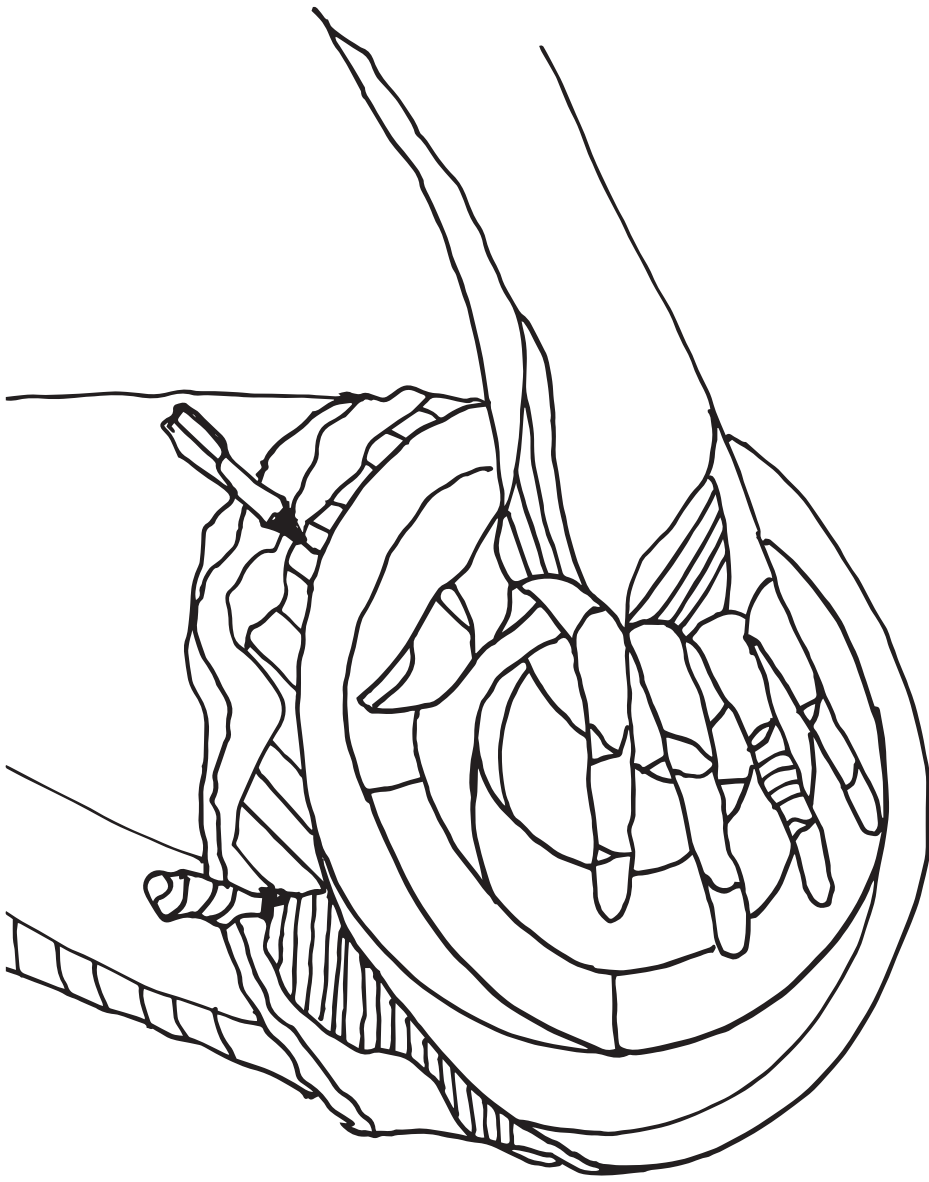
No Rio de Janeiro, embora se pratique o Candomblé, a Umbanda ganhou muita força, sendo uma vertente afro-religiosa fortemente influenciada pelo espiritismo kardecista e genuinamente brasileira. Ela é fruto do sincretismo entre catolicismo popular, kardecismo, concepções religiosas indígenas e africanas, e cultua orixás, entidades como Caboclos e Pretos Velhos, além de guias espirituais. Autores que pesquisam a Umbanda são Reginaldo Prandi, Bruno Reis, Diana Marrom, Rubens Saraceni.

Vale lembrar que no Maranhão muitos terreiros se denominam Umbanda, em decorrência da Federação de Umbanda, que foi criada na década de 1960, e que todas as casas de culto precisam se filiar para poder se legalizar.

Diante do exposto, o objetivo das sessões é apresentar um pouco do imenso e complexo universo das religiões afro-maranhenses. A escolha das temáticas de cada sessão se deu em decorrência de sua relevância dentro dos terreiros e também por acreditar que são temas esclarecedores, que nos permitem mergulhar na dinâmica de organização, desenvolvimento dos rituais e entendimentos sobre as características das entidades.

A primeira sessão, intitulada *Vestindo o santo*, aborda as indumentárias rituais, em suas formas, cores e fundamentos que estão relacionadas aos gostos, modos de agir, viver e sentir coletivos. Elas são muito variadas, se relacionam com a idade e o sexo das entidades e identificam as famílias espirituais, a exemplo dos pretos velhos que costumam usar preto e branco, as entidades de rua, que usam preto e vermelho; o povo das águas, que veste, em destaque, o azul. Além do mais, os trajes utilizados nos terreiros do Maranhão possuem peculiaridades de acordo com as diferentes vertentes afro-religiosas e vestir o santo ou vestir-se para o santo é uma das etapas mais relevantes nos rituais de terreiros.

As comidas ritualísticas da sessão *Comida de Santo* foram escolhidas pela diversidade, modos de preparo e, principalmente, por sua raridade. Elas são mais do



que simples preparações culinárias; são rituais sagrados que conectam os adeptos às entidades e à ancestralidade. Cada ingrediente, cada modo de preparo, carrega consigo simbolismos que remetem à espiritualidade e à preservação da fé. Além do mais, as comidas são feitas de acordo com as circunstâncias, gostos, restrições, proibições ou celebrações do terreiro ou das entidades para as quais são ofertadas.

A sessão *Símbolo de terreiro* traz defumador, cruzeiro, velas, pontos de assentamento, imagens/vultos e altares/santidade, elementos imprescindíveis e conectados à vivência no terreiro. Por exemplo, quando o povo de santo chega no salão, mensuram os pontos de assentamento e o altar, utilizam o defumador na abertura do tambor, quando muda a corrente, para circundar os curandeiros, os tambores e o pé do altar. Além do mais, o cruzeiro é um dos principais pontos de força da casa.

As *Moradas de Encantados*, apresentadas na sessão quatro, foram escolhidas por serem pontos de força, locais em que a entidade se encantou e passou para o lado espiritual. No texto, traremos mitos, estórias e localidades em uma geografia cuja existência pode ser real, como a pedra de Itacolomi, a ilha dos Lençóis e ilha dos Caranguejos, ou fixada no imaginário popular, a exemplo do reino de Camundá e lagoa do Pajeleiro. Além disso, essas moradas podem estar relacionadas a um tempo específico, como a morada do Rei Sebastião.

A última sessão, *Instrumentos e cantos sagrados*, explora o universo das doutrinas e dos instrumentos que dão cadência aos rituais afro-religiosos. Nos terreiros maranhenses utilizam-se o abatá, o tambor da mata e cabaças, no entanto, muitos outros instrumentos musicais podem fazer parte do conjunto, a exemplo, do pandeiro/adufe, borá saxofone, sanfona, triângulo, agogô, matraca, maracá, tarol, pífano/pife, taboca, ganzá e recursos (assobios, imitação de pássaros, garrafas, folhas de flandres, caixa). E a combinação do som desses instrumentos com as doutrinas cantadas, estabelece a conexão com o sagrado.

Cada sessão possui um roteiro com orientações direcionadas a professores do Ensino Médio que sugere um diálogo com os objetos do conhecimento propostos nos livros didáticos e no Caderno de Orientações Curriculares para o Ensino Médio da Rede Estadual do Maranhão (COPEM), nas aulas de história e em ações interdisciplinares na escola.

O roteiro traz o passo a passo de como utilizar o material na sala de aula, começando com o tema, a série à qual ela se destina, o tempo de duração da aula de história e sugestão de atividades interdisciplinares, com indicação de disciplinas afins; possui também palavras-chave, aprendizagens e objetivo da sessão; metodologias de ensino, recursos didáticos e tecnológicos, referências; competência e habilidades da BNCC e do COPEM, além de uma habilidade sugerida.



Na metodologia de ensino a orientação é que o professor divida as aulas em três (3) momentos, começando com a sala de aula invertida, em que os alunos terão acesso a materiais, como exposições fotográficas, acervos de museu, músicas, vídeos do Youtube, blogs. A 1ª aula - Exploração Teórica, pede que o professor faça a contextualização da temática com a introdução da sessão utilizada. Sugere-se também que ele comece a aula a partir do que os alunos sabem sobre o tema e que, depois, divida a sala em grupos para leitura dos tópicos presentes na sessão.

Na 2ª aula - Atividade Prática/Avaliativa, a orientação é que se faça a discussão da temática, estimulando o debate e a troca de ideias entre os alunos, a partir de reflexão crítica sobre a diversidade religiosa e cultural. Após a sessão e finalize com apresentação dos grupos, em que cada grupo realiza uma breve exposição sobre os elementos presentes nos tópicos da sessão, destacando sua importância cultural e religiosa e a relação com sua vivência.

Espera-se que os professores possam inserir conteúdos referentes ao universo afro-religioso do Maranhão nas salas de aula, a fim de ampliar os conhecimentos, mas também de contribuir para a construção de identidades e para o exercício da cidadania, uma vez que compreender e respeitar elementos desse universo é essencial para promover a inclusão e combater o racismo religioso.

Além disso, ao incorporar elementos afros no processo de ensino-aprendizagem, os educadores proporcionam aos estudantes uma visão ampliada do patrimônio cultural e religioso brasileiro, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, capazes de valorizar e respeitar a diversidade em todas as suas manifestações. Além do mais, a partir da sessão o professor pode propiciar aos estudantes o fomento ao respeito à Liberdade Religiosa, pois ao compreender as práticas religiosas diversas, os alunos são incentivados a respeitar a diversidade religiosa, reconhecendo que a pluralidade de crenças é um direito fundamental e isso reflete na sociedade, à medida que propicia atitudes mais inclusivas.



Vestindo o Santo



Reinilda de Oliveira Santos



Festa de Iemanjá - Praia do Araçagi / São Luís

Fonte: Reinilda Oliveira (2023)



Festejo de N. Senhora das Graças / Terreiro-Caxias

Fonte: Reinilda Oliveira (2021)

VESTINDO O SANTO: roupas, guias, calçados e apetrechos

Esta sessão foi elaborada para contribuir com seu entendimento acerca do universo afro-religioso no contexto do Maranhão, trazendo informações sobre as indumentárias utilizadas nos terreiros. As vestimentas e seus acessórios desempenham um papel fundamental nas práticas afro-religiosas e, por isso, devem fazer parte dos conteúdos necessários ao processo de ensino-aprendizagem nas instituições educacionais, se queremos uma educação que respeita a diversidade e que seja voltada à cidadania. Ricos em simbolismos, roupas e apetrechos transcendem o âmbito religioso, contribuindo para a construção da identidade cultural afro-brasileira. Cada peça de roupa, cada acessório, carrega consigo significâncias profundas relacionadas às entidades cultuadas e aos princípios éticos das comunidades de que os praticantes da religião fazem parte.

As indumentárias afro-religiosas representam um símbolo de resistência e afirmação de identidades. E já que a educação tem como objetivo criar condições para o exercício da cidadania e é no processo de ensino-aprendizagem que ocorre a apropriação da cultura e, conseqüentemente, o desenvolvimento do sujeito, a falta de conhecimento sobre o tema leva à perpetuação de estereótipos, preconceitos e discriminação. Ao levar para a sala de aula aspectos das religiões afro-brasileiras, estamos proporcionando aos alunos a oportunidade de conhecer e respeitar as diferentes manifestações culturais que compõem a sociedade, a fim de desconstruir ideias preconcebidas, combater a intolerância e o racismo religioso¹, além de fortalecer a consciência histórica.

Desta forma, é necessário que tenhamos uma educação comprometida com o antirracismo, para que os alunos compreendam as noções de privilégio e desigualdade racial e reflitam sobre como o racismo está presente em diferentes esferas da sociedade e como as pessoas podem contribuir para uma mudança efetiva; a educação antirracista vai além do conhecimento teórico, ela incentiva a participação ativa na promoção da igualdade racial e a implementação de políticas e práticas de ações afirmativas com impacto na sala de aula, que ajudam a sanar as desigualdades históricas e proporcionar maior equidade social. Essa educação busca formar indivíduos mais conscientes, capazes de refletir, resistir e combater práticas discriminatórias em todas as esferas da vida.

¹ Celebrado em 21 de janeiro, o **Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa** foi instituído em 2007 por meio da Lei 11.635, sancionada com o objetivo de visibilizar a luta pelo respeito a todas as religiões. A pena para quem pratica ato de intolerância religiosa foi aumentada em 2023 com sanção da Lei 14.532 (de 11 de janeiro de 2023), que equipara injúria racial ao crime de racismo e protege a liberdade religiosa. Desde então, é de dois a cinco anos de prisão, além de multa, a pena para quem obstar, impedir ou empregar violência contra quaisquer manifestações ou práticas religiosas, conforme essa Lei. É a mesma pena prevista para o crime de racismo, que é inafiançável e imprescritível. (Brasil, 2024, p. 9-10)

As indumentárias utilizadas nos terreiros do Maranhão possuem peculiaridades de acordo com as diferentes vertentes afro-religiosas. Vestir o santo ou vestir-se para o santo é uma das etapas mais importantes nos rituais dos terreiros. “Vestir o santo é vestir-se com a roupa e insígnias que caracterizam a identidade mítica do seu orixá.” (Lopes, 2015, p.08) Isto está relacionado às casas e a um conjunto de signos, cores, adornos, emblemas, guias, apetrechos, tudo de acordo com o gosto e fundamento dos encantados, como mostrado nas fotografias da página anterior.

As roupas ou alafandanga, como alguns encantados chamam, são feitas geralmente de cetim, oxford, chita, renda e rechilieu. E existe toda uma ciência para cuidar delas, como observou João Marcello Gomes (2023), pai de santo de Pindaré-Mirim: “essas roupas nunca podem ser lavadas ou guardadas junto com roupa pessoal, porque são roupas dos encantados, são as vestes deles, diferente da roupa de pecador”.

Há costureiras, bordadeiras e lojas especializadas que trabalham para os terreiros, as roupas podem ser inclusive desenhadas por determinadas entidades, como proposta para alguma obrigação e são compostas por saia e blusa, calça, camisa e mandrião/batas, e a elas podem ser acrescentados calçados, capa, com ou sem capuz, apetrechos como painas, toalhas, torços, guias, manta de miçanga, faixas de cintura, cintos, coroas, bengalas, cartolas, chapéus, joias, glanchamas, anáguas, véus, lenços, leques.

*Mas cadê a minha espada
A que eu mandei você lavar?
Ou tá lavada com areia lá do fundo do mar,
Beira Mar, Ê, É Beira Mar,
A minha espada mamãe eu quero ver
A minha espada papai pra mim vencer.*

(Doutrina da Tenda São José/ Pirapemas)

*Rema canoa remeiro
Que eu também sou remador
Que a ponta da espada
Maré molhou*

(Doutrina do pai de santo Nhozico/ São José de Ribamar)

Ao despir-se de sua roupa e vestir a roupa de razão, o indivíduo deixa sua vida do lado de fora do terreiro. No terreiro não há distinção entre o publicitário e a doméstica, não há distinção entre aquele que chegou a pé e o que estacionou seu carro importado. Todos são filhos-de-santo com direitos e deveres, que vivem sob a rígida hierarquia religiosa. (Sousa, 2006, p. 20)

Fonte: Reinilda Oliveira (2023)



Festa de Iemanjá- Praia do Araçagi / São Luís

Pés descalços- Tenda Espírita de Santa Bárbara/ Caxias



Calçados

Os calçados nos terreiros são chamados de sandálias, afopá/mocó, e tem encantado que chama de casco, mas tudo varia de acordo com as casas, inclusive em alguns terreiros as pessoas dançam descalças. Eles podem ser feitos de couro, tecido, sola, napa, verniz e encomendados de acordo com as preferências das entidades, podendo ser modelos exclusivos ou iguais para todos os filhos de uma casa. No terecô, por exemplo, é possível fazer as roupas combinando com os sapatos, dependendo da obrigação.

Sandália de couro - Tenda Espírita de Santa Bárbara/ Caxias

Fonte: Reinilda Oliveira (2019)





Fonte: Reinilda Oliveira



Diversidade de cores, forma, tamanhos e detalhes das guias / rosários



Guias

Guia, fio de conta ou rosário² são os colares utilizados nas religiões afro. Eles variam de acordo com o município/região e especificidades de cada guia espiritual, podendo ter variação de cor, formato e elemento, conforme a vertente na qual a entidade atua. Geralmente o povo de santo possui várias guias, representando seus diferentes santos de cabeça. Inclusive, em São Luís, as guias podem trazer a identidade da casa, a qual a pessoa pertence.

O pai de santo João Marcello de Oxóssi ou compadre João Marcello, como é mais conhecido, afirmou que na sua região, município de Pindaré-Mirim, o que chamam de rosário era antes conhecido como conta de Santa Maria ou bala de Santa Bárbara. Mas agora não se encontra mais esse tipo, estão usando os rosários de miçangas. Em cada casa existe uma marcação, que é a cor do chefe da casa da qual a pessoa faz parte. Ele disse que na casa de mestre Bita do Barão, da qual foi filho, usa-se verde, vermelho e branco, as cores da mata codoense, de Légua Bugi. Então cada cor é determinada pelo guia e tem a quantidade de fios. Se você começou agora, você usa 1 fio, se tem um certo período são 3.

O fio-de-contas é um emblema social e religioso que marca um compromisso ético e cultural entre o adepto e o santo. É um objeto cotidiano, público, situando o indivíduo na sociedade do terreiro. Há critérios que compõem os textos visuais dos fio-de-contas, proporcionando identificação de santos, papéis sociais, rituais de passagem ou ainda fios-de-contas mais sofisticados, que, além de identificar o indivíduo, sua situação no terreiro, ainda identificam o tipo de nação, ora por cor, ora por emblema. (Lody, 2001, pp. 59)

² Os encantados da Mina são representados nos terreiros, principalmente, por seus rosários (colares usados nos rituais) e por suas guias (colares menores). (Ferretti, M, 2000, p. 77)

O pai e mãe de santo, na visão do pai de santo João Marcello, é o dono do terreiro e tem como função zelar pelo próprio santo, do terreiro e dos filhos de sua casa. Ele é mais que um pai/mãe, ele é médico, conselheiro, psicólogo. Segundo ele, o pai de santo ou zelador, como também é chamado, tem muitas funções.



A guia pode ser feita com diferentes materiais, como cordão de náilon ou barbante, acrescidos de miçangas, conchas do mar (mostrado na fotografia abaixo), sementes, ossos, madeira, pedras naturais furadas, contas de porcelana, cristais. Na ponta colocam-se pingentes, como figa, cruz, estrela de Davi- “cinco/signo Salomão”, ferramentas (miniaturas de itens associados às entidades), pedras, cabaças pequenas, tudo de acordo com o gosto do encantado a qual ela se destina.

Na parte de trás, usa-se um tipo de conta, pedra ou miçanga maior, chamada de firma ou cabo-verde, lá é o ponto de força da guia, e por isso é necessário que esteja em contato com a nuca da pessoa. De modo geral, esses materiais são comprados em lojas de artigos místicos ou armarinhos; além disso, há pessoas do santo especializadas na produção das guias.

Priscila Aguiar (retratada nas fotografias abaixo), filha de santo da Casa de Mãe Severina de Santa Rosa dos Pretos, Itapecuru-Mirim, disse que por lá chamam as guias de rosário ou rosário-guia e elas podem ter muitas pernas, que é a quantidade de fio, variando entre 3, 7, 9 e 21 pernas; quanto mais pernas, mais grosso ele é, e quem define essa quantidade é o guia.

Fonte: Reinilda Oliveira (2022)



Guias/rosários- Terreiro Camafeu de Oxóssi/ Bairro Araçagi

Priscila contou que os rosários são construídos e consagrados de acordo com o fundamento da casa, o mistério de cada guia, isso está relacionado com as cores e objetos que serão colocados. Seu Ciarencinho (entidade) pediu um rosário com 7 pernas/fios. Ele é um turco e seu rosário tem as cores verde, amarelo e vermelho, cores da Turquia, e tem uma estrela de Davi. Esses rosários são consagrados em banho de ervas e esse banho também é de acordo com o gosto e a linha do encantado. Seu Ciarencinho, por exemplo, gosta da oriza, que é uma planta de força para as correntes dele.



Priscila Aguiar incorporada com seu Ciarencinho e em uma situação cotidiana

O que eles também acham disso...



O filho de santo Fernando Cardoso, do terreiro Tenda Jurandiense de Itapecuru-Mirim, afirmou que as guias, depois de preparadas, passam por um banho de luz, banho que vai consagrar e dar aquela firmeza (que é a fluidez da energia de reafirmação do médium com a entidade), para que ela cumpra sua finalidade com o guia e o médium.



Diego, filho de santo do terreiro Tribuna Jurandiense, em Itapecuru-Mirim, destacou que tudo começa no processo de feitura, quando o pai de santo vai tomar conhecimento a qual entidade/orixá o médium pertence. Depois disso, tem um preceito para que seja confeccionado o fio de conta. Geralmente as cores são específicas das entidades que o médium carrega. Ele disse: “eu tenho como farrista seu Zé de Légua, membro da família de légua, eu poderia colocar na minha guia um chapéu, um laço de couro, ou uma firma ou cabo-verde na cor que a entidade gosta.”



O pai de santo Gustavo Costa, do Terreiro Rei Sebastião, em São Luís, disse que os rosários são feitos sob preceitos, servem para nossa identificação e para nossa proteção, “somos protegidos por aquela energia, por aqueles fios de contas que estão no nosso pescoço e protegem todos os nossos chacras”.

Apetrechos

Apetrecho aqui é entendido como o conjunto de elementos que complementam as roupas de santo nos rituais de terreiro. O Babalorixá Euclides Ferreira (2003, p. 43) destaca que, “na cura, ao iniciar, o curador ou curandeira, de antemão deverá estar arrumado com todos os seus apetrechos (glanchamas ou fitas, maracá, penacho e tauarí-espécie de charuto com essências).”

Glanchamas / calanchamas

Glanchama é uma espécie de bandoleira, usada em rituais de cura/pajelança, que podem ser construídas com faixas, cordões, fitas coloridas, e são amarradas e atravessadas em várias partes do corpo dos pajés, nos braços, tórax, cintura, dando firmeza para os médiuns. Pai Euclides Menezes (2003, p. 26) destacou que “as glanchamas são uma espécie de suporte que impede que algo de negativo se aproxime do curandeiro, é uma determinada firmeza”. Geralmente, ela é acompanhada do maracá e penacho, como vemos na seguinte doutrina da linha de Cura, “Servente da minha mesa, escute q’eu vou cantar, Tira a minha ‘glanchama’, deixa só meu maracá”.

Fonte: Jandir Gonçalves

Fonte: Jandir Gonçalves



Quem Escreve

Mundicarmo Maria Rocha Ferretti é antropóloga, professora Emérita e Titular da Universidade Estadual do Maranhão, e cofundadora do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura Popular- GP Mina. Autora e colaboradora de livros científicos e de artigos publicados em periódicos de Cultura Popular e Religião Afro-brasileira. É membro titular da Associação Brasileira de Antropologia- ABA, e da Comissão Maranhense de Folclore-CMF. Possui vários trabalhos premiados em concursos realizados no Maranhão.



Trechos de seu livro Desceu na Guma, em que referencia as glanchamas

“O servente ajuda o pajé a amarrar as ‘glanchamas’(faixas) em seus braços, pernas e cintura (‘para a firmeza de suas linhas’) e entrega-lhe o penacho de arara, o maracá e a ‘pana’ da entidade espiritual que abre a Cura e acompanha-o até o barracão, defumando o lugar por onde vai passando e o barracão onde vai realizar o ritual.” (Ferretti, M.,1996, p.143)

“No encerramento do ritual, o pajé, incorporado com seu mestre de Cura, canta pedindo ao servente para desamarrar suas glanchamas (faixas), a fim do encantado nele incorporado poder voltar à água doce (de onde veio)”. (Ferretti, M., 1996, p.145)

Penacho e maracá

Penacho e maracá são elementos utilizados, em conjunto, nos rituais de cura, também conhecidos como pajelança, brinquedo de cura, ou simplesmente brinquedo. Em Pindaré-Mirim, Monção e Santa Inês este ritual é denominado maracá.

Na concepção do pai de santo Euclides Menezes (2003), o penacho é o adereço que faz a espanação nas pessoas e em cima de suas enfermidades no ato da cura. É um conjunto de 10 a 15 penas de arara, em forma de espanador, tendo a parte inferior, o formato de um cabo, onde se prendem em laços de fita e cores diversas. Esse apetrecho normalmente é usado na mão esquerda, já que o maracá é usado na mão direita.

Fonte: Jandir Gonçalves

Fonte: Jandir Gonçalves



Penacho, glanchamas e maracá sobre a mesa – e na mão de mãe Euzita - Terreiro em São Luís

O maracá, também conhecido por chama, é o principal instrumento do curandeiro, como argumentou Euclides Menezes (2003). É através dele que o mestre capta toda sua energia espiritual. É feito de cabaça, preferencialmente da cabaça do uruá, uma planta rasteira, cujos frutos são pequenos, já na medida certa para a confecção do maracá. Após a cabaça ficar seca, são retiradas as suas sementes, para que sejam colocadas as sementes da sororoca, planta. Na parte inferior do maracá é colocado um cabo de madeira, onde o pajé segura, para sacudi-lo, emitindo um som bastante parecido com o som do chocalho da cobra cascavel.



Maracá na mão do pai de Santo Gustavo- São Luís

Painas / panas

Painas/panas também são conhecidas por espada. É um paramento, em faixa larga e comprida, que o povo de santo utiliza em torno do pescoço, na cintura ou na mão durante as celebrações. Para Euclides Menezes, paina ou espada são pedaços de tecidos, que variam de 50 a 150 cm de comprimento, em cores variadas, e que normalmente têm as iniciais ou o nome do mestre. Em algumas são desenhados símbolos como estrela, signo de Salomão, etc. Estas painas são usadas pelo curandeiro em um dos braços ou às vezes sobre o pescoço. (Ferreira, 2003, p.40)

Fonte: Reinilda Oliveira (2022)



Fonte: Reinilda Oliveira (2022)



Fonte: Reinilda Oliveira (2022)



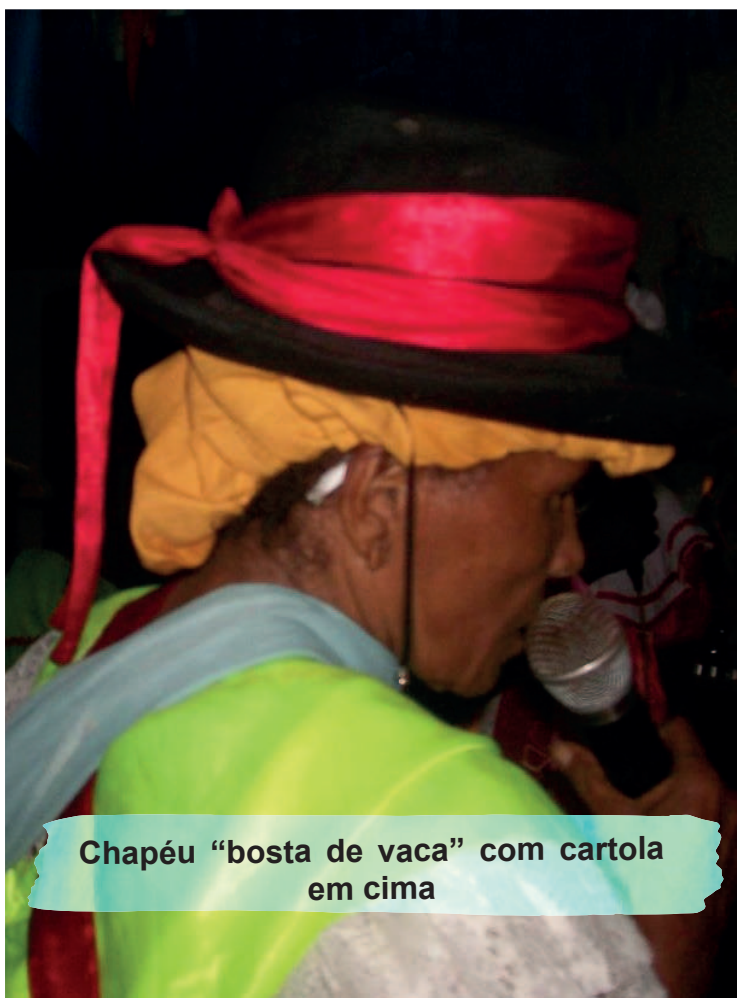
Painas- Terreiro Camafeu de Oxóssi

Chapéu

O chapéu é muito utilizado nos terreiros, tanto para caracterizar as entidades, como para proteger a cabeça. Quando vão fechar o tambor, por exemplo, cobre-se a cabeça com chapéu, torço, toalha ou lenço.

Há uma diversidade de chapéus no universo da encantaria, eles são solicitados pelos encantados e obedecem aos seus gostos, que podem ser definidos pela energia (masculina ou feminina) da entidade, pela linha ou pela celebração. Podem ser de materiais, cores e tipos diferentes, podendo ter ou não lenço embaixo.

Diversos materiais são utilizados para sua confecção, como: feltro, fibra sintética, napa, palha, couro, tecido. Além disso, há tipos diferentes como chapéu de marinheiro, boina, fez (chapéu turco), cartola, quepe, chapéu bosta de vaca³, mostrados nas imagens abaixo, capturadas por Jandir Gonçalves, na Casa de Dona Roxa, em Bacabal.



Chapéu “bosta de vaca” com cartola em cima

Fonte: Jandir Gonçalves



Chapéu “bosta de vaca”

Fonte: Jandir Gonçalves

³ Chapéu feito de tecido, com desenhos ou com estampa colorida e floral. Em Bacabal percebemos a presença mais intensa desse modelo de chapéu.

O chapéu pode fazer conjunto com torsos, lenços, bengala, leques, buquê de flores, joias, cachimbo, corda de laçar (no caso de vaqueiro, ilustrado na imagem abaixo) e pode harmonizar com a indumentária, comportamento, canto e dança do ritual.



Chapéu de couro e laço combinando- Tenda São Jorge-Carutapera

Fonte: Jandir Gonçalves



**Imagens vestidas com roupas e apetrechos da festa-
Tenda São Jorge/ Carutapera**

Fonte: Jandir Gonçalves

As entidades princesas preferem os chapéus floridos e rendados, os pretos velhos usam chapéu de palha, o povo de légua tem preferência pelo chapéu de couro ou feltro. Por vezes, são característicos de suas profissões como marinheiro e vaqueiro, inclusive alguns vaqueiros usam chapéus bordados com canutilho e miçangas, com desenhos e imagens de santos. Representações das entidades também podem usar as indumentárias e acessórios, com os temas de celebrações.

Outros apetrechos fazem parte desse rico universo como joias (colares, terços, anéis, brincos, pulseiras); Gravata (lenço amarrado no pescoço, utilizado por encantado masculino); Leques (utilizado por princesas, pomba gira); Coroas (característico dos pais de santo da Baixada Maranhense); Diademas dos indígenas (usado em festa de índio) e tantos outros que seguem o gosto do encantado ou das pessoas que os recebem.

Esta sessão pode ser trabalhada para fortalecer o respeito à diversidade, a compreensão cultural e a construção de uma sociedade mais inclusiva, tendo em vista que, ao reconhecer e valorizar as tradições religiosas afro-brasileiras, contribuímos para a construção de um ambiente educacional mais enriquecedor e respeitoso com as múltiplas identidades do país. Ao trazer as indumentárias afro-religiosas para o ambiente educacional, os professores também têm a oportunidade de abordar questões relacionadas à formação histórica e cultural do Brasil e combater o racismo religioso. Dessa forma, os alunos não apenas adquirem conhecimento sobre uma expressão cultural específica, mas também desenvolvem habilidades críticas e sensibilidade cultural.

Referências

BRASIL. **Ministério da Igualdade Racial**. Brasília. 2024. Diretoria de Políticas para Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana e de Terreiros (DPTMAT). Guia de orientação para denúncias de racismo religioso. Brasília. 2024.

FERRETTI, Mundicarmo. **Desceu na Guma: o Caboclo no Tambor de Mina**. São Luís, EDUFMA, 2000.

FERREIRA, Euclides Menezes. **Pajelança**. São Luís: Editora Estação Produções LTDA, 2003.

LODY, Raul. **Jóias de Axé: fios-de-contas e outros adornos do corpo: a joalheria afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

LOPES, Maria Aparecida Oliveira. Introdução a arte afro-brasileira. In **XXVIII SIMPOSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios**. 27 a 31 de julho de 2025. Florianópolis.

SOUZA, Marcelo De Salete. **Museu Afro Brasil: o reconhecimento da cultura material e simbólica afro-brasileira**. Monografia em artes plásticas. São Paulo: USP, 2006.

Entrevistas

GOMES, João Marcello. [Entrevista concedida a] Reinilda de Oliveira Santos. Pindaré-Mirim, fevereiro de 2023.

AGUIAR, Priscila Conceição. [Entrevista concedida a] Reinilda de Oliveira Santos. São Luís, junho de 2023.

CARDOSO, Fernando. [Entrevista concedida a] Reinilda de Oliveira Santos. Itapecuru- Mirim, maio de 2023.

LIMA, Gleison Diego. [Entrevista concedida a] Reinilda de Oliveira Santos. Itapecuru- Mirim, maio de 2023.

COSTA, Gustavo. [Entrevista concedida a] Reinilda de Oliveira Santos. São Luís, junho de 2022.

INSTRUÇÃO TÉCNICA E ELABORAÇÃO DAS SESSÕES EDUCATIVAS DA ABA EDUCATIVO DO MUSEU AFRO DIGITAL DO MARANHÃO



Pesquisa e Texto:

Reinilda Oliveira e Jandir Silva Gonçalves

Orientação:

Viviane de Oliveira Barbosa

Capa e Projeto Gráfico:

Claudio Lima

Fotografias:

Reinilda Oliveira, Jandir Gonçalves e MAD MA

Entrevistas:

Fernando Cardoso, Gleison Diego Lima,
Gustavo Costa, João Marcello Gomes e
Priscila Conceição Aguiar

Apoio:

Universidade Estadual do Maranhão
Programa de Pós-graduação em História
Museu Afro digital do Maranhão



ROTEIRO DE ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Tema da sessão	VESTINDO O SANTO: roupas, guias, calçados e apetrechos
Objetos do conhecimento¹	Herança histórico-cultural e a importância da preservação da memória
Série	1ª Série do Ensino Médio
Duração	2 aulas
Área do conhecimento na BNCC / Subárea	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas / História
Competências da área na BNCC	5- Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
Habilidades da BNCC	(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
Habilidades COPEM	(EM13CHS104) - Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
Habilidade sugerida	Analisar o significado cultural, simbólico e histórico das indumentárias utilizadas nos rituais afro-religiosos e, a partir disso, refletir sobre sua relação com a identidade, ancestralidade e resistência, problematizando como o

¹ De acordo com o Caderno de Orientações Curriculares para o Ensino Médio da Rede Estadual do Maranhão (COPEM).

	desconhecimento sobre a temática reflete em diferentes formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação.
Palavras-chave	Terreiro, vestimentas sagradas, simbolismo, identidade, pertencimento
Aprendizagens essenciais na BNCC	Respeito aos direitos humanos e à interculturalidade e o combate a preconceitos de qualquer natureza.
Objetivos²	<ul style="list-style-type: none"> - Ampliar o conhecimento sobre o universo afro-religioso maranhense, já que a falta de conhecimento sobre o tema leva à perpetuação de estereótipos e preconceitos e à discriminação propriamente dita; - Estudar aspectos das religiões de matriz africana na sala de aula, desconstruindo ideias preconcebidas, combatendo o racismo religioso, e fortalecendo a consciência histórica; - Compreender a importância das vestimentas e de seus acessórios na vida cotidiana dos afro-religiosos, como itens de proteção e elementos de fé para subsidiar o combate ao racismo.
Metodologia de Ensino	<p>- Sala de aula investida; aula expositiva e dialogada; apresentação de seminários em grupos.</p> <p>Sala de Aula Invertida: pedir que os estudantes olhem as fotografias da exposição “Olhares, costuras e segredos dos sagrados afro-brasileiros”, da Zum Revista de fotografia (link disponível na referência) e, no dia da aula, apresentem suas percepções sobre o material visto.</p>

² No Ensino Médio, a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade.

1ª aula - Exploração Teórica- aula expositiva e dialogada

- Abrir a discussão contextualizando a temática das indumentárias afro-religiosas com o objeto do conhecimento do Caderno de Orientações Curriculares para o Ensino.
- Depois, focar nas indumentárias utilizadas nos terreiros, destacando que elas possuem exuberantes peculiaridades e que vestir o santo ou vestir-se para o santo é uma das etapas mais importantes nos rituais dos terreiros e isso está relacionado às casas e a um conjunto de signos, cores, adornos, emblemas, guias, apetrechos, tudo de acordo com o gosto e fundamento das entidades afro-religiosas;
- Problematizar a aula a partir do que os estudantes sabem sobre o tema e o que viram nas fotografias da revista Zum;
- Dividir a sala em 4 grupos para leitura, sendo um grupo para cada tópico apresentado na sessão.

2ª Aula - Atividade Prática/Avaliativa- apresentação de seminários em grupos

- Apresentação dos Grupos - cada grupo realiza uma breve exposição sobre os elementos presentes nos tópicos da sessão, destacando sua importância cultural e religiosa.
- Depois discutir a temática, estimulando o debate e a troca de ideias entre os estudantes, a partir de reflexão crítica sobre a diversidade das roupas e apetrechos apresentados na sessão e o modo como esses elementos se relaciona com as entidades afro-religiosas;

Recursos Didáticos e tecnológicos	Sessão VESTINDO O SANTO: roupas, guias, calçados e apetrechos (PDF), data show e computador para expor fotografias, reportagens, filmes documentários, vídeos; entrevistas com membros de terreiros e outros recursos didáticos.
Sugestão de interdisciplinaridade	<p>Disciplinas: História, Arte e Sociologia</p> <p>Duração: 4 aulas</p> <p>Tipo: instalação interativa³</p> <p>Local: Pátio, auditório, sala de aula ou entorno da escola</p> <p>Título: <i>Fios de Fé - explorando as indumentárias do universo afro-maranhense.</i></p> <p>Objetivo: Promover uma reflexão sobre o universo afro-religioso, abordando aspectos históricos, sociológicos e artísticos com foco nas indumentárias como expressão cultural, religiosa e identitária, explorando seus significados simbólicos e sua relação com os encantados. A ação busca sensibilizar a comunidade escolar para a riqueza das tradições afro-brasileiras e contribuir para o respeito à diversidade religiosa e o fortalecimento de uma educação antirracista.</p> <p>1ª Aula</p> <p>- Os professores das três disciplinas escolherão previamente os grupos, de acordo com as habilidades de cada estudante. A sala pode ser dividida em pequenos grupos, pois uns irão apresentar os elementos expostos, outros cuidarão da organização do espaço e haverá ainda aqueles que auxiliarão o público que participará ativamente das ações. Lembrando que o grupo é o mesmo nas três disciplinas e o público-alvo pode ser os alunos de outras turmas da escola e familiares.</p>

³ Sistema vivo em que o público dialoga fisicamente com um evento que está acontecendo no ambiente, e que pode se modificar de acordo com as interações do público.

- O professor de Sociologia pode apresentar o universo afro-religioso a partir da perspectiva sociológica, com uma breve contextualização sobre as principais características das religiões afro, explorando conceitos sociológicos como terreiro, sincretismo, resistência cultural, identidade e religiosidade afro-brasileira, além de frisar a importância da ancestralidade no universo afro-religioso, devendo utilizar a sessão para enriquecer a compreensão dos estudantes sobre o tema;
- O professor de História pode escolher imagens e vídeos sobre a diversidade das roupas e apetrechos usados nos rituais afro-religiosos e que serão exibidos durante a instalação.
- O professor de Arte poderá explicar o funcionamento de uma instalação interativa e ajudar os estudantes no planejamento da instalação, etapa que será feita em parceria com os outros discentes.
- Os três professores, juntamente com a turma, devem escolher os elementos que irão compor a instalação, isso pode ser feito de acordo com as possibilidades da escola, seguem algumas sugestões:
- Pedacos de diferentes tecidos utilizados nas roupas de terreiro: cetim, *oxford*, chita, renda e *rechilieu*, para que o público tenha acesso e possa tocar durante a instalação;
 - Fotografias impressas recortadas em formato de quebra-cabeça para o público montar;
 - Apetrechos para manuseio, a exemplo de guias, manta de miçanga, faixas de cintura, cintos, coroas, bengalas, cartolas, chapéus, joias, véus, lenços, leques;
 - Exposição de fotografias e vídeos sobre vestimentas projetadas na parede através de data show e computador;
 - Disposição de códigos QR que, ao serem escaneados, mostram vídeos (YouTube) das roupas em movimento, durante rituais.

	<ul style="list-style-type: none"> ● Pendurar etiquetas de papel com informações sobre as indumentárias, a relação das cores e dos tecidos com entidades, e informações mais gerais sobre as religiões; ● Desenhos para que o público pinte na hora, seja com lápis de cor ou tinta; ● Manequins vestidos com trajes ritualísticos. <p>2ª e 3ª aula</p> <p>-Fazer a ambientação do lugar onde ocorrerá a instalação, seguida da culminância da atividade, em que os estudantes e professores irão receber o público e auxiliar no processo de interpretação do que está sendo exibido, através de explicações sobre os elementos expostos, ajuda nas atividades interativas como pinturas, montagens de quebra-cabeça, manuseio de tecidos e outros acessórios disponíveis no local, como guias, chapéus, painas, cartolas, lenços, leques e o que mais tiver a disposição.</p> <p>- A proposta traz o princípio da inclusão quando oferece atividades táteis, como o manuseio de apetrechos e diferentes tecidos utilizados nas indumentárias de terreiro, contemplando assim pessoas com deficiência visual.</p> <p>- Avaliação: Os professores poderão avaliar, registrando com gravações de depoimentos dos grupos, as percepções relacionadas às habilidades desenvolvidas durante a elaboração e vivência da atividade e o que foi apreendido sobre a temática das vestimentas afro-religiosas.</p>
<p>Referências</p>	<p>- BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional Comum Curricular. 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 20 de janeiro de 2023.</p>

- BRASIL. **Documento Curricular do Território Maranhense**: para a Educação Infantil e o Ensino fundamental. 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2019. 487 p.
- EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA. Olhares, costuras e segredos dos sagrados afro-brasileiros. **Zum Revista de fotografia**. Disponível em: <https://revistazum.com.br/radar/costuras-sagrados-afro-brasileiros/>. 2020.
- FERRETTI, Mundicarmo. **Desceu na Guma**: o Caboclo no Tambor de Mina. São Luís: EDUFMA, 2020.
- MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação. **Caderno de orientações curriculares para o ensino médio da rede estadual do Maranhão** / Secretaria de Estado da Educação. — São Luís, 2022.
- SANTOS. Reinilda de O. **VESTINDO O SANTO**: roupas, guias, calçados e apetrechos. Sessão educativa In: Museu Afrodigital do Maranhão. 2025. Disponível em: inserir link.

Comida de Santo



Reinilda de Oliveira Santos



Preparação do forá em terreiro de Codó

Comida de santo

Esta sessão visa à ampliação do conhecimento sobre o universo afro maranhense através da culinária, que é uma rica expressão cultural e, no contexto das religiões afro, contribui para a construção de identidades e para o exercício da cidadania. Nas religiões afro, as comidas são mais do que simples preparações culinárias; são rituais sagrados que conectam os adeptos às entidades e à ancestralidade. Cada ingrediente, cada modo de preparo carrega consigo simbolismos que remetem à espiritualidade e à preservação de crenças.

No exercício da cidadania, compreender e respeitar as práticas alimentares desse universo é essencial para promover a inclusão e combater o racismo religioso, já que a falta de conhecimento sobre o tema leva à perpetuação de preconceitos, estereótipos e discriminações. E ao estudar aspectos das religiões afro, os alunos têm a oportunidade de desconstruir ideias preconcebidas e promover o fortalecimento de sua consciência histórica.

Além disso, ao incorporar o estudo das comidas no processo de ensino-aprendizagem, os educadores proporcionam aos estudantes uma visão ampliada do patrimônio cultural brasileiro, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, capazes de valorizar e respeitar a diversidade em todas as suas manifestações. Os terreiros são locais de preservação cultural dos elementos afro-brasileiros, através da culinária, línguas africanas, vestimentas, música, dança. Eles são um dos maiores exemplos da conexão entre a África e o Brasil. Assim, esta sessão traz informações sobre comidas que são comuns em terreiros de vários municípios maranhenses.

As comidas nos terreiros são preparadas de acordo com as circunstâncias, gostos, restrições, proibições ou celebrações do terreiro ou das entidades para às quais são ofertadas. Elas podem ser cozidas ou cruas, feitas em panelas e caldeirões específicos, como os de cerâmica e alumínio. Cozidas à lenha, em fogareiro, tacuruba/ trempe e servidas em louças, folhas de bananeira, de cuia.



Tacuruba

Estrutura feita sobre três pedras para dar suporte à panela que vai ao fogo.

Os ingredientes utilizados no preparo dessas comidas estão associados a um conjunto de significados dentro de cada terreiro. Além do mais, a feitura desses alimentos é diferente e a pessoa que os prepara precisa passar por todo um processo e obedecer a determinados preceitos.

As entidades têm suas comidas preferidas que devem ser feitas como oferendas e existem alguns interditos a seus filhos de santo, que não podem comer todos os tipos de comida. Há várias proibições nesse universo, a exemplo do caranguejo, jabuti, tartaruga, caçã, arraia e pacamã, e, dependendo da entidade, essa lista pode aumentar.

Agora, é hora de conhecer algumas comidas de santo com base em textos sobre a temática, falas de pais de santo e materiais do pesquisador Jandir Gonçalves, que se dedica a conhecer a diversidade cultural maranhense há mais de 40 anos e irá nos apresentar rituais e comidas comuns no estado.

Arramban

Arramban ou bancada. É um ritual comum dos terreiros de Tambor de Mina, realizado geralmente na Quarta-Feira de Cinzas para suspender as atividades religiosas do terreiro durante a Quaresma. Nesse ritual, os terreiros distribuem grande quantidade de doces, frutas, pipoca, coco e feijão torrados, o que atrai muitas crianças. A Bancada é precedida pela ‘torração’ – ritual de preparação dos alimentos (feijão, coco, pipoca, paçoca de milho torrado) que, após a permanência no quarto de santo (peji) por várias horas, é distribuído às crianças e a todos os presentes (Ferretti, M., 1996, p. 46).

Fonte: Sergio Ferretti/acervo MAD-MA (2010)



Arramban ou Bancada na Casa de Nagô

Para o arrambã, na Quarta-Feira de Cinzas, entram diferentes tipos de frutas como pitomba, milho verde cozido, banana, laranja, melão, melancia, bolo de milho, bolo de arroz, doces, cocada, refrigerantes, coco d'água e coco babaçu torrados. Não entra abacaxi por causa do pico. (Ferretti. S, 2011, p. 260)

Acaçá/Terreiro Rei Sebastião/São Luís



Açaçá

O açaçá é a comida de todos os santos, é um prato tradicional da culinária afro-brasileira e seu preparo envolve cuidado e reverência, pois é concebido como uma forma de alimentar o corpo e o espírito. Desempenha um papel fundamental nos rituais por ser um meio de conexão com as entidades espirituais, entendido não apenas como alimento, mas como expressão de identidade e espiritualidade. Além de seu valor simbólico, o açaçá possui uma composição rica em elementos que refletem as raízes afro-religiosas. A receita inclui ingredientes como o milho branco, o azeite de dendê e o sal.

O pai de Santo Gustavo Costa, do terreiro Rei Dom Sebastião, nos disse que o Açaçá “come de Exu a Oxalá”, sendo comum a todas as entidades. É feito e enrolado em folha de bananeira passada no fogo e pode ser consumido pelo santo e pelas pessoas. “A comida do santo é algo muito importante porque traz axé, força, traz a divisão; o nosso jejum, que significa comida de todos”. O açaçá tem o formato de pirâmide porque dentro dos preceitos afro-religiosos simboliza um corpo e pode representar todos os Orixás do panteão afro-religioso.



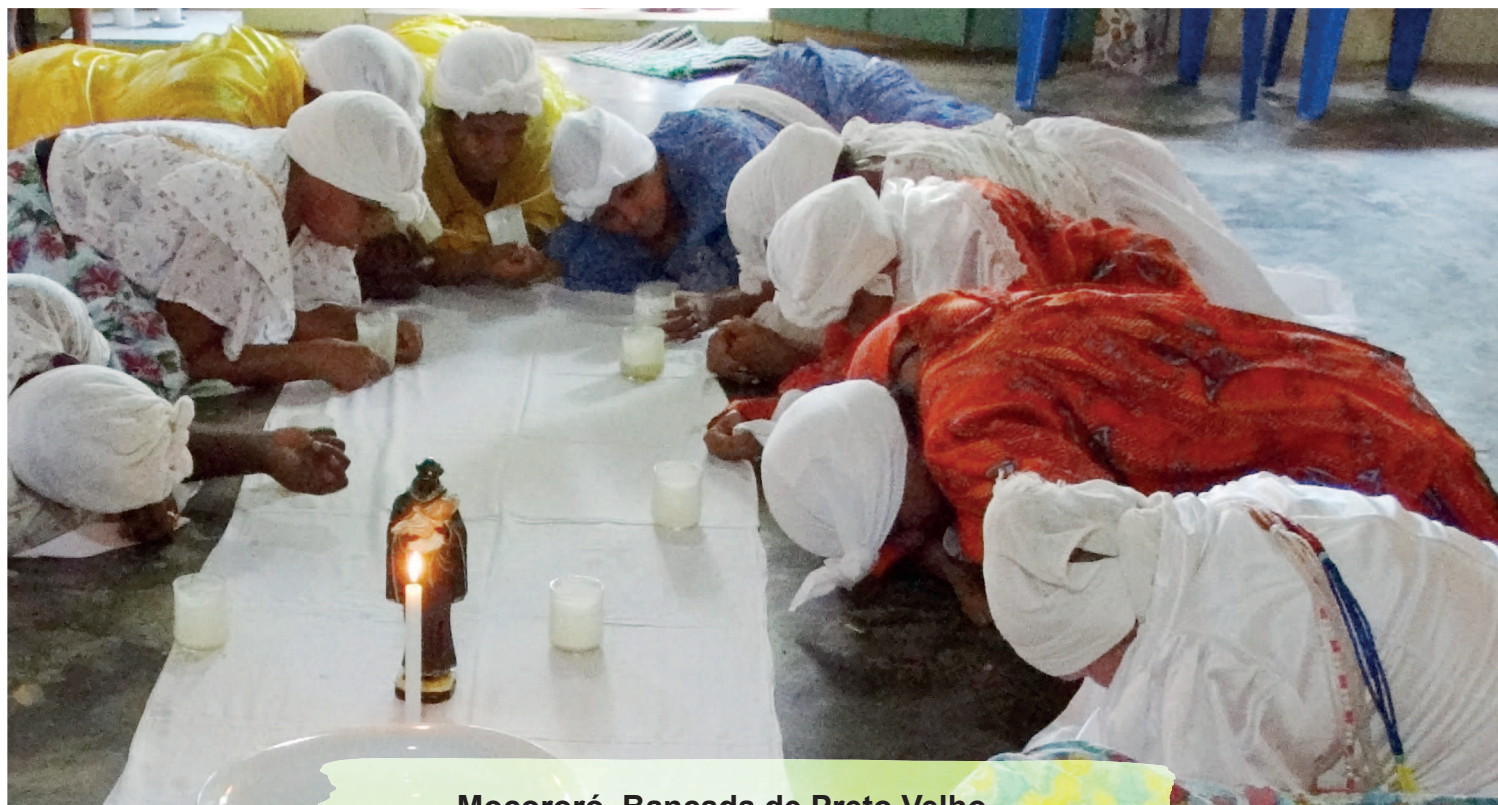
Jandir Gonçalves é apreciador dos saberes e fazeres do povo maranhense, possuindo um significativo e diversificado acervo de vídeo e fotografia sobre o Maranhão. É técnico em conservação e restauro e servidor público do estado do Maranhão. Faz parte da Comissão Maranhense de Folclore e de comissões de pesquisa e projetos de instituições como IPHAN e Centro Cultural Vale/MA. Tem participação em exposições, livros, documentários, catálogos, dossiês, podcasts. Foi ganhador da Medalha Mário de Andrade (IPHAN) e Mérito Cultural (UFMA) em reconhecimento por suas contribuições à cultura do estado. Abaixo, apresentamos algumas de suas experiências em visitas a terreiros, por meio de informações sobre diferentes comidas de santo e algumas fotografias.

Mocororó

O Mocororó é uma comida servida na arreada de Preto Velho. Na Umbanda, a palavra arreada está relacionada à incorporação de uma entidade espiritual em um médium. No caso, é a incorporação coletiva de pretos velhos. O pai de santo João Marcello de Oxóssi, de Pindaré-Mirim, comentou sobre seu processo de feitura: “Essa comida é feita com arroz novo ou arroz do campo, para ficar mais saboroso. Para o preparo, é preciso pilar o arroz, deixar de molho com gengibre, água e cachaça para depois passar no liquidificador. Tem que fazer de um dia para o outro”.

No terreiro Cosme e Damião, da mãe de santo Célia, em Pindaré-Mirim, essa comida é servida em copos de vidro sobre um pano branco e disposta ao chão. Normalmente, é acompanhada de imagem de São Benedito, uma bacia com água e uma vela branca. Depois de servida, alguns Pretos Velhos pitam cachimbo e fazem a sesta, deitados ao chão.

Fonte: Jandir Gonçalves (2015)



Mocororó, Bancada de Preto Velho

Banquete de cachorros

O banquete de cachorros, também conhecido como jantar, almoço, comida de cachorros ou festa de São Lázaro, é uma celebração que pode acontecer por promessa ou tradição de família, em terreiros e em igrejas católicas, e geralmente ocorre no mês de fevereiro. Normalmente, o banquete tem sete cachorros e, em alguns lugares, são convidadas sete crianças, sempre meninos, a quem são servidos pratos com comida de festa, feitos com arroz, farofa, macarrão e carne. Pode-se servir também refrigerante, vinho e bolo confeitado ou de tapioca.

Fonte: Jandir Gonçalves (2023)



Banquete dos cachorros - Terreiro de Dona Maria Velha - Posto Seleção/Cajapió

A comida é servida sobre uma esteira de palha de babaçu (mençaba), toalha de mesa ou tábua, os pratos são dispostos em duas filas, uma para os cachorros e outra para as crianças e, ao final, os cachorros têm a boca lavada e enxugada com uma toalha ou pano de prato.

No povoado Posto Seleção, em Cajapió, há duas celebrações para São Lázaro. Uma delas acontece na igreja e é uma festa da comunidade, na qual a cada ano há um juiz, que funciona como organizador, como na festa do Divino Espírito Santo. Na ocasião, é feita a novena, pagamento de promessa, festa dançante, missa e o banquete, sendo também uma festa de mastro e mesa, na qual se oferece almoço e café com bolo para todos da assistência.

Na festa da Igreja, a comida é servida aos sete cachorros convidados e a mais um de São Lázaro, e cada cachorro ganha um bolo de tapioca. Após o banquete, as bocas e patas dianteiras são lavadas em uma bacia com água, disputada pelas pessoas por ser considerada milagrosa. Cães e pessoas podem beber a água ali mesmo ou ela pode ser levada para casa.

O banquete de cachorros, ilustrado na imagem abaixo, foi uma promessa da mãe de santo Dona Maria Velha. A celebração serviu nove meninos, isso aconteceu porque dois deles substituíram dois cachorros que faltaram. No jantar foram servidos arroz, carne e macarrão, acompanhado de um copo de refrigerante e um bolo de tapioca para cada criança e cachorro. A promesseira, paramentada e com uma paina, permanece ao lado do banquete, sentada em uma cadeira, segurando duas imagens de São Lázaro e uma vela vermelha.



Fonte: Jandir Gonçalves (2020)

Forá

Forá ou furá é um manjar oferecido às entidades para pedir força e axé, pode ser doce ou insosso. O doce é feito com creme de arroz, cozido com leite, e leva leite de coco, açúcar, cravo-da-índia e chá fervido de erva-doce e gengibre. E o furá insosso não leva açúcar e, em vez de chá, acrescenta-se suco de maracujá. É servido em terreiros de São Luís, Codó, Caxias, Bacabal, Pindaré-Mirim. No terreiro Centro dos Cultos Afro-Brasileiros São Raimundo Nonato e Santa Filomena, em Codó, a preparação do forá é feita no dia 30 de agosto e servida no dia 31, data de comemoração de São Raimundo Nonato.

A comida é preparada em uma cerimônia interna coletiva com os filhos de santo da casa, que ficam em formato circular, com o caldeirão sobre tacurubas/trempe no centro. Um por um vai até a panela e, de joelhos, mexe com uma colher de pau. A comida é feita um dia antes de ser servida e é acondicionada em panelas e potes de barro. Na cerimônia, é servida em louça, de forma individual, para as pessoas do terreiro. O forá é preparado e servido com o batuque dos tambores e as doutrinas.

De acordo com Ferretti (2011, p. 258), na casa das Minas, o forá era servido no Sábado de Aleluia e nos dias de São Jorge e de Santa Bárbara, entidades principais da casa. Era servido no quarto dos santos ao meio-dia, antes do toque, e recebido pelos filhos de joelhos e vestidos de branco.

Fonte: Jandir Gonçalves (2015)



Preparação do forá em terreiro de Codó

Jejum de São Pedro

O Jejum de São Pedro é uma comida de obrigação feita em celebração do mesmo nome, servida no dia de São Pedro. Em Nazaré do Bruno, povoado que fica a 60 km da sede de Caxias e que possui nove terreiros, a comida é servida na folha de bananeira, normalmente é arroz, peixe da água doce, pipoca, feijão, salada, torta, e deve ser comida com a mão.

É uma obrigação para pessoas selecionadas. Na ocasião registrada, na capela de Nossa Senhora dos Remédios Olho D'Água Santo, somente treze pessoas participaram. Esse jejum envolve muitos terreiros da região e é caracterizado por um tambor feito durante o dia no lugar sagrado chamado Olho D'Água de Cura. Depois, os participantes despacham os restos da comida no mato e seguem para a capela de São Pedro Princesa da Linha Roxa, que também fica no entorno daquele lugar sagrado.





Jejum de São Pedro –Nazaré do Bruno/Caxias

Acarajé

O acarajé é um tradicional bolinho de feijão-fradinho, frito em azeite de dendê, que pode ser feito em diferentes tamanhos e formas. Ele tem origem na língua iorubá, akará significa “bola de fogo” e jé é “comer”, o que forma a expressão “comer bola de fogo”, que está relacionada com a história de Xangô e Iansã. Na Casa das Minas, o acarajé era feito com feijão branco de olho preto, quebrado e socado no pilão de pedra com mão de pedra de raio. Soca-se com pimenta do reino, pimenta vermelha e sal. Fazem-se acarajés pequenos, sem recheio. Leva um pouco de gengibre branco da terra e seco. Frita-se no azeite de dendê (Ferretti, 2011, p. 252).

Raul Lody (2006) afirma que o acarajé, segundo as tradições orais de base iorubá, é uma comida que foi ensinada às mulheres pelo orixá Iansã, para que elas tivessem um ofício e pudessem criar seus filhos.

Outras comidas de santo

Cariru: é comida de ritual fúnebre, mas pode ser oferecida em outras ocasiões fora desta obrigação. É preparado com quiabo cortado fino e cozido, farinha seca, camarão seco, misturados com farinha e socados no pilão de pedra.

Bola / querebetã: feita de fubá de arroz, acompanha o carirú e é preparada mexendo-se o fubá no caldeirão até virar uma massa. Bota-se água no caldeirão para ferver e se cozinha no vapor. Servem-se sempre duas bolas e uma concha de carirú para cada pessoa.

Abado (azogri): Milho de pipoca que não estourou, socado num pilão e misturado com açúcar. Vira um pó fino que é peneirado. Serve-se em meia cabaça (cuia). É uma obrigação dos voduns de Dambirã (família de vodum no Tambor de Mina).

Agralã: Farinha de mandioca torrada com sal e dendê. Pode acompanhar peixe assado ou galinha assada. Pertence aos voduns de Dambirã.

Amiõ: Caldo de farinha seca (pirão). Pode acompanhar pedaços de galinha. Vários voduns gostam e são preferidos pelos de Dambirã.
Abobó: preparado com feijão branco de olho preto que é quebrado, socado em pilão de pedra com mão de pedra, que é um corisco ou pedra de raio. Cata-se e limpa-se o feijão, coloca-se de molho de um dia para o outro. Leva-se ao fogo onde é cozido e se faz um angu até ficar meio seco. Temperam-se com dendê e arrumam-se numa travessa. É feito com fubá de arroz, água, sal e dendê. Parece um pirão. Mexe-se com um pau de buriti. (Não se meche com colher de pau para não grudar na colher). Mistura-se no alguidar. Não vai ao fogo. É cozido no vapor. Molha-se o fubá de arroz e se vai despejando no alguidar.

Trechos retirados do artigo “Comida ritual em festas de Tambor de Mina” no Maranhão, do antropólogo Sergio Ferretti (2011)

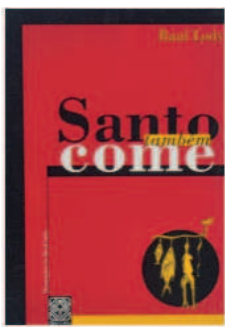
Quem escreve sobre isso!



Sergio Figueiredo Ferretti, foi antropólogo e Professor Emérito da Universidade Federal do Maranhão. dedicou sua pesquisa às religiões afro-brasileiras, com foco no Tambor de Mina, Casa das Minas, cultura popular, Tambor de Crioula e sincretismo. É autor de artigos em periódicos científicos, capítulos de livros e livros. Participou de conselhos editoriais de vários periódicos científicos. Foi importante membro da Comissão Maranhense de Folclore e criador do grupo GPMina, ainda ativo.



Raul Lody é Antropólogo, especialista em antropologia da alimentação, museólogo. Representou o Brasil na International Commission on the Anthropology of Food. Autor de vasta obra publicada com centenas de artigos, filmes, vídeos, e mais de 70 livros nas áreas de arte popular e gastronomia, cultura e patrimônio. É reconhecido por premiações mundiais e nacionais pelo Gourmand World Cookbook Awards. É curador da Fundação Gilberto Freyre, da Fundação Pierre Verger e do Museu da Gastronomia Baiana do Senac Bahia.



Santo também come (2006) é um livro que apresenta pesquisas sobre os terreiros de candomblé (Bahia), as casas de Xangô (Alagoas, Sergipe e Pernambuco) e as casas das Minas e Nagô (Maranhão), demonstrando como as variações regionais são responsáveis pela diversidade da cozinha afro-brasileira. O livro traz Ingredientes e receitas e fala dos rituais, das festas e do cotidiano que marcam relações entre homens, deuses e ancestrais, oferecendo ao leitor um vasto e rico panorama da cozinha afro-brasileira.

Referências

FERRETTI, Sérgio. **Querebentã de Zomadônu**. São Luís: EDUFMA, 2ª ed., 1996.

_____. Comida ritual em festas de Tambor de Mina no Maranhão. **Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**. Belo Horizonte, v. 9, n. 21, p.242-267, abr./jun. 2011.

FERRETTI, Mundicarmo. **Desceu na Guma: o Caboclo no Tambor de Mina**. São Luís: EDUFMA, 2000.

_____. Brinquedo de Cura em terreiro de Mina. **Rev. Inst. Estud. Bras.**, São Paulo, n. 59, p. 57-78, dez. 2014.

Entrevistas

GOMES, João Marcello. [Entrevista concedida a] Reinilda de Oliveira Santos. Pindaré-Mirim, fevereiro de 2023.

INSTRUÇÃO TÉCNICA E ELABORAÇÃO DAS SESSÕES EDUCATIVAS DA ABA EDUCATIVO DO MUSEU AFRO DIGITAL DO MARANHÃO



Pesquisa e Texto:

Reinilda Oliveira e Jandir Silva Gonçalves

Orientação:

Viviane de Oliveira Barbosa

Capa e Projeto Gráfico:

Claudio Lima

Fotografias:

Reinilda Oliveira, Jandir Gonçalves e MAD MA

Entrevistas:

João Marcello Gomes

Apoio:

Universidade Estadual do Maranhão
Programa de Pós-graduação em História
Museu Afro digital do Maranhão



ROTEIRO DE ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Tema da sessão	Comida de santo
Objetos do conhecimento¹	Herança histórico-cultural e a importância da preservação da memória.
Série	2ª série do Ensino Médio
Duração	2 aulas
Área do conhecimento na BNCC / Subárea	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas / História
Competências da área na BNCC	5- Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. 6- Prestigiar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências.
Habilidades da BNCC	(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
Habilidades COPEM	(EM13CHS601) - Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo quilombolas) no Brasil contemporâneo, considerando a

¹ De acordo com o Caderno de Orientações Curriculares para o Ensino Médio da Rede Estadual do Maranhão (COPEM).

	história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.
Habilidade sugerida	Analisar a importância de comidas ritualísticas comuns nas religiões afro, a partir do seu significado ancestral cultural, social e religioso, relacionando-as com práticas de respeito à diversidade religiosa e à preservação do patrimônio imaterial afro-brasileiro.
Palavras-chave	Terreiro, cozinha sagrada, patrimônio, identidade, pertencimento.
Aprendizagens essenciais na BNCC	Respeito aos direitos humanos e à interculturalidade e o combate aos preconceitos de qualquer natureza.
Objetivos²	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a importância da comida no contexto das religiões afro-maranhenses, explorando a influência dessas práticas na formação cultural e gastronômica brasileira; - Refletir sobre a preservação e respeito às tradições alimentares afro-religiosas, além de reforçar a conexão entre comida, identidade cultural e religiosidade.
Metodologia de Ensino	<ul style="list-style-type: none"> - Sala de Aula Invertida: pedir que os estudantes ouçam previamente a música <i>Preceito</i>, de Toninho Geraes, e assistam ao vídeo “Comida de Santo” no Youtube. O vídeo traz as comidas dos Orixás com receitas, ingredientes e modos de preparo; <p>1ª Aula - Exploração Teórica:</p>

² No Ensino Médio, a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade.

- Pedir que os estudantes apresentem suas percepções sobre os materiais vistos em casa e, em seguida, abra a discussão da temática falando da relação entre comida, religião e cultura afro-brasileira com o seguinte trecho da música *Preceito*:

A comida que é de santo
É pra quem sabe preparar
Sem saber mexer na coisa
Deu dendê pra Oxalá
E botou comida branca
No peji de beira-mar
Hoje em dia tá pagando
Que é pra nunca mais errar.

- Contextualizar o tema partindo do pressuposto de que as comidas desempenham papel essencial nas cerimônias religiosas, são ofertadas às entidades e feitas de acordo com as circunstâncias, gostos, restrições e proibições de cada entidade ou celebração da casa;

- Problematizar a partir do que os alunos sabem sobre o tema e a maneira que o assunto se relaciona com a realidade deles;

- Dividir a sala em sete grupos (um para cada comida apresentada na sessão) para leitura em sala;

2ª Aula – Atividade Prática/Avaliativa

- Discutir em grupo sobre os pratos apresentados nas sessões;

- Atividade de criação - cada grupo deve criar e apresentar um pequeno menu fictício inspirado no que foi apresentado nas sessões e falar sobre suas percepções em relação ao conteúdo, apresentando argumentos que justifiquem suas visões.

Recursos Didáticos e tecnológicos	Sessão COMIDA DE SANTO (PDF), data show e computador para expor fotografias, reportagens, filmes, videodocumentários; entrevistas com membros de terreiros.
Sugestão de interdisciplinaridade	<p>Disciplinas: História, Sociologia e Língua Portuguesa.</p> <p>Duração: 3 aulas</p> <p>Tipo: exposição gastronômica</p> <p>Local: pátio, auditório ou uma sala de aula</p> <p>Título: Sabores Sagrados: Gastronomia e Identidades Culturais</p> <p>Objetivo: Explorar as linguagens e a etimologia dos nomes das comidas através de uma exposição gastronômica, promover o conhecimento e a valorização da culinária das religiões afro-maranhenses, buscando proporcionar uma experiência educativa e sensorial, evidenciando a relação entre os alimentos e a ancestralidade, além de fomentar o respeito à diversidade religiosa e a preservação das tradições afro-brasileiras.</p> <p>1ª aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os professores das três disciplinas deverão escolher previamente os grupos e os pratos que serão apresentados. No dia da exposição será necessário levar, além das comidas, elementos para ambientar o espaço para enriquecer as apresentações, como cartazes, fotografias, tecidos, desenhos. Lembrando que o grupo é o mesmo nas três disciplinas; - O professor de História pode aproveitar a aula sugerida na metodologia de ensino, na qual cada grupo deve criar um pequeno menu fictício, inspirado no que foi apresentado nas sessões e orientar as equipes a prepararem uma breve apresentação sobre sua comida, que pode ser a sugestão do menu ou outra que seja mais fácil de fazer; - O professor de Sociologia pode focar na importância da comida na construção das identidades culturais, destacando como os alimentos refletem aspectos históricos, sociais e linguísticos;

	<p>- O professor de Língua Portuguesa pode explorar a etimologia de palavras relacionadas à gastronomia, mostrando como as línguas africanas influenciaram a língua portuguesa.</p> <p>2ª aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Convidar outras turmas da escola para visitar a exposição; - Organizar a exposição gastronômica com elementos que remetem às religiões afro e dispor os pratos de forma que fiquem à mostra para os convidados; <p>3ª aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Culminância: Realização da atividade com exibição e degustação das comidas, com apresentações de cada grupo. -Avaliação: Os professores poderão pedir um texto escrito, por grupo, com as compreensões sobre o assunto comida de santo, fazendo uma associação entre a culinária afro-religiosa e as comidas cotidianas.
<p style="text-align: center;">Referências</p>	<ul style="list-style-type: none"> - AZEVEDO, ELAINE DE. Alimentação, sociedade e cultura: temas contemporâneos. Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 19, no 44, jan/abr 2017, p. 276-307. - BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional Comum Curricular. 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 20 de janeiro de 2023. _____. Documento Curricular do Território Maranhense: para a Educação Infantil e o Ensino fundamental. 1ª ed Rio De Janeiro: FGV, 2019, 487 p. -MARANHÃO. Caderno de orientações curriculares para o ensino médio da rede estadual do Maranhão / Maranhão, Secretaria de Estado da Educação. — São Luís, 2022. Ounje – Alimento dos Orixás. Exposição fotográfica online. SESC. São Paulo. 2019. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/13314_OUNJE+ALIMENTO+DOS+ORIXAS+UMA+IMERSAO+ARTI

[STICA+NA+CULINARIA+E+NA+CULTURA+DAS+RELIGIOES+AFROBRASILEIRAS#:~:text=De%20acor do%20com%20Bia%20Coelho,adornos%20e%20as%20musicalidades%20constantes%20E2%80%9D.](#)

Vídeos do Youtube

- **ALDEIA DOS ORIXÁS** - GuardiãO Ogum Xoroquê. Comida de Santo. 2022. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vjRZ3XZVTvA&ab_channel=AldeiaDosOrix%C3%A1s-Guardi%C3%A3oOgumXoroqu%C3%AA.

- **Historiando Axé com Tom Oloorê** (canal). A Comida do Candomblé: A Conexão Entre o Sagrado e o Profano. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ApLdx5KDNQ0&t=99s&ab_channel=HistoriandoAx%C3%A9comTomOloor%C3%AA.

- **Diogo Nogueira** (canal). Comida de Santo | Episódio: Oxum. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sh0s_YR3zGc&t=5s&ab_channel=DiogoNogueiraOficial

- **O Joio e O Trigo** (canal). Prato Cheio- Comida de Santo, nossa comida. Canal | Episódio 4 - T3. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=24zCqqroKE4&ab_channel=OJoioeOTrigo .

-**Toinho GERAES.** Preceito. Música. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7PzvoXvIU00&ab_channel=ToninhoGeraes.

Símbolos de Terreiroo



Reinilda de Oliveira Santos

Defumador- Festa de Iemanjá/Araçagi



Sessão educativa 3

Símbolos de terreiro

Esta sessão visa à ampliação do conhecimento sobre os elementos que marcam os terreiros afro-maranhenses. Cada item carrega consigo simbolismos que remetem à espiritualidade e à preservação de crenças, sendo fontes de captação, limpeza e dispersão das energias de encarnados e desencarnados, fortalecimento de crença, além de pontos de força e conexão com o mundo espiritual.

Para que o ensino promova a inclusão e o combate ao racismo religioso, é essencial compreender e respeitar o universo das religiões afro-brasileiras, pelo seu papel na construção da identidade nacional, com sua música, dança, celebrações, culinária, modo de ver e sentir o mundo. Ao estudar aspectos simbólicos das religiões afro, os estudantes têm a oportunidade de desconstruir ideias preconcebidas e promover o fortalecimento de sua consciência histórica. Além disso, ao incorporar o estudo dos símbolos de terreiro no processo de ensino-aprendizagem, os educadores proporcionam aos estudantes uma visão ampliada do patrimônio cultural brasileiro.

A ideia de terreiro, segundo Simas e Rufino (2018), está atrelada a uma forma de ler o mundo a partir da lógica dos saberes encantados. E como disse Quezia Dourado, filha de santo da Tenda Nossa Senhora da Conceição, de Caxias, “um terreiro é, antes de tudo, um espaço seguro e sagrado, em que a mãe embala seu filho e depois lhe apresenta ao mundo, mas não ao mundo que estamos habituados”. Para ela esse mundo é encantado, “onde é possível coexistir em harmonia e transformar tudo em comunidade. É no terreiro que caminhamos na contramão da ideia de “civilização” ocidental e buscamos resgatar no sentido de família, a reintegração social e o encantamento em cada aspecto da vida”.

Partindo dessa perspectiva, nesta sessão iremos conhecer um pouco mais sobre alguns elementos desse mundo encantado dos terreiros maranhenses: defumador, cruzeiro, velas, pontos de assentamento, imagens/vultos e altares/santidades. E quem vai nos ajudar a entender esse universo é o pesquisador Jandir Gonçalves, que se dedica a conhecer a diversidade cultural maranhense há mais de 40 anos.

Defumador

Defuma com as ervas da jurema,
defuma com arruda e guiné, alecrim,
benjoim e alfazema, vamos defumar filhos de fé.
(Doutrina sobre defumar)

O defumador é um item fundamental em um terreiro, feito com ervas, resinas, cascas, flores, folhas queimadas, ele serve para dissipar as energias negativas ou, como chamam em algumas casas, “energias contrárias”, além de limpar o ambiente e purificar o espírito. Ele é queimado em um pequeno fogareiro, aos moldes de um turíbulo, ou incensório utilizado nas cerimônias religiosas da Igreja Católica. Esses fogareiros podem ser feitos de cerâmica, alumínio fundido, ou ainda do reaproveitamento de latas. Em muitas casas já utilizam varetas de incensos prontos, feitos de carvão ou resina.



Foto: Reinilda Oliveira (2019)

Esse item pode ser utilizado em abertura de tambor, para circundar os curandeiros, os tambores, o pé do altar e quando vira a corrente¹. Por vezes, uma entidade pode sugerir que se faça “fumaça” com determinada erva, a exemplo do cumaru ou alfazemas, mas isso depende da demanda.

O processo de defumação é um dos primeiros rituais de abertura dos trabalhos sagrados em um terreiro, pois, como nos diz o pai de santo Gustavo Costa, do terreiro Rei Sebastião em São Luís, “sobretudo as entidades de luz elevada, prezam por manifestar-se em ambientes energeticamente limpos”.



Quem escreve sobre isso!

Mundicarmo Maria Rocha Ferretti é antropóloga, professora Emérita e Titular da Universidade Estadual do Maranhão, e cofundadora do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura Popular- GP Mina. Autora e colaboradora de livros científicos e de artigos publicados em periódicos de Cultura Popular e Religião Afro-brasileira. É membro titular da Associação Brasileira de Antropologia- ABA, e da Comissão Maranhense de Folclore-CMF. Possui vários trabalhos premiados em concursos realizados no Maranhão.

Trechos de seu livro *Desceu na Guma*, no qual referencia o defumador.

“Depois da ladainha, foi servido chocolate com bolo às visitas, enquanto os filhos da casa que já estavam incorporados aproximavam-se do altar e a sala era defumada para começar a reza” (Ferretti, 2000, p. 129).

“E entrega-lhe o penacho de arara, o maracá e a ‘pana’ da entidade espiritual que abre a Cura e acompanha-o até o barracão, defumando o lugar por onde vai passando e o barracão onde vai realizar o ritual” (Ferretti, 2000, p. 143).

“Por volta de meia noite foi queimado no salão um defumador de cheiro desagradável e começou-se a cantar músicas, em português, anunciando o afastamento da pessoa falecida, algumas citadas quando descrevemos um Tambor de Choro na Turquia” (Ferretti, 2000, p. 134).

¹ Virar a corrente é quando os tambores mudam o som para determinada linha de encantados. Segundo o pai de santo compadre João Marcello, de Pindaré Mirim, “dentro do Tambor de Mina, a palavra virar significa a mudança de duas determinadas coisas, virar para o santo (incorporar) ou virar corrente (quando passa de uma linha de ritual para outra)”. A filha de Santo Quezia Dourado, da Tenda Nossa Senhora da Conceição de Caxias nos diz que, “virar a corrente é quando passa a corrente para outra pessoa. Por exemplo: um determinado pai de santo está doutrinando (cantando) e repassa pra outro doutrinar, nesse momento a corrente está mudando, vai mudar a corrente que está em terra pra outra. Entra a força da corrente de outro pai de santo, de outra casa”.

Cruzeiro

Os cruzeiros estão presentes em muitos terreiros, na frente de igrejas, em cemitérios, em estradas, como marca do local de uma morte e para eternizar a perda de uma pessoa. Eles também marcam a localização das almas milagrosas², podem ser locais turísticos e ainda espaços em que se faz aquelas antigas orações, como ofício³ de Nossa Senhora, das Benditas Almas do Purgatório, das Trevas, do Caçador e de Maria Valei, como foi observado por Jandir Gonçalves em uma visita de covas no município de Riachão. Na ocasião, um grupo de Foliões da Divindade⁴ rezava o ofício do Caçador em frente ao cruzeiro do cemitério.

Foto: Jandir Gonçalves (2025)



Cruzeiro turístico- Mirante do Cruzeiro / Lima Campos

² Pessoas que morreram, geralmente em situações trágicas e que operam milagres, a exemplo das três almas de Parnarama; das almas sozinhas, no povoado Sozinho, em Codó; de Pardinha em Codó; de Degolado na Serra do Dico, em Dom Pedro, e da alma Milagrosa da Taboca Redonda, em São Francisco do Maranhão.

³ Ofício nesse sentido está ligado à ideia de oração, no contexto da Igreja Católica, versadas ou recitadas em homenagem a um santo, alma, Divino Espírito Santo, para que as pessoas possam memorizar com mais facilidade, uma vez que possuem métrica e rima. Pode ser rezado em ladainha de terreiro e em festividades de Bumba meu boi também.

⁴ Grupos de pessoas que fazem festas do Divino Espírito Santo e, para isso, pedem esmolas e também podem ser contratados para visitarem covas, cantando e tocando caixa, como uma forma de consolação da morte. Além disso, eles salvam/fazem sua cantoria em lugares, como poços, roças, casas e junto às pessoas. São comuns nas regiões de Caxias, Matões, Parnarama, Buriti Bravo, Timon.

Simbolos de Terreiro

O cruzeiro das almas nos cemitérios serve de orientação, é onde está a força do campo santo, o local onde as almas se ajoelham para descontar os pecados. É lá que as pessoas devem acender velas e fazer suas orações, caso estejam em outra cidade ou se já não sabem mais a localização da sepultura.

Nos terreiros, o cruzeiro também representa o local de força da casa, funciona como facilitador do diálogo com Exus e Pretos Velhos, além de possibilitar o contato com um maior número de almas. Na cidade de Barra do Corda, mestre Adão, terecozeiro e divineiro, faz uma salva/saudação a um dos cruzeiros de sua tenda, dedicada ao Divino Espírito Santo, referindo-se ao Cruzeiro do Meio do Mundo, um local de força e luz.

Foto: Reinilda Oliveira (2023)



Terreiro do povoado São Lourenço-Vitória do Mearim

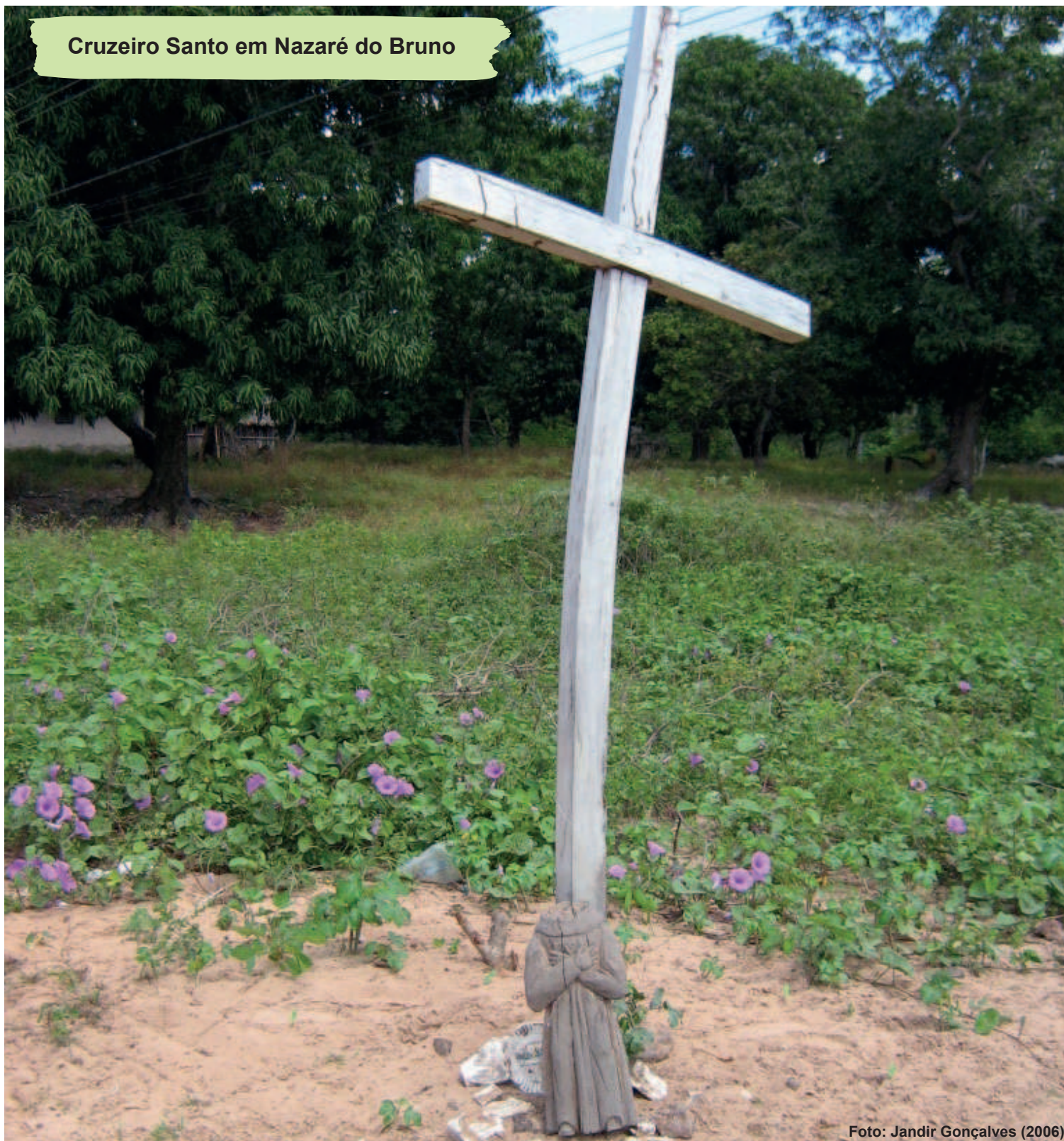
Foto: Jandir Gonçalves (2009)



Tenda Raio de Sol / Codó

No Maranhão existe um local, que é a morada de príncipe Areolino, atual povoado de Nazaré do Bruno, em Caxias, em que há um (1) cruzeiro em cada um dos famosos morros (morro Nossa Senhora da Guia, ao norte, morro de Nossa Senhora das Graças, ao leste, morro de Nossa Senhora dos Remédios, a oeste, e morro do Monte Carvalho, ao sul), assim como próximo a cada um dos nove (9) terreiros do local. Além desses, existem outros cruzeiros espalhados pelo povoado, inclusive os santos quebrados são deixados no pé de um deles.

Cruzeiro Santo em Nazaré do Bruno



Simbolos de Terreiro

No campo do Mathias, cemitério que fica no bairro Altamira, em Barra do Corda, existem dois cruzeiros, um do cemitério e o outro dedicado à alma milagrosa conhecida como Alma Mathias. Local de peregrinação, de cantoria do Divino Espírito Santo e onde as pessoas deixam ex-votos, como mortalhas, muletas, roupas, litros de água, coroas, jarros de flores, desenhos, fotografias, pipoca, velas e foguetes. Todo o entorno da cova e cruzeiro do Mathias funciona aos moldes de uma câmara ardente.

Eu dou bom dia, Alma Mathias (bis)
Pelas horas que cheguei (bis)
Mas tão alegre e satisfeito (bis)
Com Mathias eu me encontrei (bis)

Eu dou bom dia, Alma Mathias (bis)
Eu cheguei e lhe encontrei (bis)
E hoje está fazendo ano (bis)
O Divino andou aqui (bis)

Me falai alma Mathias (bis)
Que Alma tão Milagrosa (bis)
Que meu divino veio salvar (bis)
É com dor e glória (bis)

(Cantoria do Divino em visita de cova a alma Mathias)

Foto: Jandir Gonçalves (2006)



Cruzeiro da Alma Mathias -Barra do Corda

⁵ É um presente oferecido pelo devoto a um santo ou alma milagrosa, em agradecimento a uma promessa.

Velas

Aprendemos nos filmes e livros que, no universo mágico, as velas ocupam lugar primordial, sendo utilizadas em qualquer ritual de contato com forças superiores ou inferiores, podendo representar intenções, energias e a presença do divino. No catolicismo utilizam-se muitas velas e nos terreiros não poderia ser diferente, há sempre alguma acesa, tendo cores, tamanhos e formatos específicos, relacionados às entidades às quais se destinam.

Os pontos precisam estar sempre com velas acesas porque ali funciona como um elo ativo entre os médiuns e as entidades. Fernando Cardoso, Filho da Tenda Jurandiense de Itapecuru Mirim apontou que,

A vela para nós é a afirmação ativa entre nós e as entidades. Principalmente nos dias de obrigação isso se intensifica. Ao acender a vela, fazemos um pedido, um agradecimento, firmamos uma força, essa é a maneira mais simples de firmar uma força, de estabelecer uma comunicação ou canalização de energia temporária. Quando acendemos uma vela, estamos ativando uma energia que nos liga ao plano espiritual, estimulando a nossa alma e enviando as nossas orações às divindades. Algumas pessoas nos terreiros dizem “acende uma luz” para se referir à vela.

Foto: Reinilda Oliveira (2018)



Símbolos de Terreiro

A cor da vela serve como um canal de comunicação, representando as energias e intenções do praticante, ajudando a atrair a atenção e a benção da entidade correspondente. Além das cores, a forma como as velas são acesas e dispostas também tem significados nos rituais de terreiro. Acender uma vela é um ato de fé e devoção, uma maneira de enviar pedidos e agradecimentos aos encantados.

Foto: Reinilda Oliveira (2021)



Foto: Reinilda Oliveira (2021)



Imagem de velas- Terreiro Rei Sebastião/São Luís

Durante os rituais, a chama da vela pode simbolizar a presença espiritual, a luz que guia e purifica, sua queima libera energia, esse processo é visto como um momento de comunicação direta com o divino, servindo as velas como intermediárias entre o mundo físico e espiritual.

Imagens e vultos

O sincretismo⁶ nas religiões afro-brasileiras é um fenômeno que ocorre quando elementos de tradições africanas se misturam com influências do catolicismo, do espiritismo e de outras crenças presentes no Brasil. Esse processo foi forte durante o período colonial, quando a prática das religiões dos africanos escravizados era reprimida, e a opressão levou à necessidade de disfarçá-las para evitar perseguições, fazendo com que as fusões resultassem em concepções distintas das religião afro. Os rituais religiosos africanos foram adaptados, incorporando elementos como cantos, danças, oferendas, muitas vezes com simbologias que dialogam com o catolicismo.

Uma característica do sincretismo é a associação de entidades/divindades africanas aos santos católicos, por exemplo, os orixás do Candomblé, como Oxum (deusa das águas doces) é muitas vezes ligada à Nossa Senhora da Conceição, Iemanjá (deusa das águas salgadas) associada à Nossa Senhora dos Navegantes ou Nossa Senhora da Glória; Xangô a São Jerônimo ou São João Batista; Ogum a São Jorge; Oxóssi a São Sebastião; Iansã a Santa Bárbara.

As imagens nos terreiros são representações de santos e o que chamamos aqui de vultos, representam encantados, caboclos e orixás. Nas palavras do pai de santo Gustavo Costa, “temos uma profunda devoção pelas imagens, apesar de saber que não é a entidade, mas é uma representação, ali está sentado tudo o que acreditamos, é uma imagem que nos fala que tem algo maior.”

Essa iconografia é o que nos possibilita fazer uma leitura visual, através do estudo dos atributos/características dessas imagens, em pinturas, esculturas, gravuras, retratos, pois geralmente trazem elementos que se relacionam com as trajetórias

⁶ Para mais informações ler, FERRETTI, (2013). O livro traz o conceito de sincretismo religioso no Tambor de Mina no Maranhão, além disso, chama atenção para o fato de que o sincretismo afro-religioso não pode ser visto apenas como mistura ou adaptação, mas como um processo ativo de negociação cultural e resistência.

Símbolos de Terreiro

da vida das entidades. A fotografia abaixo, capturada no terreiro Rei Sebastião, em São Luís, apresenta o Sagrado Coração de Jesus, que é mostrado com uma túnica branca, as chagas nas mãos, o coração fora do peito, rodeado de espinhos e em chamas. A imagem é o símbolo maior na devoção católica, significando o amor divino e a compaixão de Jesus Cristo pela humanidade. De acordo com a visão popular do catolicismo, o coração representa o amor, as chamas simbolizam o sacrifício, enquanto a coroa de espinhos remete ao seu sofrimento. Além dessa, existem inúmeras outras compreensões da mesma imagem.

Foto: Reinilda Oliveira (2021)

**Imagem do Sagrado Coração de Jesus-
Terreiro Rei Sebastião / São Luís**



Na iconografia mais recorrente de Santa Bárbara, por exemplo, são trazidos como atributos um cálice, uma coroa, uma espada, uma torre e, por vezes, uma palma. O cálice simboliza o martírio e a fé, enquanto a torre está associada à sua história, pois, segundo a tradição, ela foi aprisionada em uma torre por seu pai. Esses elementos representam sua proteção e intercessão contra tempestades e raios, refletindo também sua relação com a fertilidade e a proteção das cidades. No Maranhão, é a padroeira do Tambor de Mina, com sua data comemorativa no dia 4 de dezembro.

As entidades estão diretamente relacionadas a diferentes atividades humanoculturais, como a caça, a guerra, a justiça, a maternidade e a cura, e essa característica define alguns dos seus elementos que podem aparecer na iconografia. Analisando imagens de orixás, percebemos que Iansã, por exemplo, tem como atributo um raio, uma espada, erexin (rabo de cavalo), já Oxóssi é representado por um arco e flecha (Ofá) e o Eruexim (rabo de boi), mostrando sua afinidade com a caça.

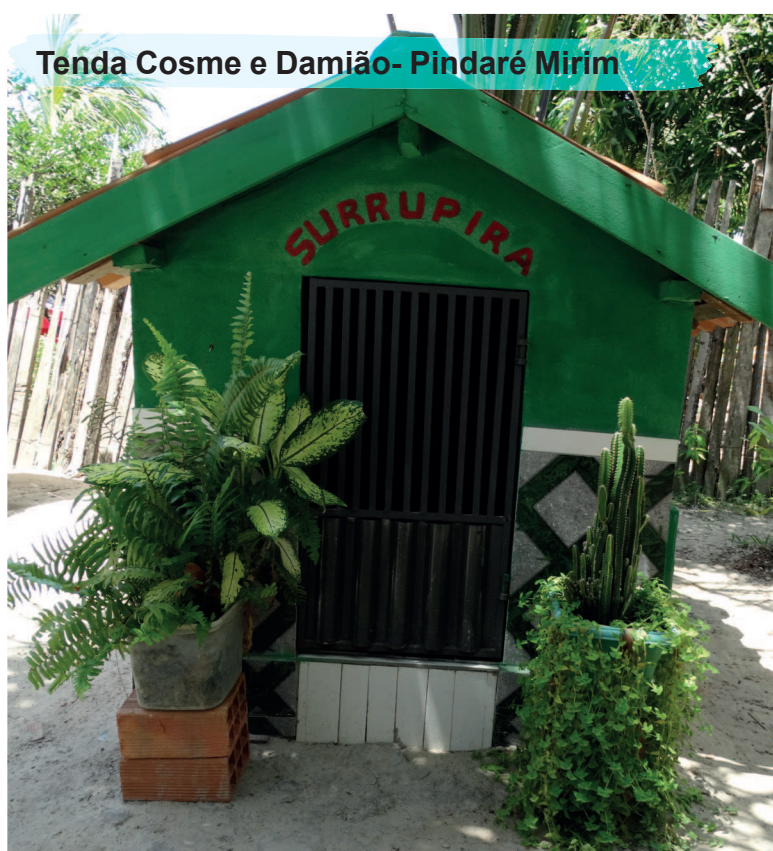
Assim como santos do catolicismo, entidades das religiões afro-brasileiras tiveram vidas em terra, e por isso podem ter características humanas. O filho de santo Fernando Cardoso, da Tenda Jurandiense de Itapecuru Mirim, afirmou que nem todas as entidades podem ser descritas em imagem, e há imagens que foram reveladas naquela feição específica. Por exemplo, seu Zé de Légua e seu Baiana Grande foram entidades que foram reveladas em imagens ao pai de santo, enquanto algumas outras não permitem que suas imagens sejam projetadas; elas aparecem apenas nos sonhos e nas intuições dos médiuns. Seu Jurandir da Ponta D'areia é uma das entidades que não permitiu que fossem feitas imagens dele.

Esta imagem, estampada na parede de um terreiro em Caxias/MA, traz um Preto Velho sentado em um banco de madeira, usando terno branco, chapéu de palha e pitando/fumando cachimbo. Ele geralmente usa roupa branca, o que representa paz e espiritualidade, um bastão ou cajado, que simboliza autoridade, proteção e a sabedoria acumulada ao longo da vida e o cachimbo que é frequentemente associado à sabedoria dos mais velhos.



Pontos de assentamento / firmezas

Um ponto de assentamento é um local de ritual, culto, segredo, conexão energética com a divindade e simboliza a ligação entre o médium e a entidade; é a força ou o poder assentado no solo ou em um recipiente de louça ou barro. Pode ficar nos quatro cantos do terreiro, dentro ou fora da casa, pode ser inclusive em outros espaços, como sítios e áreas de muita natureza. Os assentamentos servem para reforçar a conexão entre um indivíduo ou grupo, para cultivar e cuidar da entidade espiritual. Abaixo, imagens de dois (2) assentamentos de Surrupira.



Tenda Cosme e Damião- Pindaré Mirim

Foto: Jandir Gonçalves (2015)



Terreiro do povoado São Lourenço - Vitória do Mearim

Foto: Reinilda Oliveira (2021)

Nos pontos de assentamento, algumas vezes, percebemos elementos que se referem às linhas das entidades, sejam elas das águas, de rua ou da mata. Em geral, é oferecido o que agrada às entidades, desde a cor da vela a elementos característicos delas, mas há infinitas possibilidades da concepção de um assentamento.

Na imagem a seguir, um assentamento de Exu no terreiro Rei Sebastião, em São Luís, traz dois vultos de Exu, duas garrafas de cachaça, um copo de café, charutos, uma vela vermelha e uma guia, nas cores vermelha e preta.

Tronqueira de Exu- Terreiro Rei Sebastião São Luís



Altars/ santidade

No geral, as religiões possuem seu altar, lugar em que se colocam imagens, símbolos e ícones ligados à sua liturgia. O altar/santidade nos terreiros é uma herança do sincretismo e simboliza um lugar de força, ponto de irradiação, pureza e conexão com o mundo espiritual. A organização, tamanho e quantidade de elementos podem variar de acordo com o terreiro.

Nos altares geralmente encontramos imagens em quadros, entalhadas em madeira ou moldadas em gesso, com representações de Jesus Cristo, dos guias espirituais, sincretizados ou não com santos, de Pretos Velhos, entidades infantis, anjos, Mães D'Água, velas, água do mar/de cachoeira, jarros com plantas e flores, cálice/copo com água, guias (de acordo com as entidades cultuadas), sereias, perfumes, ervas frescas e secas, crucifixos, fósforos, taquari, cigarros, tauari, banhos, cuias, terços, escarradeiras, incensos, pomba do Divino Espírito Santo, toalhas, punhais, conchas, pedras, guias, glanchamas.

Em algumas casas, os altares/santidade costumam ter o santo homenageado no centro da mesa, do lado esquerdo os santos cujas datas comemorativas já passaram e, do lado direito, os que estão por vir, em um fluxo constante das imagens. Isso obedece ao calendário festivo do terreiro, por exemplo, no mês de dezembro, homenageia-se Santa Bárbara (dia 4), Nossa Senhora da Conceição (dia 8) e Santa Luzia (dia 13).

Na imagem abaixo, temos uma santidade exemplificando o que foi dito, com imagem central de Nossa Senhora da Conceição, Santa Bárbara do lado esquerdo e do lado direito São Sebastião, comemorado no dia 20 de janeiro.



Simbolos de Terreiro

No centro, leste e sul do Maranhão têm-se outras compreensões sobre uma santidade/altar: na fotografia abaixo, além das imagens tridimensionais, utilizam-se muitos quadros com imagens de santos. Em alguns casos à imagem ou ao quadro são acrescentadas fitas coloridas, simbolizando pedidos ou enfeites, assim como uma moldura, dando destaque ao santo.



Altar no povoado São Lourenço- Vitória do Mearim



Na pajelança, nos rituais de cura, faz-se um altar específico e há sempre ao menos um penacho e um maracá como mostrado na fotografia abaixo. No centro, tem-se uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, por vezes acrescida de outras como São Sebastião, Sagrado Coração de Jesus, São Gonçalo, anjo Serafim. Há exceções, como no terreiro Fé em Deus, de Mãe Elzita, no bairro Sacavém, em São Luís, em que se usa o próprio altar do terreiro.

Foto: Jandir Gonçalves (2011)

Altar do terreiro Fé em Deus, de Mãe Elzita / São Luís



Simbolos de Terreiro

Mundicarmo Ferretti (2000), no conhecido livro *Desceu na Guma* conta que, na Casa Fanti Ashanti, nas noites de cura, em vez de tambores, na frente há uma pequena mesa, coberta por toalha branca de renda, onde se encontram crucifixo, imagem de Nossa Senhora da Conceição e de um outro santo, velas brancas, copo d'água e punhal (este usado para tirar malefício), fumo, incenso, uma xícara de chá e algumas garrafas de bebida (cachaça e refrigerante), etc. Sob a mesa de cura existe sempre, na Casa Fanti-Ashanti, uma escarradeira, onde o pajé cospe corpos estranhos, quando 'retirados de pessoas enfeitçadas', durante o ritual. Encontram-se também, às vezes ali, "garrafadas" (medicamentos preparados pelo pajé), tesoura aberta, chave, etc.

Na foto abaixo, um altar da Tenda São Sebastião, em Barra do Corda, traz uma mesa com toalha de chita, no centro dois crucifixos, imagens de São Sebastião, Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora e do Caboclo Flecheira. Ainda na mesma mesa tem São João do Carneirinho, Santo Antônio, Nossa Senhora do Desterro, com quadros de santos e quatro (4) velas. Na parede, acima da mesa, há uma quantidade significativa de quadros com santos e outras imagens em gesso, como a de Frei Damião, Padre Cícero, Nossa Senhora da Conceição, uma sereia e uma Iemanjá.

Foto: Jandir Gonçalves (2011)

Tenda São Sebastião em Barra do Corda



Na mesa de cura no terreiro de Raimunda Viegas, em São Luís, como principal elemento, no centro, aparece Nossa Senhora da Conceição, ladeada por imagem de São Sebastião, três diferentes invocações de Jesus Cristo (Menino Jesus, Nosso Senhor dos Passos e Senhor Morto), Santo Antônio, uma tigela com cristal, um bibelô de coruja, flores e uma fotografia emoldurada do antropólogo, já falecido, Sérgio Figueiredo Ferretti.

Foto: Jandir Gonçalves (2006)



Mesa de cura no terreiro de Raimunda Viegas, em São Luís

Simbolos de Terreiro

Em alguns terreiros, os altares podem ser cobertos na Quaresma, como mostram as imagens abaixo, assim como no catolicismo, simbolizando o sofrimento de Jesus. Isso acontece em um ritual chamado de Salvar Aleluia, é o mesmo que romper a Aleluia e representa a finalização da Quaresma, que acontece no Sábado de Aleluia. Nesse dia ocorre o fechamento do ciclo carnavalesco, com as turmas de samba e blocos afro na região do litoral Ocidental Maranhense.

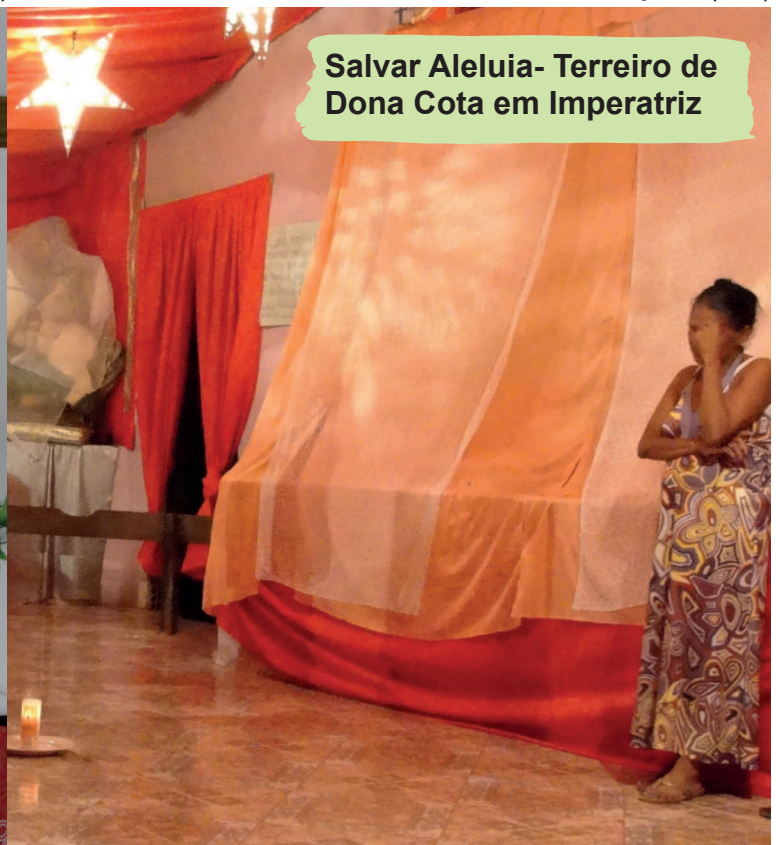
No Tambor de Mina, em alguns municípios do Maranhão, é costume fazer a abertura das correntes e o primeiro ensaio das turmas de Bumba meu boi no Sábado de Aleluia. Inclusive há cânticos do Divino Espírito Santo que são cantados nos terreiros, somente nesta data. Muitas dessas casas, quando não fazem esses rituais no Sábado de Aleluia, fazem no sábado seguinte, que é conhecido por aleluinha ou pascoalina.

Aleluia Aê maracambô
Aleluia maracambô, maracambô
Aleluia Aleluia Aê maracambô
Salve
(Doutrina de Salvar Aleluia)

Foto: Jandir Gonçalves (2016)



Foto: Jandir Gonçalves (2011)



Esta sessão pode ser trabalhada para fortalecer o respeito à diversidade, a compreensão cultural e a construção de uma sociedade mais inclusiva, pois, ao reconhecermos e valorizarmos as tradições afro-religiosas, contribuímos para a construção de um ambiente educacional mais enriquecedor e respeitoso com as múltiplas identidades do país. Lembrando também que ao trazer símbolos afro-religiosos para o ambiente educacional, os professores têm a oportunidade de abordar questões relacionadas à história, à formação cultural do Brasil e à luta contra o racismo religioso. Dessa forma, os estudantes não apenas adquirem conhecimento sobre uma expressão religiosa específica, mas também desenvolvem habilidades críticas e sensibilidade cultural.

Referências

FERRETTI, Mundicarmo. **Desceu na Guma**: o Caboclo no Tambor de Mina. São Luís: EDUFMA, 2000.

FERRETTI, S. F. **Repensando o sincretismo**. 2. ed. São Paulo: Edusp; Arché Editora, 2013, 280p.

SIMAS, Luiz Antonio, RUFINO, Luiz. **Fogo no mato**: a ciência encantada das macumbas. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

Entrevista

CARDOSO, Fernando. [Entrevista concedida a] Reinilda de Oliveira Santos. Itapecuru- Mirim, maio de 2023.

COSTA, Gustavo. [Entrevista concedida a] Reinilda de Oliveira Santos. São Luís, junho de 2022.

DOURADO, Quezia. [Entrevista concedida a] Reinilda de Oliveira Santos. Caxias, junho de 2022.

GOMES, João Marcello. [Entrevista concedida a] Reinilda de Oliveira Santos. Pindaré-Mirim, fevereiro de 2023.

INSTRUÇÃO TÉCNICA E ELABORAÇÃO DAS SESSÕES EDUCATIVAS DA ABA EDUCATIVO DO MUSEU AFRO DIGITAL DO MARANHÃO

Símbolos de Terreiro



Pesquisa e Texto:

Reinilda Oliveira e Jandir Silva Gonçalves

Orientação:

Viviane de Oliveira Barbosa

Capa e Projeto Gráfico:

Claudio Lima

Fotografias:

Reinilda de Oliveira Santos, Jandir Silva Gonçalves
e Ana Mendes

Entrevistas:

João Marcello Gomes
Quezia Dourado

Apoio:

Universidade Estadual do Maranhão
Programa de Pós-graduação em História
Museu Afro digital do Maranhão



ROTEIRO DE ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Tema da sessão	Símbolos de terreiro
Objetos do conhecimento¹	Populações afrodescendentes e indígenas no Brasil
Série	1ª e 3ª Séries do Ensino Médio
Duração	2 aulas
Área do conhecimento na BNCC / Subárea	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas / História
Competências da área na BNCC	5- Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. 6- Prestigiar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências.
Habilidades da BNCC	(EM13CHS502) - Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
Habilidades COPEM	(EM13CHS104) - Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

¹ De acordo com o Caderno de Orientações Curriculares para o Ensino Médio da Rede Estadual do Maranhão (COPEM).

Habilidade sugerida	Analisar os traços afro-identitários presentes nos diferentes símbolos de terreiro, destacando sua importância como expressão religiosa e cultural, e a partir disso, problematizar como o desconhecimento sobre a temática reflete em diferentes formas de preconceito, desigualdade e discriminação.
Palavras-chave	Terreiro, simbolismo, religião afro, identidade, pertencimento.
Aprendizagens essenciais na BNCC	Respeito aos direitos humanos e à interculturalidade e o combate aos preconceitos de qualquer natureza.
Objetivos²	<ul style="list-style-type: none"> - Estudar aspectos das religiões de matriz africana na sala de aula, desconstruindo ideias preconcebidas, combatendo o racismo religioso, além de ajudar no processo de fortalecimento de consciência histórica; - Compreender a importância de alguns elementos e seus significados que marcam os terreiros do território maranhense, como defumador, cruzeiro, velas, pontos de assentamento, imagens/vultos e altares/santidades.
Metodologia de Ensino	<ul style="list-style-type: none"> - Sala de Aula Invertida: pedir que os estudantes olhem os verbetes do acervo afro-ameríndio do Museu Afrodigital do Maranhão (link disponível na referência) e comentem na aula o que observaram. <p>1ª aula - Exploração Teórica</p> <ul style="list-style-type: none"> - Começar a aula a partir do que os alunos entendem sobre a temática; - Apresentar, com base na sessão educativa, o conceito de terreiro, a relação das religiões afro com o catolicismo e os símbolos mais comuns encontrados em terreiros; - Provocar reflexões sobre a importância desses símbolos para a identidade cultural e religiosa dos praticantes;

² No Ensino Médio, a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade.

	<p>- Dividir a sala em grupos para leitura (um para cada tópico da sessão apresentada).</p> <p>2ª Aula - Atividade Prática/Avaliativa</p> <p>- Discutir a temática, estimulando o debate e a troca de ideias entre os estudantes, a partir de reflexão crítica sobre a diversidade religiosa e cultural através dos elementos apresentados;</p> <p>- Apresentação dos Grupos - cada grupo realiza uma breve exposição sobre os elementos presentes nos tópicos da sessão, destacando sua importância cultural e religiosa através de diferentes linguagens (resumo, desenho, música, teatro, fotografia, poesia, podcast)</p>
Recursos Didáticos e tecnológicos	<p>Sessão SÍMBOLOS DE TERREIRO (PDF); data show e computador para expor fotografias e vídeos do acervo afro-ameríndio do Museu Afrodigital do Maranhão; entrevistas com membros de terreiros.</p>
Sugestão de interdisciplinaridade	<p>Disciplinas: História, Arte e Sociologia.</p> <p>Duração: 3 aulas</p> <p>Tipo: Feira Cultural</p> <p>Local: Pátio, auditório ou uma sala de aula</p> <p>Título: <i>Terreiro de Saberes</i></p> <p>Objetivo: promover o conhecimento sobre elementos de terreiros, destacando sua importância religiosa, histórica e cultural, almejando sensibilizar a comunidade escolar para a riqueza das tradições afro-brasileiras e contribuir para o respeito à diversidade religiosa e o fortalecimento da sabedoria ancestral para uma educação antirracista.</p> <p>1ª aula:</p> <p>- Os professores das três disciplinas irão escolher previamente os grupos e as abordagens para o dia da feira, cada uma terá seu estande temático. Lembrando que o grupo é o mesmo nas três disciplinas;</p>

- O professor de História poderá usar o material resultante da aula feita anteriormente, em que cada grupo fez uma breve exposição sobre os elementos presentes nos tópicos da sessão através de diferentes linguagens (resumo, desenho, música, teatro, fotografia, poesia, podcast). Além disso, ele poderá fazer leitura de imagens, a partir das fotografias presentes na sessão, explorando seus diferentes significados a partir do ponto de vista dos estudantes, propiciando análise crítica, sensibilização estética e construção de significados histórico.
- O professor de Arte pode explorar as diferentes linguagens artísticas a partir dos trabalhos oriundos da aula de história e organizar o espaço da exposição de acordo com os tipos de produção, agregando outros elementos relacionados ao tema;
- O professor de Sociologia pode pedir que os estudantes confeccionem cartazes sobre atitudes que marginalizam as religiões afro-brasileiras, associadas a ações antirracista e questões como intolerância religiosa, racismo religioso, papel das religiões afro na preservação da história e cultura afro-brasileira.

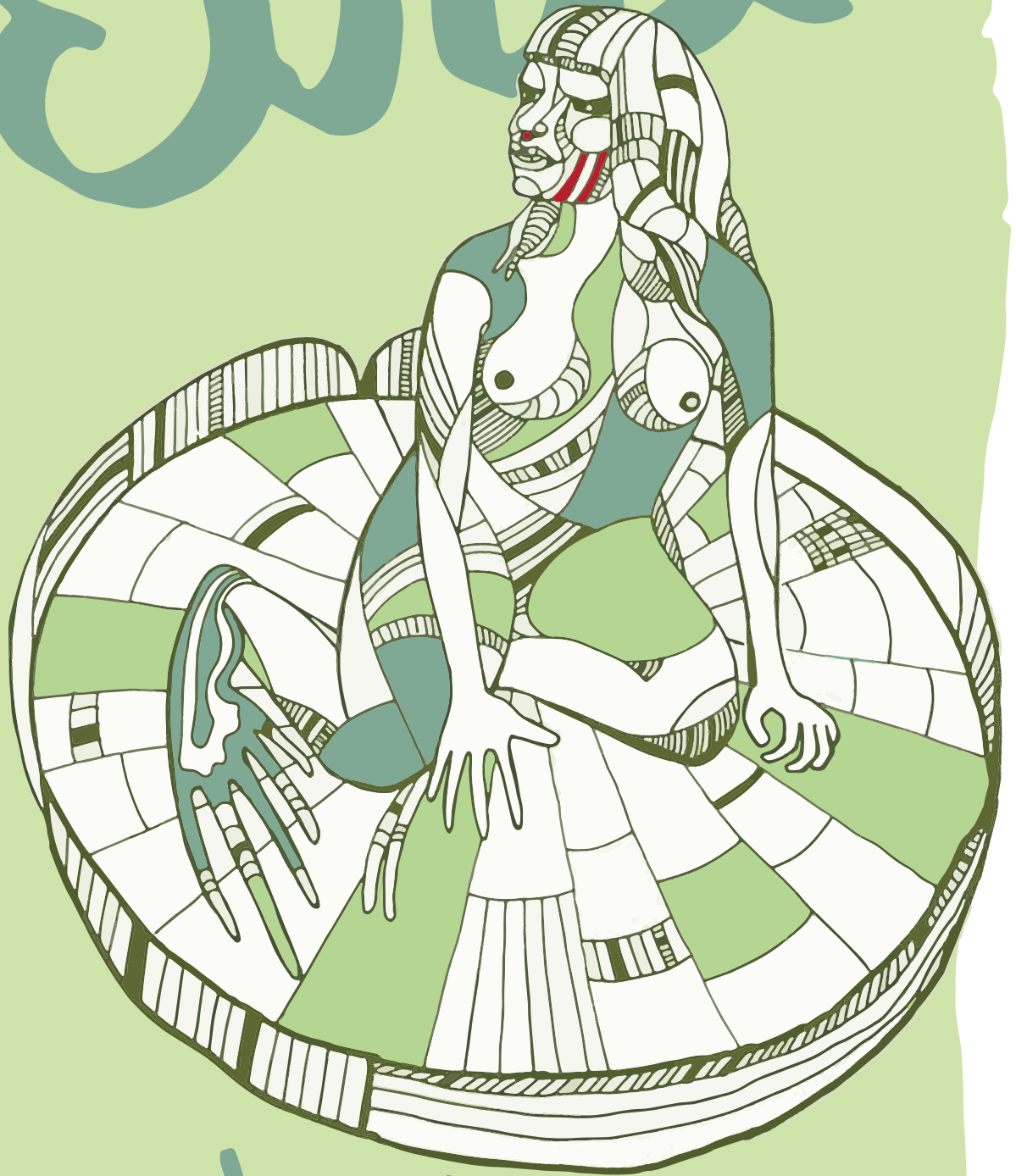
2ª e 3ª aula:

- Convidar outras turmas da escola para visitar a feira;
- Organizar os estandes no espaço em que será realizada a feira, ornamentar com elementos que remetem as religiões, como toalhas, bandeiras, instrumentos musicais, indumentárias, comidas, tecidos, plantas, esteiras de palha, ou o que mais os alunos conseguirem levar.
- Culminância: realização da feira com apresentações de cada grupo.

Avaliação: Os professores poderão analisar as percepções dos estudantes relacionadas às diferentes habilidades desenvolvidas durante a feira e os aprendizados a respeito dos símbolos e do universo das religiões afro-

	<p>maranhenses, através de um relatório, feito por cada grupo, constando as etapas da ação e os aprendizados adquiridos.</p>
Referências	<ul style="list-style-type: none">- BRAGA, Lúcia Helena Vieira. Cores, formas e símbolos: A estética afro-brasileira nas religiões de matriz africana. Salvador: EDUFBA, 2012.- BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional Comum Curricular. 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 20 de janeiro de 2023.- _____. Documento Curricular do Território Maranhense: para a Educação Infantil e o Ensino fundamental. 1ª ed Rio De Janeiro: FGV, 2019, 487 p.- MUSEU AFRODIGITAL DO MARANHÃO. Disponível em: https://museuafro.ufma.br/.

Uma



morada de
encantados

Reinilda de Oliveira Santos



Escultura de Mãe d'Água

Sessão didática 4

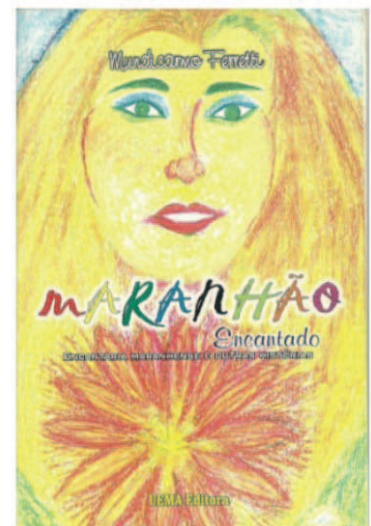
Eira: Morada de Encantados¹

Além de comidas, bebidas, cores e gostos específicos, as entidades também são associadas a determinados lugares, representando seus elementos e forças da natureza, como mares, lagos, cachoeiras, matas, poços, morros, tabuleiros, remansos, pedreiras, florestas. E é de conhecimento que algumas delas se encantaram em locais como esses. Nesta sessão, falaremos um pouco sobre eira, guma/guna, terra, lugar, morada de encantados no Maranhão.

Em primeiro lugar, vamos entender o que é uma morada de encantado! É um ponto de força, um local no qual a entidade se encantou, deixou de existir no plano terreno e passou para o lado espiritual. Nesse contexto, temos aquelas que existem concretamente e outras não, aquelas que estão relacionadas a um tempo específico, as que existiam e sumiram, e ainda algumas que provavelmente existiram e estão vivas no imaginário, como a Praia de Tremedá, que é a morada do encantado do Camarajó e a Lagoa do Pajeleiro.

Para nos apresentar essas moradas, contamos com os conhecimentos do pesquisador Jandir Gonçalves e com algumas referências sobre o tema, com destaque para o livro Maranhão Encantado, Encantaria Maranhense e Outras Histórias, da antropóloga Mundicarmo Ferretti². O livro traz uma coletânea de narrativas e transcrições das histórias orais maranhenses sobre entidades espirituais recebidas em transe mediúnico em terreiros de Mina, Terecô, Umbanda, salões de curadores e pajés.

Mundicarmo Ferretti (2008) nos diz que, tanto as encantarias de lugares conhecidos como as de lugares



¹ Na ilha de São Luís, o porto do Itaqui, as praias de Olho d'Água, Ponta D'Areia, São José de Ribamar são apresentadas naquelas músicas como moradas da Princesa Ina, da Rã Preta, da Menina da Ponta d'Areia e de outros encantados. No meio do mar, entre a ilha de São Luís e Alcântara, no tão temido Boqueirão – passagem entre duas pedras -, onde o mar é mais agitado, provocando naufrágios, e onde se acredita que muitas pessoas se encantaram. Existe também no meio do mar a pedra de Itacolomi, que pertence ao encantado João da Mata, ou Rei da Bandeira, onde vive a Princesa Doralice, encantada numa troirinha (lagartixa). São também conhecidos no Maranhão como lugares de encantarias: Praia dos Lençóis, de Rei Sebastião, e as Pontas de Mangunça e de Caçacueira, onde moram as Mães d'Água de mesmo nome. (Ferretti, M, 2008)

² Link para baixar o livro em PDF. <https://www.gpmina.ufma.br/wp-content/uploads/2017/03/Livro-ilustrado.pdf>

desconhecidos são inacessíveis à maioria das pessoas. E a morada dos encantados parece que nunca fica na superfície. Quem diz ter sido levado pelos encantados para lá, fala em lugares submersos em águas profundas, em caminhos longos para dentro da terra, etc. Geralmente, quem afirma ter ido lá não costuma falar muito, por medo de castigo ou para não perder alguns dons recebidos das entidades espirituais. E isso colabora para termos poucas informações sobre esses lugares que apresentamos a vocês agora.

Moradas que existem concretamente:

Nazaré do Bruno

Uma afamada morada de encantado é o povoado Nazaré do Bruno, que fica a sessenta (60) km da sede de Caxias, e é a eira/reinado do príncipe Ariolino, conhecido como príncipe do mar. A configuração da eira está relacionada a quatro morros do local, morro Nossa Senhora da Guia, ao norte, Morro de Nossa Senhora das Graças, ao leste, morro de Nossa Senhora dos Remédios, a oeste, e morro do Monte Carvalho, ao sul, lembrando que eles todos são locais de penitências, por serem considerados sagrados.

O povoado Nazaré do Bruno surgiu no final da década de 1930, em função de constantes fluxos em busca de cura centrada nas atividades religiosas, ligadas ao pai de santo José Bruno de Moraes. Atualmente, Nazaré do Bruno possui nove (9) terreiros, que foram atribuídos como missão para pessoas da comunidade pelo próprio Bruno, ainda em vida.

O povoado possui um calendário bastante festivo no decorrer do ano, com destaque para o festejo de Nossa Senhora de Nazaré, que começa com alvorada de fogos, respondida pela comunidade, seguida de novena, procissões, leilões, atrações musicais e, por vezes, corrida de cavalos, festejo de Santos Reis, pelas báias³, pelo Jejum de São Pedro no Olho D'água de Cura e pelas penitências nos morros. O povoado recebe, nesse período, muitos visitantes de outros terreiros da região e atraindo, com isso, pessoas de comunidades, municípios e até do Piauí, estado vizinho.

Luiz Machado Silva (2020) apontou que uma das maiores báias acontece no barracão do Pai Luiz Machado da Silva, líder umbandista, afilhado do mestre Zé Bruno, um dos sacerdotes mais influentes da comunidade. Seu salão, erguido em homenagem ao Príncipe Encantado José Ariolino e ao Caboclo Rompe-Mato, é o maior templo de umbanda do povoado.

³ É um termo usado pelos rodantes para designar o momento da dança no terreiro.

Manoel de Almeida e Silva, da Associação Ponto de Cultura ILEXPP ou simplesmente Ilê Axé Xangô da Pedra Preta⁴, destacou, em seu blog, que o príncipe Ariolino é um moço de estatura alta e cabelos loiros, guerreiro e realeza da linha do mar.

Quem foi Zé Bruno?

José Bruno de Moraes, Zé Bruno, compadre Zé Bruno ou simplesmente Zébruno nasceu no dia 6 de outubro de 1897, no povoado Barro Duro, no Piauí. Filho de Raimundo José Moraes e Maria Martins do Espírito Santo, assim como muitos, sua mediunidade se manifestou quando ainda era jovem, no final dos anos de 1930. De acordo com Luís Machado Silva (2020), Zé Bruno começou a ter experiências oníricas com a Virgem de Nazaré e a santa pedia para que ele adquirisse uma propriedade, a fim de concretizar sua missão de vida. A terra em questão, denominada “Unha de Gato”, era de um familiar, que após vendê-la, tornou-se um dos “discípulos dele. Batizada posteriormente de Nazaré do Bruno, a comunidade passou a receber centenas de pessoas.

As chuvas que vêm do céu
Quem manda nela é Deus
E o vaqueiro vem das campinas
Ariolino sou eu.

(Ponto do Mestre Ariolino)

Ariolino é homem
Ele é guerreiro
Chegou à eira pra salvar terreiro

(Ponto do Mestre Ariolino)

⁴ Link de acesso ao conteúdo completo do blog: <https://pontodeculturailexpp.blogspot.com/2012/06/trajetorias-deum-principe-do-mar.html>

Ilha dos Lençóis

A Ilha dos Lençóis fica no município de Cururupu e faz parte do arquipélago de Maiaú, também conhecido como arquipélago de São João, localizado no Litoral Ocidental Maranhense. A ilha é o local onde Rei Sebastião, que foi o rei de Portugal entre 1557 e 1578, teria se encantado junto com rainha, princesas, príncipes e fidalgos, sendo conhecidos como família dos Lençóis no universo da encantaria. Essa tradição está associada ao mito da volta do rei Dom Sebastião, ligado a um período da história de Portugal, marcado pela morte prematura do rei na Batalha de Alcácer-Quibir, no Marrocos (África), em 1578.

O mito sugere que Dom Sebastião não morreu em batalha, mas que está encantado e que um dia retornará para salvar Portugal em um momento de extrema necessidade. A lenda aparece muito nas manifestações de Bumba meu boi também, em que Dom Sebastião é associado a um touro encantado. Sergio Ferretti (2013) indicou que, em alguns terreiros, o Rei Sebastião incorporava nos devotos na forma de um touro, chamado de boi Turino e a pessoa que o recebia dançava ajoelhada, com as mãos ciscando o chão e bufando como um touro. Geralmente este transe dura pouco tempo, como se viu em terreiros de São Luís.

Relacionado a esse mito, temos outras narrativas, como a do navio encantado de Dom Sebastião, que é visto pelos viajantes no local conhecido como Boqueirão, no Golfão Maranhense. O navio encantado de Dom João era visto pelos frequentadores do antigo Terreiro do Egito, no local próximo ao porto do Itaqui, em São Luís, lugar que também carrega outro mito, a morada da Princesa Iná, descrito no próximo tópico. Hoje Rei Sebastião é considerado chefe e uma grande referência da encantaria maranhense, e suas doutrinas ecoam pelos terreiros do Maranhão, a exemplo das que seguem:

Salve o rei
Salve o rei
Salve o rei Sebastião
Com sua croa na cabeça
Sua espada na mão.

(doutrina Rei Sebastião)

Rei rei rei
Rei Sebastião, se desencantar lençóis,
vai abaixo o Maranhão.

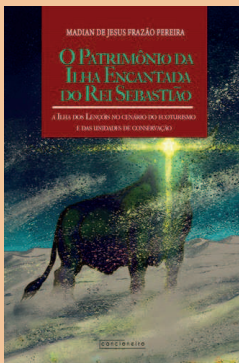
(doutrina Rei Sebastião)

Em cima daquele morro
eu vi o raiar de sol,
É rei Sebastião lá na praia do lençol.
(doutrina Rei Sebastião)

Quem escreve sobre isso!



SERGIO FIGUEIREDO FERRETTI foi antropólogo e Professor Emérito da Universidade Federal do Maranhão. Dedicou sua pesquisa às religiões afro-brasileiras, com foco no Tambor de Mina, Casa das Minas, cultura popular, Tambor de Crioula e sincretismo. É autor de artigos em periódicos científicos, capítulos de livros e livros. Membro de conselhos editoriais de vários periódicos científicos. Foi um importante membro da Comissão Maranhense de Folclore e criador do grupo de pesquisa GPMina.



Outra importante contribuição foi da antropóloga Madian de Jesus Frazão Pereira, vinculada ao Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMA e coordenadora do Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA). Em sua tese de doutorado, em 2007, escreveu “O Patrimônio da Ilha Encantada do Rei Sebastião: a Ilha dos Lençóis no cenário do ecoturismo e das unidades de conservação”, que foi publicada em 2003 (imagem ao lado). Ela percorre por várias vozes/versões que identificam os “bens” patrimoniais da ilha encantada do Rei Sebastião. Trata-se do patrimônio que congrega ricas características simbólicas e naturais, arregimentadas no cenário do ecoturismo e das Unidades de Conservação. A pesquisa identifica também como a Ilha dos Lençóis é apropriada pelo universo “de fora” através de uma multiplicidade de discursos.

Pedra de Itacolomi

A Pedra de Itacolomi é um lugar físico, situado no litoral de Alcântara e faz parte do distrito de São João de Cortes, onde teria se encantado o Rei/caboclo da Bandeira e sua família e é conhecido também como o reinado da princesa Troirinha. A antropóloga Mundicarmo Ferretti (2000) argumenta que os encantados da família do Rei da Bandeira são mais caçadores e pescadores do que guerreiros e, como ele gosta muito da mata, passou a ser conhecido como “João da Mata”. Fala-se inclusive que ele foi o primeiro caboclo a “bradar” no Tambor de Mina.



Pedra de Itacolomi retratada na parede-
Terreiro de Antônio Trepa/Pindaré-Mirim

Batazeiro do meu pai
Bate uma marcha só pra mim
minha morada é muito longe
moro em Itacolomi.

(Doutrina sobre a Pedra de Itacolomi)

Eu escrevi meu nome na folha do ariri
Sou caboclo da Bandeira, terra de Itacolomi
Sou caboclo da Bandeira, João da Mata falado
E abalou as matas e a mata abalou
E abalou as mata sim sinhô

(doutrina cantada no Templo Caboclo João da Mata -
Nosso Senhor do Bonfim/Caxias)

Em seu livro *Desceu na Guma*, Mundicarmo (2000) afirma que a pedra de Itacolomi faz parte de outros tantos lugares no Maranhão que são conhecidos como parte visível de encantaria, assim como as praias dos Lençóis, do Olho D'Água e de São José de Ribamar, na Ilha de São Luís; os rios Mearim e Negro; a ilha dos Caranguejos e o Pão de Ouro, em Codó.

Quem foi Rei da Bandeira?

Doutrinas cantadas no Tambor de Mina falam que ele é rei na Itália e que foi coroado nas ondas do mar, o Rei da Bandeira chegou primeiro no Ceará, na terra do Caboclo Velho. Depois foi com ele em direção ao Norte. Nessa época, os franceses já haviam assentado suas bases no Maranhão. Ele encantou-se na Pedra do Itacolomi, onde naufragam muitas embarcações, de onde ele domina grande extensão de mar e o Golfão Maranhense. Fixou seus domínios da praia da Ponta da Areia, na Ilha de São Luís, até a Ilha do Medo, na Baía de São Marcos. (Ferretti, M, 2000, p.72)

Ele é Caboclo da Bandeira,
João da Mata falado
Era profeta de Cristo e por João foi batizado

Na ponta do ariri ele é Caboclo da Bandeira
Pedra de Itacolomi,
ele mandou içar bandeira

Na ponta de sua espada,
ele é Caboclo da Bandeira,
João da Mata falado.

(Doutrina do Caboclo da Bandeira)

Moradas que estão relacionadas a um tempo específico

Reinado da Princesa Ina - Porto do Itaqui

A Princesa Ina, ou Iná, é filha do Rei Sebastião e, de acordo com a lenda, teria se encantado no fundo da Baía de São Marcos com todo seu palácio, próximo à região, em que hoje se encontra o Porto do Itaqui. No século XIX, o lugar era uma conhecida área de fundeio, onde embarcações costumavam lançar âncoras no Maranhão. Em 1918, o Governo do Estado deu concessão a uma companhia inglesa, a C.H. Walker & Co. Limited, para que construísse um porto no local, contudo a obra embargou, retornando somente vinte anos depois.

Sergio Ferretti (2017) e Bento Moreira Lima Neto (2007) falam sobre esse episódio, narrando que durante a construção do porto aconteceram diversos acidentes graves e alguns escafandristas morreram. Naquele momento, alguns pais de santo, liderados pelos falecidos Jorge Itaci e Sebastião do Coroado, divulgaram a notícia de que o porto estava em território encantado, e que a princesa Ina estava revoltada, pois seu palácio, no fundo do mar, fora perturbado pelas obras.

Para acalmar a ira da princesa, aqueles religiosos prometeram organizar uma grande festa, reunindo representantes de diversos terreiros na Praia do Boqueirão, próximo ao local. Foi o que ocorreu em 1970. Depois disso, não ocorreram mais acidentes na construção do porto. Entretanto, alguns pais de santo dizem que, de tempos em tempos, as oferendas precisam ser renovadas para evitar futuros problemas no porto. Hoje há um altar para Iemanjá no local, que é a representação da princesa.



Indicação de leitura

A princesa das águas, do autor infanto-juvenil maranhense Wilson Marques, narra, de forma ilustrada, a história da princesa Ina e o processo de construção do Porto do Itaqui.

Ilha dos Caranguejos

A Ilha do Caranguejo (ou Ilha dos Caranguejos) é a morada da temerosa cabocla Ita e está relacionada a inúmeros mistérios. Fica localizada no estuário do Mearim, ao sul da Baía de São Marcos, a cerca de 30 quilômetros da Ilha de São Luís, entre Bacabeira e Cajapió, município ao qual a ilha pertence. Jandir Gonçalves conta que, na praia de Tapéua, em Cajapió, tem-se visão privilegiada da ilha, que é também uma reserva ecológica e, por ser de mangue, é frequentada apenas por pescadores, principalmente dos municípios de Bacurituba e Cajapió, e não há moradores, apenas rancharia desses pescadores.

Há vários relatos envolvendo OVNIs na Ilha dos Caranguejos, o que atraiu cientistas brasileiros e estrangeiros, e casos como o que aconteceu em 25 de abril de 1977, quando um barco com quatro pescadores a bordo teria sofrido um acidente misterioso e apenas um deles amanheceu ileso. A história é detalhada na narração do Area51Canal no YouTube*.

Ela atirou na areia,
Ela atirou na areia. (2x)
Ela é Cabocla Ita
E vem lá da sua aldeia. (2x)
Não bambeia, não bambeia,
Cabocla Ita não bambeia. (2x)

(Doutrina da cabocla Ita)

Cabocla Encantada
Da Ilha dos Caranguejos
Pele morena bronzeada
Que pena que não te vejo.
Uns dizem que ela é homem
Outros dizem que ela é mulher
Na verdade, eu só sei que ela mora
na aldeia de Tapindaré.

(Doutrina da Cabocla Ita)

Indicação de vídeos do YouTube



Doutrinas da Cabocla Ita no YouTube: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Z_fQsZdYaJw&ab_channel=ReginaldoLustosa



*Caso Ilha do Caranguejo (1977). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fdzYWgUZq5k&ab_channel=Area51Canal.

Reinado de Dom Luís Rei de França – de São Luís até a França

Dom Luís é festejado nos terreiros de Mina do Maranhão no dia 25 de agosto, dia de São Luís IX, santo que é homenageado pela Federação de Umbanda e Cultos Afros do Maranhão no dia 8 de setembro, data em que se comemora o aniversário da cidade de São Luís. Na Procissão dos Orixás, que parte do Palácio La Ravardière, sede da Prefeitura de São Luís, percorrendo ruas do centro histórico da cidade até a igreja do Desterro, seguem os andores de São Sebastião, Santa Bárbara, Nossa Senhora da Vitória e São Luís Rei de França.

Conta-se que a cidade recebeu esse nome em homenagem a Luís XIII, que era delfim na época de sua fundação, e a São Luís IX, um de seus antecessores. Por essa razão, a história do vodum/entidade gentil Dom Luís, Rei de França, que é contada nos terreiros maranhenses, remete tanto à de Luís IX (que organizou a última cruzada contra os mouros) quanto à de Luís XIII, que era delfim em 1612, quando foi fundado o forte que deu origem à cidade de São Luís.

Dom Luís comanda a Ilha de São Luís e acredita-se que sua corte esteja encantada na Baía de São Marcos, entre a Ponta D'Areia e a Ilha do Medo. Ele é um dos Reis da família dos Lençóis. Suas cores são azul, branco e vermelho e a morada dele seria então de São Luís até a França, como mostrado nas três doutrinas abaixo:

Venceu Brasil, venceu Brasil
Dom Luís é Rei de França
Ele é menino, ele é francês,
Dom Luís é rei nagô
“Ele é francês, ele é francês,
Dom Luís é rei de França, ele é francês.

(Doutrina de Dom Luís Rei de França)

O caminho do meu pai,
É do Brasil até a França
E o nome do meu pai é
Dom Luís, É rei de França.

(Doutrina de Dom Luís Rei de França)

Imagem de Dom Luís Rei de França-
Procissão dos Orixás



São sete rosas
São sete alianças
Desceu em guma
É Dom Luís é Rei de França

Ah ele é rei
Ele é Rei de Nagô
No meio do mar
Dom Luís imperador

Venceu Brasil, ganhou aliança
Desceu na guma,
Dom Luís é rei de França

(Doutrinas de Dom Luís Rei de França)

Moradas que não existem concretamente

Mundicarmo Ferretti (2000) destaca que as doutrinas de Mina se referem a muitos locais de encantaria e é possível que alguns deles sejam totalmente invisíveis ou não tenham ligações com territórios brasileiros. Entre eles podem ser citados a Lagoa do Jucá, a Praia do Coqueiro, o Mangue do Tinji, a Pedra Fina, o Tremendá, o Jardim de Ueira e as matas do Gangá, da Juremá, do Maitá, do Sereno, da Solidão, de Matumadé, de Tacueira, entre outros. Aqui, vamos conhecer alguns desses lugares: Mata de Codó, Reinado de Camundá, Terra de Tenterém e moradas de Mãe D'Água.

Mata de Codó

A Mata de Codó existe enquanto referência aos espaços naturais, às matas de coco, mas faz menção a lugares espirituais pelo Maranhão. Codó, visto como a morada da família de Légua, é um município situado no Leste maranhense e na bacia do Rio Itapecuru. As entidades da região de Codó são chamadas de “encantados da mata” e uma das famílias mais importantes desse grupo é a de Légua Boji Buá da Trindade.

As pesquisadoras Martina Ahlert e Conceição de Maria Teixeira Lima (2019) falam sobre o universo do terecô e da Mata de Codó, informando que essa família é formada pelos pais de Légua Boji Buá, sua esposa, irmãos e sobrinhos, além de uma grande quantidade de filhos e netos. Quando se canta para essa família, é comum ver entidades colocarem chapéus e entoarem pontos sobre bois e outros animais do campo, pois a sua história é relacionada à mata e à lida com os elementos do mundo rural. O pai de santo mais famoso da região de Codó foi Bita do Barão, que deixou um grande legado a seus filhos de santos e, muitos deles, abriram casas no município e em outras regiões.

Indicação de vídeo do Youtube



LINHAS DE TRABALHO: FAMÍLIA DE LÉGUA.

Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=ddAtj6xnMeY&ab_channel=TendadeSantaLuzia

Vá buscar cabocla lá na mata do Codó
Manda buscar caboclo na mata do Codó
Vem cá caboclo, tô na eira, caboclo só

(Doutrina sobre a Mata de Codó)

Teresinha de Jesus
Deu a queda e foi a chão
Acudiu 3 cavalheiros
Todos 3 chapéus na mão
O primeiro foi seu pai
O segundo meu irmão
O terceiro foi aquele
Que a Teresa ergueu a mão

Teresa Légua é uma moça encantada
Que nunca enganou ninguém
Quando precisar de mim mande me chamar
Chama que eu venho te ajudar

(Doutrina de Teresinha Légua)

Por cima do morro eu venho
Por cima do morro eu vou
Por cima do morro eu sou Boji
Por cima do morro eu sou Buá

Seu Légua tem um chicote na mão
Cada lapada que eu dou
Eu derrubo os meus inimigos no chão
Seu Légua tem 12 bois
Na ilha do Maranhão

Vou levar minha boiada
Da mata pro sertão
Boi, boi, boi
Boi, boi, boi girá
Tire as tamancas do boi Seu Légua

(Doutrina do seu Légua Bogi)

Eu nasci no arvoeiro
E me criei lá no alto do mar
O meu nome é Folha Seca,

Filho de Légua Buá
Meu pai é Légua Boji
Eu sou Légua Buá
É o mar, é o céu
É o céu, é o mar
O vento ventou
Foi lá na mata
Jogando as folhas secas no chão
O vento já parou,
A folha já caiu
Seu Folha Seca apanha uma por uma

(Doutrina do seu Folha Seca)

Que Zé Raimundo é curandeiro
Oh minha gente
Vai dizer pra mãe de terreiro
Que Zé Raimundo é feiticeiro
Eu sou de Codó
Meu pai é de Codó
Minha família é codoense
Lá na mata de Codó
Por trás de um pé de aroeira
Eu via vulto passar

Eu via vulto correr
Era seu Zé Raimundo
Que veio do Pará
(Doutrina de Zé Raimundo)

Seu Légua tem 12 bois
Na ilha do Maranhão

Vou levar minha boiada
Da mata pro sertão
Boi, boi, boi
Boi, boi, boi girá
Tire as tamancas do boi Seu Légua

(Doutrina do seu Légua Bogi)

Morada de Mãe D'Água

Existem várias compreensões sobre a existência da Mãe D'Água e, a partir de análise de doutrinas e imagens, diz-se que ela é moça fina, pode ser branca, preta, roxa, de olhos azuis, com cabelos pretos, loiros, com cauda/rabo de peixe, perna de sapo ou com aparência e escala humana. Há relatos da existência de Mãe D'Água macho, que da cintura para cima tem aparência de homem e da cintura para baixo é um peixe, inclusive no município de Carutapera existe o igarapé do Mãe D'Água. Uma característica associada a elas é o uso do trancilim, como um rosário, com pingente de muiraquitã, mostrado na fotografia da escultura na página seguinte.

Fonte: Jandir Gonçalves



Escultura de Mãe d'Água



Elas quase sempre vivem na beira d'água e, embora a maioria das pessoas acredite que elas morem somente na água doce, há uma diversidade de lugares, tais como:

Rios (Itapecuru, Carapirá)

Sou mãe d'água loira
Os meus olhos é azul
A minha morada é lá
No Rio Itapecuru

Sou mãe'dagua do Carapirá
Sou mãe d'água traiçoeira
Na travessia de Caçacueira

(Variação da mesma doutrina em
terreiro de Peri-Mirim)

Mais de meia noite,
Tá fazendo frio
já chegou mãe d'água
na beira do rio.

A mãe d'água do carapirá
É mãe d'água traiçoeira
Eu moro em mangunça
De frente de Caçacueira

(Doutrina na casa do pai de santo
Nhozico de São José de Ribamar)

Poço de beber (beira ou fundo)

Tava na beira do poço
a Mãe d'água me chamou
Vambora mais eu, mais eu não vou
Mãe d'água não vou
Eu tenho medo da maresia me

Sou eu mãe d'água preta
Lá do poço de beber
Eu vejo gente
Oh gente não me vê

Ô lá no poço fundo
Ô ninguém num lava nu
Sou eu quem lavo lá
Mãe D'água dos olho azul

Aê aê tambor tambor
tambor de mãe d'água
O tambor do fundo
é que fala a verdade

Mar (praias, areia, balanço da maré, maresia, beira e ondas do mar)

Eu tava na beira da praia
Minha mãe mandou me chama,
eu não sei para que é,
eu sou mãe d'água roxa,
eu venho no balanço da maré

Eu tava sentado na areia
foi quando a mãe d'água me chamou
Eu estava sentadinha num banquinho de lavar
foi quando a mãe d'água me chamou

Lago e lagoa

Eu passei na beira da lagoa
Oh no caminho escutei
Me chamar, me chamar
Era mãe d'água, mãe d'água loira
ela dizia, meu filho vem cá (2x)

Mas mamãe surrupira
mandou me chamar
Mas eu não vou,
Eu não vou lá
Buscar mãe d'água
nas ondas do mar

Eu sou mãe d'água
Eu moro no meio do mar (2X)
Eu vim, eu vou
Lá pro fundo do mar (2x)
(doutrina cantada por Zé Luís- Rosário)

Banquinho de lavar, baía, ilha, morro de areia, pedra, itapicuí⁵, ladeira

Eu tava sentado na areia
foi quando a mãe d'água me chamou
Eu estava sentadinha num banquinho de lavar
foi quando a mãe d'água me chamou

No tope da ladeira do Jucá
eu vi mãe d'água assubiar

⁵ É uma elevação entre a água e a terra.

Reinado de Rei Camundá

O reinado de Camundá é uma morada encantada do rei Camundá e sua família. Ele é cavaleiro, trabalha com cura e em suas doutrinas é perceptível uma forte relação com o mar. Mundicarmo Ferretti (2000) diz que Rei Camundá tinha várias filhas e por ciúmes transformou todas em diversos tipos de cobras. Por causa de sua atitude, ele “perdeu a patente” e foi transformado no Preto Velho “Camundá”, que está encantado no mar.

Toada do Bumba-meu-boi de Maracanã

Humberto de Maracanã

“Salve os terreiros que o pai Oxalá mandou
Turquia, Casa das Minas e a Casa de Nagô
Viva Deus!
Viva as Rainhas!
E os Reis na Encantaria:
Rei Badé, Rei Verikirke - o rei da Alexandria
Rei Guajá, Rei Surrupira
Rei Dom Luís, Rei Dom João
Rei dos feiticeiros, dos exús e Rei Leão
Rei Oxóssi, Rei Xangô
Rei Camundá, Rei Xapoanã
E Barão - rei de Iguaré
Protejam o Boi do Maracanã!”



Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=esJBGpNWO4Q&ab_channel=LauroMandela

É Rei Camundá (2x)
Camundá pé de bicho, Camundá é rei
Camundá de Holanda
Camundá é rei

(Doutrina cantada na Tenda Jurandense
de Itapecuru-Mirim)

Aê cavaleiro
sela cavalo pra montar
Sereia mandou recado
Rei Camundá vai passear

(Doutrina cantada na Tenda Jurandense de
Itapecuru-Mirim)

Mas aô casa Santa
Você me mandou me chamar
Eu já tô na casa de Deus
Com as correntes do Reis Camundá
Mas aô mãe de Deus (repete)
Mas aô nossa senhora (repete)
Não deixa quebrar (2x)
Quem vai mestrando é o rei Camundá (2x)
O mar balanceou
Remédio ele foi buscar pra mim curar
meus doentes
Lá fora, no meio do mar

(Doutrina cantada no terreiro Tenda
Jurandense de Itapecuru-Mirim)

Suas filhas mais conhecidas são Rosalina/cobra grande da lagoa, cobra jiboia, cobrinha verde e Boiuna, descritas em trechos de algumas doutrinas: (“chegou Dona Rosalina, cobra grande da lagoa”); cobra jiboia (“chegou a cobra jiboia que faz as outras boia, ela boiou, boiou, cobra grande da lagoa”); cobrinha verde (“cobrinha verde, urubarana, a surucucu é cobra tirana”); Boiuna (“Oh Boiuna, oh boiuna, que peso é esse que eu não posso carregar”).

Fonte: Jandir Gonçalves (2017)



Castelo de Rei Camundá-Terreiro de Dilma Freitas
Santa Inês

Minha morada é na beira do Igarapé
E nas areias tem jardim de colher flor
Ai ai minha linda garça branca
o meu mestre me chama pro jardim do meu senhor
Princesa fada, princesa fada, onde é tua morada,
minha morada é muito longe,
eu moro longe no reino de Camundá
Êh rei, eh rei, eh rei do Camundá a embala neném
Embala nené eh rei de Camundá,
Princesa fada não é mais uma camponesa
princesa fada não é mais uma princesa
princesa fada não mora naquele campo
Cadê minha linda carruagem
eu sou uma linda princesa
meu reinado é uma beleza

(Doutrina cantada por mãe Dilma Freitas - Santa Inês)

Indicação de vídeos do Youtube



Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=qSDAbEE-9i4&ab_channel=TribunaJurandiense-TambordeMina

Terra de Tenterém

Tenterém é uma palavra que aparece em diferentes contextos no universo da encantaria e é entendida como um ser supremo ou outra dimensão, outro mundo, onde as entidades circulam, como pode ser observado nas doutrinas abaixo.

O que deus promete
Nunca enganou a ninguém
Casa de Mina é segredo
No mundo de Tenterém

(Doutrina sobre Tenterém cantada por
Gustavo Costa-São Luís)

Dom Pedro foi correr mundo
Foi, mas não voltou (várias vezes)
A família de Dom Pedro Angaço
Vive no mundo de Tenterém
Ai, céu, no mundo de Tenterém

(Doutrina sobre Tenterém como um mundo)

Tambor tu não me bate que eu também vou te bater
Eu sou filho de Bogi, sou neto de tenterém
Tu quer ver vem tambor, tu quer ver vem
Tambor tu não me bate que eu também vou te bater
Eu sou filho de Bogi, sou neto de tenterém
Tu quer ver vem tambor, tu quer ver vem

(Doutrina sobre Tenterém como um ser)

Esta sessão foi preparada para ampliar o conhecimento de vocês sobre o universo afro-religioso maranhense, com informações sobre lugares, físicos ou não, de encantamento das entidades. Ao explorar e compreender essas narrativas míticas, docentes e discentes se conectam com elementos que contribuem para a construção de uma sociedade mais inclusiva e que respeita a diversidade. As histórias exploradas na sessão permitem maior aproximação com o conhecimento sobre entidades do imaginário maranhense por meio da mitologia local, a exemplo da lenda do Rei Sebastião.

Sem dúvida, é no processo de ensino-aprendizagem que ocorre a apropriação da cultura e, conseqüentemente, o desenvolvimento do sujeito e ao estudar aspectos das religiões de matriz africana na sala de aula, os estudantes têm a oportunidade de desconstruir ideias preconcebidas, combater a intolerância e o racismo religioso, além de ampliar sua consciência histórica, apreciando a cultura e religiosidade afro-brasileira, marginalizada ao longo da história.

Referências

AHLERT, Martina; LIMA, Conceição de Maria Teixeira. A família de Léguas está toda na eira”: tramas entre pessoas e encantados, **Revista Etnográfica**, vol. 23 (2) | 2019, 447-467.

FERRETTI, Sergio F. Encantaria Maranhense de Dom Sebastião. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**. Vol. 1, n.1, pp. 262-285, 2013.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Maranhão Encantado: encantaria maranhense e outras histórias**. São Luís: EDUEMA, 2000.

LIMA NETO, Bento Moreira. **Histórias do Porto do Itaqui**. São Luís: EDUFMA, 2007.

PEREIRA, Madian de Jesus Frazão. **O Patrimônio da Ilha Encantada do Rei Sebastião: a Ilha dos Lençóis no cenário do ecoturismo e das unidades de conservação**. Teresina: Concioneiro, 2022.

SILVA, Manoel de Almeida. Trajetórias de um Príncipe do Mar: Príncipe Ariolino. **Associação Ponto de Cultura ILEXP**. Chapadinha. 14 de Junho de 2012.

SILVA, Luiz Machado. Entrevista. (set./2018). Entrevistadores: André Nascimento; Lourival Andrade Júnior. Nazaré do Bruno/MA, 2018. **Revista de Humanidades**. v. 21 n. 44 (jan./jun. 2020).

INSTRUÇÃO TÉCNICA E ELABORAÇÃO DAS SESSÕES EDUCATIVAS DA ABA EDUCATIVO DO MUSEU AFRO DIGITAL DO MARANHÃO

Ejira



morada de encantados

Pesquisa e Texto:

Reinilda Oliveira e Jandir Silva Gonçalves

Orientação:

Viviane de Oliveira Barbosa

Capa e Projeto Gráfico:

Claudio Lima

Fotografias:

Reinilda de Oliveira Santos

Jandir Silva Gonçalves

Apoio:

Universidade Estadual do Maranhão

Programa de pós-graduação em História

Museu Afro digital do Maranhão



Vestindo o Santo



Comida de Santo



Simbolos de Terreiro



Instrumentos e cantos sagrados

ROTEIRO DE ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Tema da sessão	Eira: Morada de encantados
Objetos do conhecimento¹	Populações afrodescendentes e indígenas no Brasil
Série	3ª série do Ensino Médio
Duração	2 aulas
Área do conhecimento na BNCC / Subárea	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas / História
Competências da área na BNCC	5- Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
Habilidades da BNCC	(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
Habilidades COPEM	(EM13CHS102) - Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/ desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

¹ De acordo com o Caderno de Orientações Curriculares para o Ensino Médio da Rede Estadual do Maranhão (COPEM).

Habilidade sugerida	Analisar como inúmeros espaços geográficos se relacionam com o universo afro-religioso e como a história das entidades afro-maranhenses estão presentes nas doutrinas cantadas para elas, aproximando, assim, esse universo de lugares e situações que os alunos conhecem.
Palavras-chave	Encantaria, Identidade, Pertencimento, Diversidade, Doutrinas.
Aprendizagens essenciais na BNCC	Respeito aos direitos humanos e à interculturalidade e o combate aos preconceitos de qualquer natureza.
Objetivos²	Ampliar o conhecimento sobre o universo afro-religioso maranhense, a partir de conteúdos sobre as moradas de encantados, tendo em vista que, ao estudar aspectos das religiões de matriz africana na sala de aula, os alunos têm a oportunidade de desconstruir ideias preconcebidas, combater o racismo religioso, além fortalecer sua consciência histórica.
Metodologia de Ensino	- Sala de Aula Invertida: Pedir que os alunos leiam a <i>apresentação</i> e o tópico <i>História dos encantados</i> do livro <i>Maranhão encantado, encantaria maranhense e outras histórias</i> , de Mundicarmo Ferretti (disponível online); 1ª Aula - Exploração Teórica

² No Ensino Médio, a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade.

	<p>- Pedir que os estudantes apresentem as suas percepções sobre o material lido em casa. Em seguida, continuar a discussão falando sobre o que são mitos e como aparecem no universo afro-religioso, trazendo a associação de entidades a determinados lugares, além de explicar o significado de termos como encantado e morada de encantado;</p> <p>- Dividir a turma em três grupos para a leitura do conteúdo da sessão em sala, a divisão pode ser feita com base nos tópicos (moradas que existem concretamente, moradas que estão relacionadas a um tempo específico e moradas que não existem concretamente);</p> <p>2ª Aula - Atividade Prática/Avaliativa</p> <p>- Discutir a partir da leitura dos grupos sobre a temática, estimulando o debate e a troca de ideias entre os estudantes;</p> <p>- Apresentação dos grupos - cada grupo expressa o que entende do assunto a partir de uma criação artística, a exemplo de pintura, desenho, doutrina/música, gravura, encenação, contação de história, quadrinho.</p> <p>- A apresentação deve destacar suas percepções em relação à temática trabalhada e ao universo afro-religioso como um todo.</p>
Recursos Didáticos e tecnológicos	Sessão <i>Eira</i> : Morada de encantados PDF, data show e computador para expor fotografias, reportagens, filmes documentários; entrevistas com membros de terreiros.
Sugestão de interdisciplinaridade	<p>Disciplinas: História, Arte e Geografia.</p> <p>Duração: 3 aulas</p> <p>Tipo: peça teatral</p> <p>Local: Pátio, auditório ou uma sala de aula</p> <p>Título: Território e dramaturgia de moradas de encantados</p>

Objetivo: Compreender a relação entre a geografia e as moradas de encantados no Maranhão, por meio da utilização de recursos dramáticos e visuais, promovendo a valorização das narrativas territoriais e o reconhecimento dos pontos geográficos associados às histórias de encantamento da cultura afro-indígena-maranhense.

1ª Aula

Os professores das três disciplinas irão, previamente, dividir a sala em três grupos e convidar as outras turmas da escola para assistirem à apresentação.

- Em aula conjunta, os professores de História e Geografia podem trabalhar o conteúdo da sessão a partir da perspectiva histórica e geográfica com a contextualização de cada morada, localizando os municípios e pontos geográficos no mapa do Maranhão, além de problematizar outros aspectos apresentados nas doutrinas presentes na sessão. E, a depender da região, ainda é possível fazer uma aula campo, com visitas dos estudantes a algum dos lugares físicos mostrados na sessão;
- O professor de Arte pode ajudar os três grupos a organizarem as peças teatrais a partir da relação entre os pontos geográficos estudados e as histórias de encantamento contadas na sessão;

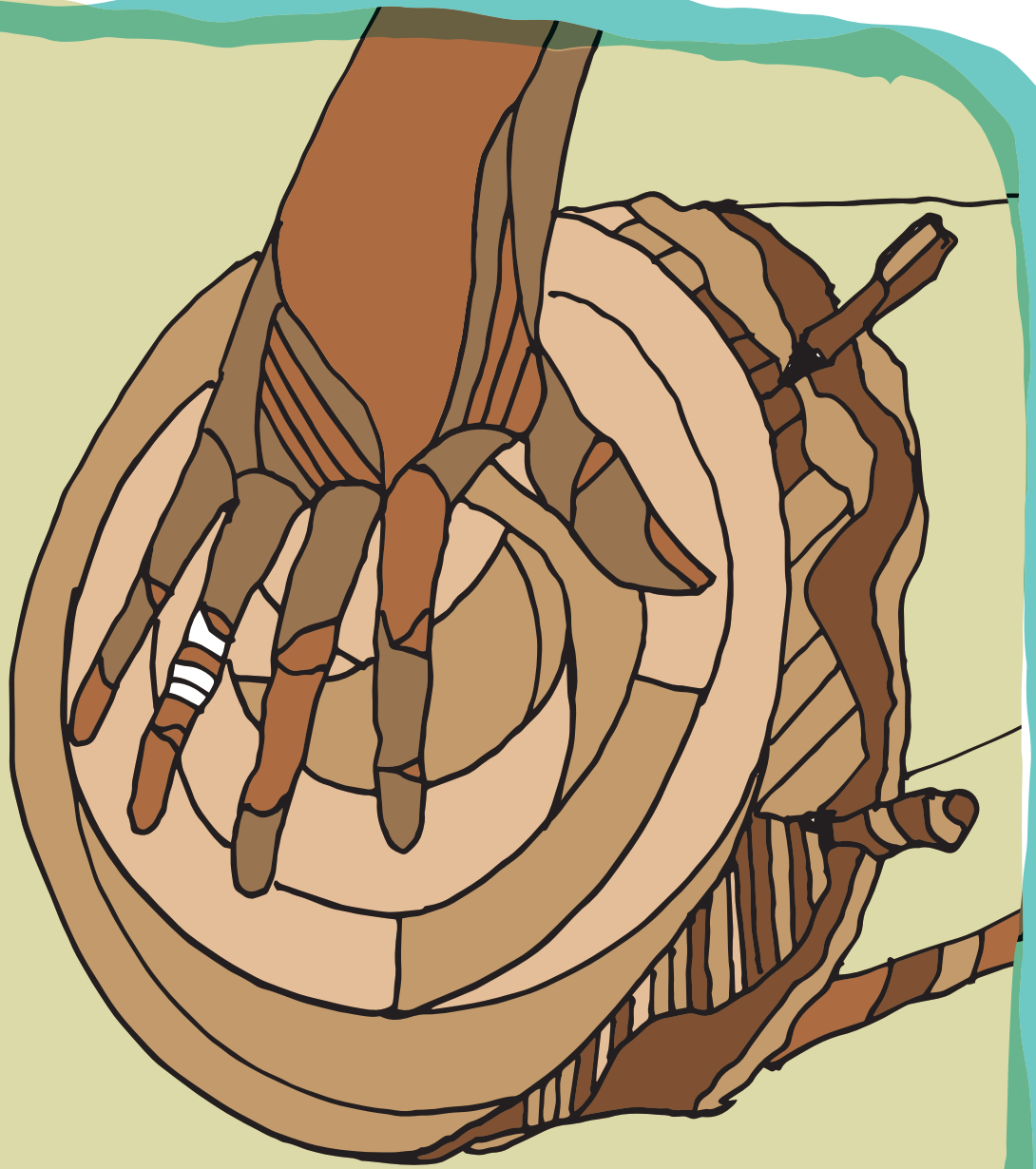
2ª Aula

- Ensaio dos grupos com a presença dos três professores;

3ª Aula

- Culminância e avaliação: Apresentação das peças e, ao final, cada professor em sua aula promove discussão sobre as percepções dos estudantes relacionadas às habilidades desenvolvidas durante a elaboração da atividade e ao tema, tendo em vista que essa atividade visa não apenas ampliar o conhecimento dos alunos sobre geografia e morada de

	entidades, mas também estimular sua criatividade e imaginação, integrando diferentes áreas do conhecimento de forma interdisciplinar.
Referências	<ul style="list-style-type: none">- FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. Maranhão Encantado: encantaria maranhense e outras histórias. São Luís: EDUEMA, 2000.- FERRETTI, Sergio F. Encantaria Maranhense de Dom Sebastião. Revista Lusófona de Estudos Culturais. Vol. 1, n.1, p. 262-285, 2013.- SILVA, Luiz Machado. Entrevista (set./2018). Entrevistadores: André Nascimento; Lourival Andrade Júnior. Nazaré do Bruno/MA, 2018. Revista de Humanidades. v. 21 n. 44, jan./jun. 2020).



*Instrumentos e
cantos sagrados*



Abatazeiro tocando tambor da mata - Bacabal

Sessão educativa 5

Instrumentos e cantos sagrados

Esta sessão foi elaborada para proporcionar um entendimento qualitativo sobre o universo afro-religioso no contexto do Maranhão, através de informações sobre musicalidade e instrumentos musicais utilizados em terreiros. A musicalidade é uma rica expressão cultural e, no contexto das religiões afro, contribui para a construção de identidades, configurando elemento fundamental nos rituais para a comunicação com as entidades espirituais. Os instrumentos musicais são utilizados para criar um ambiente propício à manifestação das entidades espirituais e para facilitar a conexão entre os praticantes e o divino.

Um indicativo claro que reforça a importância da musicalidade nos terreiros é a própria denominação aplicada a essas religiões como “batuque”, que, como destaca Gustavo Pacheco (2004), “era um termo genérico usado pelas autoridades coloniais portuguesas para as danças e cultos religiosos dos escravizados africanos, e hoje é o nome das manifestações religiosas de origem africana do Pará e do Rio Grande do Sul”. Além do mais, o termo utilizado para as religiões afro-maranhenses é Tambor de Mina, cuja relação com a música é intrínseca, com destaque para o tambor, instrumento que vamos conhecer melhor nesta sessão.

Compreender e respeitar a musicalidade e os instrumentos musicais das religiões afro-brasileiras é essencial para promover a inclusão e combater o racismo religioso, uma vez que a falta de conhecimento sobre o tema leva à perpetuação de preconceitos e discriminações. Ao estudarem aspectos das religiões afro, os estudantes têm a oportunidade de desconstruir ideias preconcebidas e promover o respeito à diversidade, exercendo sua cidadania.

Além disso, ao incorporar o estudo da musicalidade no processo de ensino-aprendizagem, os educadores proporcionam aos estudantes uma visão ampliada do patrimônio religioso brasileiro, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, capazes de valorizar e respeitar a diversidade em todas as suas manifestações, tendo em vista que os terreiros são locais de preservação dos elementos afro-brasileiros, através da culinária, línguas africanas, vestimentas, música, dança.

O universo musical do Tambor de Mina é amplo e diversificado. Pacheco (2004), um dos poucos pesquisadores que se debruçaram sobre as diversas linguagens musicais que integram o Tambor de Mina, demonstra que essas formas musicais são muitas e muito variadas, trazendo algumas dessas variações, como: os benditos e ladainhas cantados antes do início dos toques; as cerimônias públicas realizadas apenas poucas vezes ao longo do ano para diversas linhas espirituais, tais como o tambor de índio, o baião e a cura ou pajelança; os folguedos realizados a pedido de entidades espirituais (conhecidas de forma genérica como encantados), como o

Tambor de Crioula e o Boi de encantado; sem falar no toque de caixa característico das festividades do Divino Espírito Santo, realizadas em muitos terreiros. Entretanto, aqui exploraremos o universo das doutrinas e dos instrumentos musicais que dão cadência a esses rituais afro-religiosos.

As doutrinas são cânticos, muitas vezes chamados de pontos, específicos para cada entidade espiritual e são versos que homenageiam ou contam sua história, podem também trazer ensinamentos, mensagens dos guias espirituais e ainda podem servir para uma cerimônia ou momento particular, como abertura e fechamento de tambor. Elas podem variar de acordo com a especificidade afro-religiosa, por exemplo, no Tambor de Mina, o cântico de abertura é o Embarabô, no terecô é o Louvariê.

Muitas doutrinas são de domínio público e vêm sendo repassadas por gerações, como destacou Mundicarmo Ferretti (2014, p. 72) “as doutrinas são ‘tiradas’ pelos encantados durante os rituais ou ‘dadas’ por eles aos pajés em sonho ou em vigília e ensinadas por eles durante os rituais”. Elas são uma forma de evocar e homenagear as entidades espirituais e podem variar, refletindo a diversidade de influências dentro dos terreiros.

Na abertura do Tambor de Mina, há uma sequência de doutrinas a serem cantadas e uma hierarquia a ser seguida. No Terecô, por exemplo, começa com o dono da casa e, na sequência, os terreiros visitantes, no que chamam de pagamento ou troca de visita, que consiste em retribuir uma visita feita em sua tenda. Além disso, podem pedir licença para cantar e para salvar/saudar a tenda. Na abertura, quem vai para a boca do tambor¹ é o dono da casa, geralmente depois ele passa para quem canta, que é o pai/mãe, mãe pequena ou a segunda pessoa da casa, também há terreiros em que todos cantam, como o Tenda São Jorge de José Jordelino, conhecido como Pajezinho, no município de Carutapera.

A quantidade de doutrinas a ser cantada pode variar de acordo com a casa, como no terreiro abaixo, que colocou uma placa com a seguinte orientação “caros irmãos, por estarmos em festejo, pedimos que ao vir ao Tambor, jogue apenas 5 doutrinas, para que todos tenham a mesma oportunidade.”

As doutrinas falam de lugares, profissões, situações geográficas, situações cotidianas, características das entidades, iconografias, instrumentos musicais, origem, família, reinados, lugares onde moram, apetrechos de trabalho. Elas têm como objetivo louvar, chamar, energizar e reafirmar a fé do médium. A seguir vamos conhecer algumas:

¹ A pessoa que vai para a frente do tambor guia passar/cantar a doutrina.

Caros Irmãos, por
estarmos em festejo
pedimos que ao vir
do tambor, jogue apenas
5 doutrinas, para que
todos tenham a mesma
oportunidade.

Solicitação para que os convidados cantem apenas 5 doutrinas

Fonte: Jandir Gonçalves (2011)

Lugar onde moram

Vá buscar cabocla lá na mata do Codó
Manda buscar caboclo na mata do Codó
Vem cá caboclo, tô na eira, caboclo só.

(Doutrina sobre a Mata de Codó)

Em cima daquele morro
eu vi o raiar de sol,
É Rei Sebastião lá na praia do lençol.

(Doutrina de Rei Sebastião)

Cabocla Encantada
Da Ilha dos Caranguejos
Pele morena bronzeada
Que pena que não te vejo
Uns dizem que ela é homem
Outros dizem que ela é mulher
Na verdade, eu só sei que ela mora
na Aldeia de Tapindaré

(Doutrina da Cabocla Ita)

Nomes ou como querem ser chamados

“eu vou dizer o meu nome,
que é para saber me tratar,
meu nome é...”

Contam sua história

Ê todo mundo chorou, chorou de dor.
Foi quando a notícia correu.
Mataram o malandro, Zé Pilintra morreu.
Ai, ai, meu Deus, fizeram uma traição
Lhe deram uma facada na veia do coração.

(Doutrina de Zé Pilintra)

Eu nasci no arvoeiro
E me criei lá no alto do mar
O meu nome é Folha Seca,
Filho de Légua Buá
Meu pai é Légua Boji
Eu sou Légua Buá
É o mar, é o céu
É o céu, é o mar
O vento ventou
Foi lá na mata
Jogando as folhas secas no chão
O vento já parou,
A folha já caiu
Seu Folha Seca apanha uma por uma.

(Doutrina do seu Folha Seca)

Profissões e apetrechos de trabalho

Ô cadê meu mará, as água levou (2x)
As águas do mar são loira e ninguém vai lá (2x)
Ninguém vai lá, ninguém vai lá, é loira e ninguém vai lá. (2x)
Caçador que anda caçando(2x)
Se tu ver minha sururina faça favor de não matar(2x)
É caçador mamãe que anda caçando(2x)
A minha bichinha a passear(2x)
Ô Zé de légua meu boi tá amarrado no mourão(2x)
Não mata meu boi Zé, não mata meu boi não(2x)
Eu sou uma curadeira,
moradeira de Itabaiana.
Lá se pesca, quando eu deixo,
assim mesmo, de ano a ano.

(Doutrina sobre profissão de uma cabocla)

Situações geográficas

Batazeiro do meu pai
Bate uma marcha só pra mim
minha morada é muito longe
moro em Itacolomi.

(Doutrina sobre a Pedra de Itacolomi)

Na cachoeira de Rosário onde eu moro
Lá tem um peixe tubarão
Lá tem um mero, lá tem cação
Lá tem um moço que se chama Dom João.

(Doutrina de Dom João)

Característica das entidades

Sou mãe d'água loira
Os meus olhos é azul
A minha morada é lá
No Rio Itapecuru.

(Doutrina sobre Mãe D'Água)

Sou eu Mãe D'Água preta
Lá do poço de beber
Eu vejo gente
Oh gente não me vê.

(Doutrina sobre Mãe D'Água)

Reinados

O caminho do meu pai,
É do Brasil até a França
E o nome do meu pai é
Dom Luís, é rei de França.

(Doutrina de Dom Luís Rei de França)

Ô Zé, ô Zé, mas tu não mexe lá no reino de Badé (2x)

(Doutrina sobre um reino- Badé)

Instrumentos musicais

Tava tocando minha mariba meus caboclos,
Ah, eu sou marimbeiro
Tava tocando minha mariba no Codó
Ah, eu sou marombeiro.

(Doutrina sobre o instrumento mariba)

Os ritmos musicais dentro de um terreiro podem variar de acordo com as tradições locais e as entidades que estão sendo cultuadas, promovendo uma diversidade sonora. Por exemplo, no Tambor de Mina temos ritmos específicos, a mina corrida, dobrada e compassada, além disso, os instrumentos também variam de acordo com a região.

Pacheco (2008) mostra que todas essas cantigas se encaixam em alguns poucos ritmos, geralmente não mais do que três ou quatro, com algumas poucas variações. Para ele, tanto na mina nagô como na mina jêje apenas dois ritmos são facilmente identificáveis por qualquer praticante: o dobrado e o corrido, embora os

toques “dobrado” e “corrido” da Mina Nagô sejam diferentes do “dobrado” e “corrido” da Mina Jêje, com acentuação, velocidade e nuances rítmicos distintos.

Além desses dois toques, ele destaca que existem outros, como o repinicado na mina jêje, o cadenciado e o sapateado na mina nagô, mas há muita discordância sobre a nomenclatura e sobre a própria natureza desses toques, que ora são vistos como variantes dos dois ritmos principais, ora são vistos como ritmos com identidade própria.

Nós vamos conhecer agora os instrumentos musicais que acompanham as doutrinas em rituais no Maranhão, sendo os mais comuns a parelha de tambores / abatas / batá, o tambor da mata, o ferro e as cabaças/cuicas, mas também temos pandeiro /adufe, borá (uma sessão de taboca ou um búzio), saxofone, sanfona, triângulo, agogô, matraca, maracá, tarol, pífano/pife, taboca, ganzá (feito de lata de óleo vazia, com um ou dois tubos) e recursos (assobios, imitação de pássaros, garrafas, folhas de flandres, caixa).

A parelha de tambores / abatas / batás é um conjunto de instrumentos musicais membranofones com encouramento duplo, utilizados em pares e mais raramente em trios. Eles são conhecidos como tambor guia e contra guia e, dependendo da região, é tocado em um ou nos dois lados, é fixado na horizontal sob cavalete e um é sempre um pouco maior do que o outro. Pacheco (2004, p. 19) diz que “esse tambor é chamado geralmente de tambor da frente ou tambor grande, e é o primeiro a tocar, como nos lembra o ditado que diz “quando tambor pequeno fala, tambor grande já falou”.

Fonte: Jandir Gonçalves



Abatas/batas em terreiro de Viana

Tambor da mata em cavalete / terreiro em São Luís



Tambor da mata / terreiro em Viana



O tambor da mata é um instrumento membranofone feito de seção de madeira ocada, com encorajamento simples, usado sobre cavalete/cavalo, e na maioria das vezes, ele é cavalgado pelo abatazeiro, que também pode ficar na lateral. É usado em conjunto com os abatás, ferro e cabaças. No Terecô percebe-se atualmente que, além do Tambor da Mata, há a inclusão de tarol, saxofone, sanfona e, por vezes, os abatás, ferro, maracás, ganzás e gã.

Os tambores são vivos e por isso são batizados e recebem nomes, que nascem em algum momento do culto e podem ser nomes africanos ou brasileiros, tais como Estrela Guia, Força do Mar, Flor do Mar, Rei da Mata, Rei de Mina, Vento Branco, Ronco da Pedreira, Água Branca, Tambor Contra Guia Cabocla Flecheira, Tambor de Frente Pena Roxa. Estes nomes não obrigatoriamente estão inscritos no tambor. Eles são cobertos com toalhas e usados em conjunto com o tambor da mata, cabaças e ferro. Em São Luís, algumas casas antigas não usam o tambor da mata.



Fonte: Reinilda Oliveira (2023)

Para sua feitura são utilizadas madeiras de lei, madeiras nobres, por sua qualidade e resistência ao ataque de insetos e umidade, pois, além de durarem mais que as outras, propicia melhor sonoridade. São exemplos de madeiras usadas o cedro, criviri/criuli, macaúba, ameju e os tambores são encourados com diferentes peles. Na região da Baixada Maranhense, costumam usar couro de cobra sucuriju/sucuri nos tambores guia e contra guia e no tambor da mata usam couro de boi. Podem usar também couro de cabra na produção dos três tambores.

Pareilha de tambor - Povoado Recurso-Santa Rita



Fonte: Reinilda Oliveira

Para Pacheco (2004, p. 19), o tambor da mata é um tambor de madeira bastante similar ao tambor grande que integra o trio de tambores do tambor de crioula. Diz-se que o tambor da mata tem origem na nação Cambinda/Cabinda, e é associado à linha da mata de Codó; lá, o tambor da mata é encourado com cravelhas de madeira e afinado no fogo. Em São Luís e na maior parte do estado, é afinado por torniquete, como os batás.

Em alguns municípios, outros instrumentos como saxofone e sanfona entram para enfeitar a musicalidade nos terreiros. Não se tem informações concretas sobre o período em que eles foram inseridos, mas, em cidades do Centro e Leste do estado eles aparecem bastante, sendo o saxofone mais utilizado em Coroatá e a sanfona em Barra do Corda. Ambos podem cantar sozinhos uma doutrina ou cantar metade dela, e as pessoas respondem com a outra parte, quando a doutrina requer uma resposta.

Saxofone da Tenda Santa Bárbara / Lima Campos



Fonte: Jandir Gonçalves (2013)

O borá é uma sessão/pedaço de bambu utilizado como instrumento aerofone em festa de caboclo/índio, na região da Baixada e do Pindaré. Ele comanda o início, meio e fim do ritual, além de fazer a chamada dos caboclos. Ele funciona em conjunto com o abatas, tambor da mata, cabaças, ganzás e por vezes é acrescido de assobios. Na ilha de São Luís, o termo Borá também é conhecido como Tambor de Índio, onde utiliza-se um búzio grande como instrumento musical com as mesmas funções do borá de bambu.

Fonte: Jandir Gonçalves (2015)



Borá em festa de Caboclo - Tenda São Raimundo Nonato / Povoado Cara de Pau/Monção

Êhêhêhêh no meio da mata
Caboclo tocou borá
Lá na mata da Jurema serenou
Caboclo da Pena Dourada
Lá na mata da Jurema.

(Doutrina que fala de borá)

O pife/pífano, seção de bambu, é um instrumento musical aerofone, utilizado no Terecô, em cidades do centro e leste do Maranhão; também nessa região localizam outros instrumentos como sanfona, saxofone, tarol, triângulo e ganzá. O pífano funciona como uma flauta transversal, em conjunto com o tambor da mata, maracás e ferro. Atualmente, é bastante usado em qualquer báia no Terecô.

Fonte: Jandir Gonçalves



Tenda Espírita Santo Antônio- Santo Antônio dos Pretos/Codó

O tarol é um instrumento de percussão versátil, bi-mebranofone, capaz de produzir uma ampla gama de sons, dependendo da técnica de execução e da afinação das peles. Ele pode ser tocado de forma solista ou em conjunto com outros instrumentos de percussão, criando diferentes texturas sonoras. Ele é bem utilizado em diversas regiões, principalmente no Leste, Centro, Sudoeste e Baixada Maranhenses.

Fonte: Jandir Gonçalves



Tarol em Tenda São Sebastião/Monção

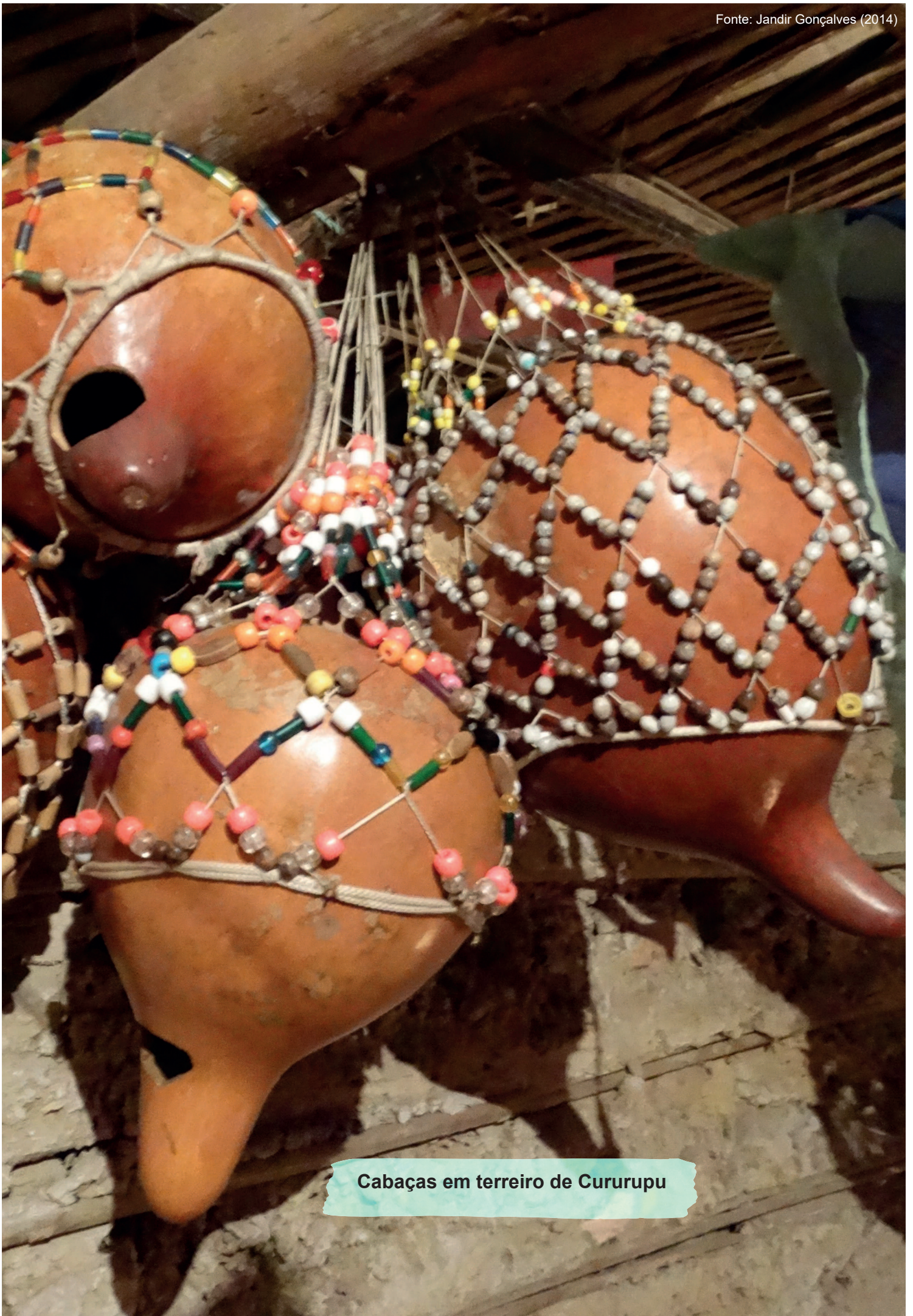
O tambor de taboca, seção de bambu utilizada em par, é um instrumento idiofone, percutido em cima de uma pedra, utilizado em conjunto com o tambor da mata, abatás, ferro e cuícas (cabaças) em municípios do Litoral Ocidental Maranhense.

Fonte: Jandir Gonçalves (2014)



Tambor de Taboca/Cururupu

No Tambor de Mina, as cabaças, também chamadas de maracás/chocalhos, sempre acompanham os tambores; sua quantidade e tamanho são variados conforme a casa, já os maracás/chocalhos são mais utilizados no Terecô com a mesma função. O instrumento musical é o fruto da cabeceira, recoberto com uma rede de fios com sementes de santa maria/lágrimas de Nossa Senhora encastoadas e tem variações, podendo ser feitas também com contas, miçangas e botões.



Cabaças em terreiro de Cururupu

O maracá, também conhecido por chama, é o principal instrumento do curandeiro, como argumentou o pai de santo de São Luís, Euclides Menezes (2003). É feito de cabaça, preferencialmente da cabaça do uruá, uma planta rasteira, cujos frutos são pequenos, já na medida certa para a confecção do maracá. Após a cabaça ficar seca, são retiradas as suas sementes, para que sejam colocadas as sementes da sororoca. Na parte inferior do maracá é colocado um cabo de madeira, onde o pajé segura, para sacudi-lo, emitindo um som bastante parecido com o som do chocalho da cobra cascavel.

Fonte: Reinilda Oliveira (2019)



Maracá na mão do pai de santo Gustavo- São Luís

Por fim, não podemos esquecer dos tocadores de tambor, que são indispensáveis para qualquer festa de terreiro, são chamados de batazeiros ou abatazeiros e podem ser homens e mulheres, que, no geral, fazem parte do terreiro ou podem ser contratados na ocasião da festa ou celebração. Há também os tocadores dos outros instrumentos, pois alguns instrumentos não são considerados instrumentos de especialistas, isto é, podem ser tocados por praticamente qualquer pessoa. A cabaça é o mais comum de ser tocado por não especialistas: em primeiro lugar, elas são um meio de fazer com que mais pessoas participem ativamente da cerimônia; em segundo lugar, e talvez mais importante, elas funcionam como uma espécie de laboratório musical para aqueles que estão sendo socializados no culto, como as crianças e os visitantes (Pacheco, 2004).

Esta sessão pode ser trabalhada para fortalecer o respeito à diversidade, a compreensão cultural e a construção de uma sociedade mais inclusiva, tendo em vista que, ao reconhecer e valorizar as tradições religiosas afro-brasileiras, contribuímos para a construção de um ambiente educacional mais enriquecedor e respeitoso com as múltiplas identidades do país. Ao trazer a musicalidade afro-religiosa para o ambiente educacional, os professores têm a oportunidade de trabalhar elementos da ludicidade e sensibilidades sensoriais, atreladas à história e cultura popular no Brasil e no Maranhão. Dessa forma, os estudantes aprendem sobre a musicalidades nas religiões afro-maranhenses, desenvolvendo habilidades críticas e sensibilidade cultural.

Quem escreve sobre isso



NEGRI, Pablo Rodrigues. **A musicalidade no candomblé: música e corpo como elementos rituais.** Revista Brasileira de Música, v. 25, n. 1, 2012.

OMENA, Maria Cristina de Souza. **Corpo e dança no Candomblé: saberes de corpo inteiro.** Tese de doutorado USP, 2006.

PACHECO, Gustavo. **A música do Tambor de Mina.** Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, nº 28, p. 16-23, São Luís, junho de 2004.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O corpo da fé: um estudo sobre o corpo e a religião no Candomblé.** Editora Terceiro Nome, 2007.

SIMAS, Luiz Antônio & RUFINO, Luiz. **Encantamento: Sobre política de vida.** Editora: Mórula, 2020.

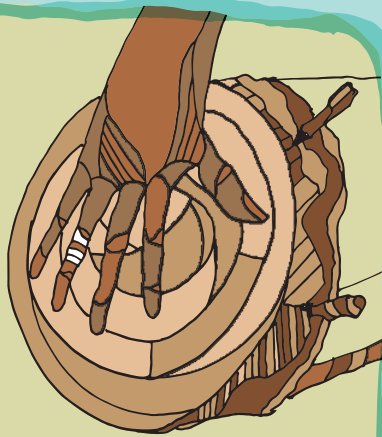
Referências

FERRETTI, Mundicarmo. **Desceu na Guma**: o Caboclo no Tambor de Mina. São Luís: EDUFMA, 2000.

FERREIRA, Euclides Menezes. **Pajelança**. São Luís: Editora Estação Produções LTDA, 2003.

PACHECO, Gustavo. A música do Tambor de Mina. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, nº 28, p. 16-23, São Luís, junho, 2004.

INSTRUÇÃO TÉCNICA E ELABORAÇÃO DAS SESSÕES EDUCATIVAS DA ABA EDUCATIVO DO MUSEU AFRO DIGITAL DO MARANHÃO



*Instrumentos e
cantos sagrados*

Pesquisa e Texto:

Reinilda Oliveira e Jandir Silva Gonçalves

Orientação:

Viviane de Oliveira Barbosa

Capa e Projeto Gráfico:

Claudio Lima

Fotografias:

Reinilda de Oliveira Santos

Jandir Silva Gonçalves

Apoio:

Universidade Estadual do Maranhão

Programa de Pós-graduação em História

Museu Afro digital do Maranhão



ROTEIRO DE ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Tema da sessão	Instrumentos e cantos sagrados
Objetos do conhecimento¹	Herança histórico-cultural e a importância da preservação da memória.
Série	1ª Série do Ensino Médio
Duração	2 aulas
Área do conhecimento na BNCC / Subárea	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas / História
Competências da área na BNCC	3. Reconhecer e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, locais e mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural. 4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica.
Habilidades da BNCC	(EM13CHS502) - Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
Habilidades COPEM	(EM13CHS104) - Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

¹ De acordo com o Caderno de Orientações Curriculares para o Ensino Médio da Rede Estadual do Maranhão (COPEM).

Habilidade sugerida	Reconhecer e valorizar a musicalidade e os instrumentos musicais afro-religiosos como prática cultural e religiosa afro-brasileira, analisando seus elementos sonoros, ritmos, instrumentos e doutrinas, e compreendendo sua relação com os contextos históricos, sociais e religiosos, a fim de promover o respeito à diversidade cultural e religiosa, gerando empatia, respeito à diversidade, além de colaborar com o desenvolvimento do pensamento crítico e da sensibilidade estética.
Palavras-chave	Religião afro-maranhense, tambor, musicalidade, doutrinas, estética afro-religiosa.
Aprendizagens essenciais na BNCC	Respeito aos direitos humanos e à interculturalidade e o combate aos preconceitos de qualquer natureza.
Objetivos²	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a importância da musicalidade e dos instrumentos musicais no processo de ensino-aprendizagem, proporcionando aos estudantes uma visão ampliada do patrimônio religioso brasileiro, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, capazes de valorizar e respeitar a diversidade em todas as suas manifestações. - Conhecer os instrumentos musicais utilizados nos terreiros do Maranhão, além de refletir sobre as doutrinas e sua relação com a vida das entidades cultuadas nas religiões afro.
	<p>- Sala de Aula Invertida: Pedir que os estudantes pesquisem na internet instrumentos musicais associados aos rituais afro-religiosos.</p> <p>1ª aula - Exploração Teórica</p>

² No Ensino Médio, a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade.

<p>Metodologia de Ensino</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Pedir que os estudantes falem dos instrumentos musicais que encontraram na internet e depois continue a discussão apresentando uma breve introdução sobre as religiões afro, enfatizando que a musicalidade é uma rica expressão cultural e, no contexto das religiões, contribui para a construção de identidades, configurando-se como elemento fundamental nos rituais e na comunicação com as entidades. Destacar que os instrumentos musicais que os estudantes vão conhecer na sessão são utilizados para criar um ambiente propício à manifestação das entidades espirituais e para facilitar a conexão entre os praticantes e o divino. - Problematizar a aula a partir do que os estudantes pesquisaram sobre o tema; - Dividir a turma em 6 grupos para leitura em sala (um para cada tópico apresentado na sessão). <p>2ª Aula - Atividade Prática/Avaliativa</p> <ul style="list-style-type: none"> - Discutir a temática, estimulando o debate e a troca de ideias entre os estudantes, a partir de reflexão crítica sobre a diversidade religiosa e cultural afro-brasileira através da musicalidade e dos instrumentos musicais apresentados na sessão. - Apresentação dos Grupos - cada grupo apresenta os instrumentos musicais escolhidos através de um resumo do tópico lido, com destaque para o tipo material de confecção, características, som produzido.
<p>Recursos Didáticos e tecnológicos</p>	<p>Sessão MUSICALIDADE E INSTRUMENTOS MUSICAIS (PDF), data show e computador para expor fotografias, reportagens, filmes, documentários; entrevistas com membros de terreiros.</p>
	<p>Disciplinas: História, Arte, Português e Educação Física</p> <p>Duração: 3 aulas</p> <p>Tipo: Feira musical</p> <p>Local: Pátio, auditório ou uma sala de aula</p>

**Sugestão de
interdisciplinaridade**

Título: No ritmo dos batuques afro-religiosos

Objetivo: Promover uma reflexão sobre as religiões afro-maranhenses, abordando aspectos históricos e expressões artísticas baseados nas doutrinas e instrumentos musicais afro, integrando os conhecimentos de Arte, Português, Educação Física e História, em um trabalho coletivo e reflexivo. A ação busca estimular a valorização das tradições afro, analisando os ritmos, cantigas, instrumentos musicais e seus significados dentro dos rituais.

1ª Aula

- Os professores das quatro disciplinas irão escolher previamente os grupos;
- Para o dia da feira musical, será necessário levar, além dos instrumentos musicais, outros elementos para ornamentar e enriquecer as apresentações, como cartazes, fotografias, tecidos, desenhos. Sugere-se que grupo seja o mesmo nas três disciplinas;
- O professor de História pode explicar a importância dos instrumentos nos rituais e seu papel na preservação da cultura afro-brasileira e orientar cada grupo a estudar um instrumento e preparar cartazes sobre ele, com destaque para o material de confecção, os sons produzidos, a função dentro dos rituais. Os estudantes podem pesquisar em suas próprias comunidades se há pessoas envolvidas em terreiros que possam trazer mais informações a respeito desse tema, servindo-se da metodologia do trabalho de campo antropológico e da história oral;
- O professor de Arte pode propor que os alunos façam representações visuais dos instrumentos escolhidos, podendo ser desenho, gravuras, réplicas ou versões adaptadas, utilizando materiais reutilizáveis como garrafas PET, latas de achocolatado, de tinta ou de leite, destacando seus detalhes e significados culturais, identificando os sons e ritmos, além de informações técnicas associados aos instrumentos;

- O professor de Português pode ajudar o grupo a analisar doutrinas e trabalhar a oralidade nas religiões afro-brasileiras, organizando cartazes ou instalações.

- O professor de Educação Física pode trabalhar, de forma teórica e/ou prática, a questão do ritmo e a corporeidade nas religiões afro, utilizando textos citados nas referências abaixo.

2ª Aula

- Alunos e professores organizarão o espaço em que será realizada a feira, ornamentando com elementos que remetem às religiões afro, como toalhas, bandeiras, indumentárias, tecidos, plantas, esteiras de palha, ou o que mais os alunos conseguirem levar. Além disso, devem convidar outras turmas da escola para visitar a feira e ouvir as apresentações dos grupos, e, inclusive as famílias dos estudantes.

3ª aula

- Culminância: Realização da feira musical com exibição das produções: instrumentos, réplicas ou versões adaptadas, apresentação sobre a importância das doutrinas, da oralidade, dos ritmos e movimentos corporais nas religiões afro através de cartazes, sons, exibições em vídeo por meio de data show, músicas em caixas de som, demonstrações ao vivo ou instalações.

- Avaliação:

- Participação nas atividades e discussão coletiva.
- Qualidade e criatividade das representações visuais e instrumentos criados.
- Capacidade de estabelecer conexões entre cultura, história e arte.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 20 de janeiro de 2024.

____. **Documento Curricular do Território Maranhense**: para a Educação Infantil e o Ensino fundamental. 1ª ed Rio de Janeiro: FGV, 2019, 487 p.

NEGRI, Pablo Rodrigues. A musicalidade no candomblé: música e corpo como elementos rituais **Revista Brasileira de Música**, v. 25, n. 1, 2012.

OMENA, Maria Cristina de Souza. **Corpo e dança no Candomblé**: saberes de corpo inteiro. Tese de doutorado: USP, 2006.

PACHECO, Gustavo. A música do Tambor de Mina. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, nº 28, p. 16-23, São Luís, junho, 2004.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O corpo da fé**: um estudo sobre o corpo e a religião no Candomblé Editora: Terceiro Nome, 2007.

SIMAS, Luiz Antônio & RUFINO, Luiz. **Encantamento**: Sobre política de vida Editora: Mórula, 2020.